

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Armazém das Artes,
Uma proposta de Serviço Educativo**

BÁRBARA DA SILVA CARDOSO

MESTRADO DE MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Armazém das Artes,
Uma proposta de Serviço Educativo**

BÁRBARA DA SILVA CARDOSO

MESTRADO DE MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

Dissertação orientada pelo Professor Associado Doutor Fernando António Baptista Pereira e co-orientada pela Professora Doutora Ana Duarte.

2011

Índice

Índice	2
Resumo, Palavras-chave	3
Abstract, Keywords	4
Agradecimentos	5
Introdução	7
Capítulo I: O escultor José Aurélio, o Homem e a Obra	12
Capítulo II: O Armazém das Artes	28
1. Missão e objectivos	29
2. O edifício no contexto da cidade de Alcobaça	29
3. Logótipo, apoios e parcerias	36
4. Acervo	39
5. Programação	54
6. Público	55
Capítulo III: Projecto de serviço educativo	57
a. Objectivos iniciais do projecto	57
b. Relatório/avaliação dos resultados obtidos	61
c. Reprogramação/definição dos espaços expositivos	66
d. Adaptação do projecto educativo às necessidades do público	74
Conclusão	81
Bibliografia	83
Anexos	86
I. Participação de José Aurélio em exposições (individuais e colectivas)	87
II. Cronologia de Obras de José Aurélio	92
III. Entrevista ao escultor José Aurélio	99
IV. Esculturas de José Aurélio doadas ao Armazém das Artes	122
V. Obras de Arte e Engenhos doados por José Aurélio ao Armazém das Artes	130
VI. Programação Cultural do Armazém das Artes	138
VII. Inquéritos realizados (ponto de partida para a concepção do projecto de serviço educativo)	147

Resumo

As visitas a espaços museológicos devem proporcionar aos públicos experiências enriquecedoras, dotadas de conhecimento e de aspectos lúdicos. Para tal devem privilegiar a educação não formal, o manuseamento de objectos indutores (conceitos ou emoções), intensificar a comunicação com os públicos, construindo com estes e com as suas “bagagens” interpretações relativas às obras/colecções, facilitar a interacção entre os públicos e entre estes e as obras/colecções.

Neste sentido, dirigimos as nossas atenções ao Armazém das Artes [AA] e às colecções que expõe temporária e permanentemente.

O objectivo primário desta dissertação consiste na elaboração de uma proposta de serviço educativo para o AA. A sua concretização só foi possível depois de conhecermos verdadeiramente este espaço expositivo, bem como as colecções que alberga e, principalmente, a obra do seu fundador, que se relaciona intimamente com o espaço que concebeu.

Como, actualmente, as atenções nos museus são dirigidas sobretudo aos públicos e às suas necessidades, fomos escutá-los e partimos das suas opiniões para conceber o projecto pedagógico.

Os museus e o património devem acompanhar a evolução tecnológica pois partindo desta podem criar de novos processos de comunicação, de valorização e até de gestão que visam à sua sustentabilidade

Para melhorar as acessibilidades, ou seja, facilitar a mobilidade e a interpretação, sugerimos o uso do design gráfico a fim de indicar aos públicos um roteiro/circuito de visita; por outro lado, aproveitamos a evolução tecnológica para auxiliar os públicos na busca de sentido sobre a obra e consequente leitura, assim como para propiciar o convívio e a troca de conhecimentos.

Palavras-chave

Museus, Educação, Interpretação, Aprendizagem, Comunicação, Experiência, Mediação, Armazém das Artes (AA), José Aurélio.

Abstract

Visits to museum spaces should provide enriching experiences to the public, endowed with knowledge and playful aspects. For this, museum spaces should focus on non-formal education, handle objects inducers (ideas or emotions), improve communication with the public, build with the public interpretations relating to works / collections, facilitate interaction between the public and between with the works / collections.

In this regard we give our attention to the Warehouse of the Arts [AA] and to its temporary and permanent collections.

The primary objective of this dissertation is the development of a proposed educational service to the AA. Its achievement was only possible after truly knowing the exhibition space, as well the collections it has, and especially the work of its founder that is closely related to the space designed.

As nowadays the focus in museums is directed mainly to the public and their needs, we asked the public about their opinions in order to design the educational project.

Museums and heritage must accompany the technological evolution in order to create new processes of communication, appreciation and even management aimed at sustainability.

To improve accessibility, as in to improve mobility and interpretation, we suggest the use of graphic design in order to indicate the public of roads / tours circuits; on the other hand, we must take advantage of technological developments, to assist the public in their search on the meanings about the work and subsequent reading, facilitating the interaction and exchange of knowledge.

Keywords

Museums, Education, Interpretation, Learning, Communication, Experience, Mediation, Armazém das Artes (AA), José Aurélio.

Agradecimentos

Agradeço a todos pela atenção bem como pela disponibilidade, paciência e compreensão que me dedicaram e proporcionaram a realização desta dissertação.

Ao escultor José Aurélio pela disponibilidade, paciência e simpatia com que sempre me recebeu; aos meus orientadores: Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira e à Professora Doutora Ana Duarte pelo que me ensinaram e inspiraram.

Tenho também que reconhecer o esforço e apoio da minha família, acima de tudo aos meus queridos pais, e amigos pois sem eles seria mais difícil concretizar este objectivo.

Ao Centro de Interpretação Batalha de Aljubarrota, em particular aos meus colegas, agradeço a flexibilidade e compreensão durante a frequência do mestrado.

A todos sem excepção muito obrigada!

Introdução

A “nova museologia” para além de se preocupar com as colecções e a respectiva conservação preocupa-se igualmente com os públicos e a satisfação das suas necessidades, enfatizando a educação e a comunicação. Deslocou-se para o visitante e para a comunidade, bem como para aquilo que eles devem auferir das instituições museológicas, que devem estar, antes de mais, ao serviço das pessoas. O museu deixou assim de estar centrado em si próprio voltou-se para o público, dando relevo ao papel educativo dos mesmos.

Foram vários os motivos que transformaram os museus em espaços ou recursos educativos, como meio didáctico ou mesmo como educador. As razões desta alteração são de ordem científica (progresso de ciências como a psicologia, a história, a etnologia), pedagógica (difusão da ideia de educação permanente e para todos, não apenas para um determinado grupo etário), didáctica (são reconhecidas vantagens em analisar e manusear objectos, bem como a sua tridimensionalidade no processo de ensino-aprendizagem), tecnológica e civilizacional (os meios de comunicação e as novas tecnologias permitem transformar os museus em centros educativos, espaços de lazer propícios à experimentação e capazes de promover a sociabilidade). Este novo contexto social e científico-pedagógico veio reequacionar a dinâmica organizativa dos museus, em termos de recursos, de estrutura funcional e de acções a desenvolver.

Eilean Hooper-Greenhill defende que os serviços educativos nos museus complementam o ensino da aula, assumindo a educação museológica para crianças como suplemento das escolas¹.

Segundo Olly Harrison «Tudo o que se faz num museu tem valor educativo, mesmo na ausência de toda a intenção deliberada. A maneira de apresentar os objectos, o espírito que preside à sua preparação, a amabilidade e a convicção do pessoal ao serviço do público, a qualidade estética das instituições e do material, a apresentação gráfica assim como o texto das publicações – tudo isso exerce uma influência positiva e contribui para a

¹ HOOPER-GREENHILL, Eilean – *Museum and Gallery Education*, 1998, p. 188.

educação tanto como os serviços cuja função é esclarecer o público. Certas actividades dos museus são, no entanto, expressamente educativas e é um pessoal especializado, recrutado para esse fim, que está mais apto a exercê-las»². Por outras palavras «a museologia concentra a sua atenção no homem, como protagonista do acto museístico»³.

O conhecimento é construído pelo próprio indivíduo na sua relação com o ambiente, a sua participação neste processo assume um papel fulcral⁴. A escola e a educação formal tornam-se insuficientes, pelo que a educação não formal, como a que é assegurada pelas instituições museológicas, tem vindo a adquirir uma importância redobrada. A educação que o museu proporciona é muitas vezes desejada e procurada, voluntariamente, pelo próprio interessado⁵. Os museus são ainda exemplo de um meio que proporciona a educação durante toda a vida o “lifelong learning”.

Eilean Hooper-Greenhill defende o uso de uma pedagogia que consiste em «proporcionar ao visitante oportunidades para que ele use o que já conhece para construir novo conhecimento e adquirir nova autoconfiança em si mesmo como aprendiz»⁶.

A aprendizagem fomentada pelos objectos foi destacada por Georges Henri Rivière afirmando que «a pedagogia ou o significado passam pelo objecto e pela sua apresentação ao visitante, e não mediante o texto. (...) mostrou magistralmente que o objecto comum – tal como o objecto excepcional - podia fazer vibrar da mesma maneira que uma obra de arte»⁷. Isto é, o objecto além de portador de informação, é também um estímulo ou um indutor a partir do qual é possível adquirir mais conhecimento.

Assim, a função dos objectos é insubstituível. As investigações provam a importância do manuseamento destes na própria estruturação do pensamento

² HARRISON, Molly – *L'éducation et les musées. Conseils pratiques*, 1948-1949, p. 2.

³ ESTIVILL, Rosa et al. – *La investigación del educador de museos*, 1985.

⁴ HUDSON, Kenneth – *Museums for the 1980s*, 1977.

⁵ ZETTEBERG, Hans L. – *Museums and adult education*, 1969.

⁶ HOOPER-GREENHILL, Eilean – *Communication and Communities. Changing paradigms in Museum Pedagogy*, 2000, p. 186.

⁷ RIVIÈRE, Georges Henri – *La Museologia. Curso de Museologia/Textos y testimonios*, 1989, p. 474.

e no desenvolvimento do cérebro, mesmo ao longo de toda a vida. *Hands-on e brains-on*: utilizar as mãos e o cérebro, fazer implica pensar: *learning by doing*⁸.

A educação não passa exclusivamente pelos conteúdos mas também pela sensibilidade e pela emoção⁹. Daniel Goleman ao estudar a inteligência emocional defende que os objectos dos museus – os bens culturais – não transmitem apenas conceitos ou ideias alusivas à história da arte nem são só testemunhos com significado histórico, estes têm uma rara beleza que provoca deleite ou não quando apreciados.

F.H. Hernández defende que o museu é um espaço de comunicação por excelência, dado que pode usar e potenciar os outros meios de comunicação¹⁰, assim como concorda que é igualmente um espaço de educação.

Só depois da primeira guerra, sob a influência do modelo americano, é que o papel educativo e social dos museus foi ganhando verdadeiro sentido. Em Portugal, a partir dos anos 60 e sobretudo desde 2004, quando a Lei-Quadro dos Museus foi aprovada, considera-se que a missão científica e artística dos museus é, ao mesmo tempo, uma missão educativa e social.

Tendo em conta estas perspectivas da educação em museus e sabendo que o desempenho destes depende dos respectivos projectos museológicos, museográficos e pedagógicos, decidimos debruçar-nos num importante espaço museológico e cultural – o Armazém das Artes em Alcobaça – e **observar a sua relação com os públicos com o intuito de a melhorar.**

O Armazém das Artes é uma fundação cultural mas, de acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses, Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, pode ser considerado um museu, visto que se insere dentro dos parâmetros exigidos para tal, bem como cumpre as funções associadas a estes.

Entende-se por «Museu¹¹ uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins

⁸ RUSSEL, Terry – *The enquiring visitor: usable learning theory for museum contexts*, 1994, pp. 19-20.

⁹ MCBRIDE e BRIDGES, David – *Evaluation, learning and museums*, 1994, p. 14.

¹⁰ HERNÁNDEZ, Francisca Hernández – *El museo como espacio de comunicación*, 1998.

lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.»

2. Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu (...)»

As funções museológicas¹² são:

- a) Estudo e investigação;
- b) Incorporação;
- c) Inventário e documentação;
- d) Conservação;
- e) Segurança;
- f) Interpretação e exposição;
- g) Educação.

Depois de definido o **tema** – proposta de serviço educativo para o AA – e sabendo a partir de onde o **fundamental**, houve a necessidade de definir que outras temáticas deviam ser abordadas. A resposta foi quase intuitiva, era **fundamental apresentar o AA e o seu fundador: o escultor José Aurélio**.

¹¹ Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto, Capítulo I, artigo 3º. (acedido a 7 de Novembro de 2011). http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto, Capítulo I, artigo 3º. (acedido a 7 de Novembro de 2011).

¹² http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto, Capítulo II, Secção I, Artigo 7º. (acedido a 7 de Novembro de 2011).

Assim, esta dissertação divide-se em três capítulos, sendo que o primeiro é dedicado àquele que permitiu escolhermos este tema para investigação (**O escultor José Aurélio, Homem e Obra**), visto que fundou o já nomeado espaço cultural, que será objecto do segundo capítulo (**O Armazém das Artes**). Visitámos e revisitámos o AA, investigámos, principalmente, sobre a sua génese, missão, acervo e programação. Conversámos e entrevistámos José Aurélio o que possibilitou conhecê-lo e compreendê-lo enquanto escultor e mediador cultural. José Aurélio e o Armazém das Artes estão intimamente ligados: o criador e a obra.

Relativamente ao terceiro capítulo, (**Projecto de serviço educativo**) a metodologia utilizada foi diferente. Além da pesquisa, neste caso a fundamentação teórica sobre museus e educação, na qual o projecto veio a assentar, desenvolvemos outro trabalho mais prático e de campo. Depois de definirmos os **objectivos do projecto**, recorremos ao público, através de **inquéritos**, com o propósito de **aproximar o projecto às suas necessidades/motivações**. Solicitámos aos inquiridos (vinte e cinco pessoas) que respondessem às questões espontânea e intuitivamente, vincando aquilo que sentem ao contactar com a obra/exposição. Primeiro analisamos os dados obtidos e depois interpretamo-los de modo a poder aproximar o projecto pedagógico às necessidades/motivações sentidas. Uma vez conhecidas as leituras dos públicos relativas ao espaço expositivo e particularmente a uma obra ali exposta, que definimos como transversal ao projecto pedagógico, *A Arca do Alquimista*, partimos então para a construção do mesmo.

Esta dissertação foi escrita ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Capítulo I

O escultor José Aurélio, o Homem e a Obra

José Aurélio nasceu em Alcobaça em 1938. Frequentou o curso de escultura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, realizou algumas viagens de estudo e trabalho, onde aprendeu novas técnicas, e expôs as suas obras em várias exposições¹³.

As suas obras¹⁴ estão representadas em colecções e museus de Portugal, Brasil, França, Holanda, USA, Japão e Inglaterra.

Henry Moore (1898-1986), Alexander Calder (1898-1976) e Picasso (1881-1973) são os artistas que mais o influenciaram, bem como a época medieval e a arte românica, com os seus monstros e misticismo.

Desde o tempo de estudante que José Aurélio participa em exposições, enquanto escultor e enquanto mediador cultural. A sua preocupação é a promoção e dinamização das artes e da cultura e não, unicamente, do seu trabalho.

Em 1958 foi convidado para trabalhar na Fábrica Secla nas Caldas da Rainha como director artístico, com o intuito de renovar a faiança portuguesa. O escultor transformou a conveniência de um emprego numa oportunidade de conhecimento e experimentação.

O primeiro reconhecimento ao seu trabalho foi, nesta altura, referente à peça **O Grito**, prémio de Escultura “Mestre Manuel Pereira”. Este reconhecimento impulsionou a sua participação na **I Bienal de Paris**, em 1959.

José Aurélio recebeu a sua primeira encomenda em 1960, ano em que abandona os estudos. Em 1961 participou na **II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)**, em Lisboa, com a peça **Besta 666**. É neste ano que se fixa em Óbidos, onde permanece durante 20 anos. Aí instala o seu ateliê e actua com vista à descentralização cultural, através de acções de dinamização cultural, no âmbito da Associação dos amigos de

¹³ vide anexo I: Participação de José Aurélio em exposições (individuais e colectivas).

¹⁴ vide anexo II: Cronologia de obras de José Aurélio.

Óbidos (1962-1963) e da Galeria Ogiva, que fundou (1969-1974). Além de criar as suas esculturas, promoveu o trabalho de outros artistas.

«Ao fim de algum tempo comecei a sentir necessidade de dinamizar processos culturais que levassem as pessoas a perceber que havia outras coisas, outras realidades. (...) Acabou essa minha vertente por fazer a Ogiva, porque entendi que valia a pena investir, em dar a conhecer artistas importantes. Tal verificou-se mais tarde, todos os artistas que estiveram comigo na Ogiva ainda são a nata dos artistas e isso foi de facto uma experiência que me levou, efectivamente, por paixão, pela minha maneira de ser, de estar, a ser curador, numa altura em que a palavra nem sequer existia.»¹⁵

Segundo Levi Godinho, «A Ogiva era um espaço de vanguarda(s), um espaço de diálogo inter-artístico, local onde se homenageou Josefa de Óbidos, onde expuseram os mais importantes artistas da época, onde se ouviu, ao vivo, o possível Jazz português desses tempos (...)»¹⁶.

A sua extensa produção medalhística inicia-se em 1966, com uma medalha para a Air France, destinada a comemorar os 20 anos da ligação aérea Paris-Lisboa. Nesse ano participa na exposição **Arte Portuguesa**, no Rio de Janeiro (Brasil). **A Mão**, a sua primeira obra pública foi concebida, ainda nesse ano, para o município de Óbidos.

Em 1969, participou, com outros duzentos artistas, no concurso para a medalha, duplamente comemorativa do Centenário de Calouste Gulbenkian e da inauguração do Museu Gulbenkian. Venceu o concurso e afirmou-se na cena da medalhística internacional.

José Aurélio elaborou elementos escultóricos metálicos para o Pavilhão de Portugal na Feira Mundial de Osaka, em 1970, e realizou visitas de estudo pelo Oriente, Médio Oriente e Europa.

¹⁵ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

¹⁶ GODINHO, Levi – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

A sua vida e obra são marcadas pela conjuntura política e artística que se vivia na década de 70, em que propôs modificações iconográficas e formais bastante inovadoras. José Aurélio é um homem muito atento ao que o rodeia, colhe e absorve tudo o que este tem para lhe dar «Foi a natureza que sempre influenciou a minha maneira de ser»¹⁷.

«Não há limite para o encantamento que quase tudo em mim provoca! Como é bom descobrir a beleza contida na agulha de um pinheiro, no caprichoso desenho de um opérculo, na estrutura de uma pena ou no brilho dos olhos da minha gata, no rigor de um triângulo, na perfeição de uma esfera. (...) Como é bom sentir-me um átomo de um cosmos formado por milhões de milhões de minúsculos cosmos interdependentes e ter a consciência da sua complementaridade.»¹⁸

Enquanto escultor deseja expressar o entendimento que vê entre a natureza e o homem, entendimento este que ultrapassa a visão objectiva e realista. Os mistérios e as coisas assombrosas exercem sobre si um grande fascínio e a mulher é considerada uma das grandes dádivas do céu.

Promove na Galeria Ogiva, em 1971, a grande exposição colectiva de **Homenagem a Josefa de Óbidos**, e concebe, para esta, uma escultura com o mesmo nome. Em 1972, promove a exposição **Bambinelas**, com Artur Rosa e Helena Almeida. No ano seguinte, expõe individualmente **60 Esculturas**.

O 25 de Abril, para além das consequências políticas, económicas e sociais, propiciou uma abertura de ideias e conceitos estéticos e estimulou o mercado da arte. É neste ambiente de liberdade e experimentalismo que o escultor alargou o seu imaginário e concretizou-o, sobretudo, na arte pública. Afirmou a sua autonomia criativa, o domínio das técnicas e o investimento em novas linguagens, que evidenciaram a sua consciência sociopolítica e a intervenção cívica. «As esculturas públicas de José Aurélio são pontos de conexão identitários que subtilmente reforçam os elos que ligam as

¹⁷ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

¹⁸ AURÉLIO, José *Fascínio da Vida*, 1995. in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

comunidades aos seus lugares de memória e os projectam no futuro». ¹⁹ Estas têm uma linguagem que procura exprimir sentidos, ideias e emoções. Como o próprio afirma «a função da escultura é na rua, é a relação com as pessoas, é com o espaço urbano que se cumpre». ²⁰ Mário Soares considera José Aurélio «um escultor de muito mérito - de grandes obras públicas e de peças de ateliê - um criador de jóias e de outras alquimias (como ele diz) e um excelente medalhista. Além disso, é um cidadão atento, que viveu com entusiasmo o 25 de Abril e que tem participado, desde o final dos anos 50, nos movimentos cívicos em favor da liberdade.» ²¹

Em 1976, a sua obra fica ainda mais reconhecida com o **Monumento e memória ao general Humberto Delgado**, em Cela Velha, Alcobaça. E, no ano seguinte, realiza a **Cruz de Cristo 3D** para a Embaixada de Portugal, no Brasil.

Foi bolseiro da FCG, entre 1978 e 1979, e graças a isso fez novas viagens e investigações. Realizou nessa instituição a exposição **Escultura e Vida**, em 1979, e participou, no ano seguinte, na SNBA, numa exposição alusiva ao **IV Centenário de Luís de Camões**. Para esta cria a **Máquina do Mundo**.

Para o escultor, cada projecto tem a sua especificidade e, por isso, tem a necessidade de se apropriar dos lugares e partilhá-los com as gentes a que se destina: «quando ocupo um espaço público com a resposta a um problema que me foi posto, interessa-me que ele seja resolvido de maneira a que as pessoas possam partilhar dele». ²² Cristina Azevedo Tavares considera que é assim que os monumentos e a escultura pública devem ser concretizados, pois estes «são um momento importante de encontro das populações com a arte. Fora dos museus e das galerias, a escultura pública oferece-se a quem passa, e priva com o cidadão anónimo. (...) permitindo-se interferir sobre as pessoas,

¹⁹ VICENTE, Sérgio – *Fogo e Areia*, 2005, p. 68.

²⁰ AAVV. *José Aurélio – Escultura*. Almada, Galeria Municipal de Arte, 1989, p.8.

²¹ AAVV. – *Gestos e Sinais*, Cortes, 2001.

²² Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

solicitar que a vejam, que se movam dentro dela, instaurando um sentido lúdico (...) e uma relação de alegria.»²³

Cada obra é única, porque é feita com um propósito. O escultor justifica: «E não gosto de ampliar coisas, é muito raro! Posso ampliar uma ideia, mas não amplio uma solução, não é ampliável! Cada escala tem a sua própria solução, que lhe é dada pela coisinha pequenina ou pela coisa muito grande! A ideia pode ser interessante para ser explorada numa outra dimensão, mas assim é uma peça nova, não tem nada a ver com aquela.»²⁴.

Na opinião de Victor Serrão, «Desde há muitos anos (de facto, que eu saiba, desde que o artista se conhece como tal) que esse caminho criativo é sempre idêntico. Inicia-se com o acto de colectar a informação necessária, recorrendo à pesquisa de historiador e aos informes da memória, de seguida organiza e elabora os dados recolhidos (utilizando o indescritível ambiente do seu atelier de Alcobaça, que mais parece, no dizer de Mário Soares, uma última granja de monges cisterciense resgatada das memórias), abre-se a uma espécie de diálogo surdo com a peça imaginada, e perscruta-lhe de seguida a essência, através de inúmeros estudos preliminares a fim de descobrir como deve assumir, na fase criativa, o essencial do tema. Ou seja, assume o desejo de atingir, numa espécie de conhecimento alquímico, os sinais precisos na identidade buscada, a partir dos quais poderá finalmente elaborar o objecto certo para a dimensão dos sonhos»²⁵ o próprio escultor o diz: «Ainda ontem à noite e hoje de madrugada (...) estive a desenhar umas peças que achei muito curiosas e estou muito contente porque não é todos os dias que a gente tem ideias de que gosta e que são novas e que me vão levar a fazer mais umas peças.»²⁶

As suas esculturas têm identidade e expressão próprias, são singulares. Por um lado, são representações simbólicas incorporadas de um profundo conhecimento do tema, em que combina a forma e expressão a adoptar; por

²³ Tavares, Cristina Azevedo – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

²⁴ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

²⁵ SERRÃO, Vitor – *Fogo e Areia*, 2005, p. 73.

²⁶ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

outro, estão carregadas da espontaneidade do seu processo criativo, demonstram uma profunda compreensão das diferentes linguagens predominantes na escultura contemporânea. José Aurélio concilia, harmoniosamente, conceitos e ideias opostas «figuração e abstracção, informalismo e geometrismo, simbologias e sinaléticas, conceptualismo e objectividade»²⁷ e cunha-as com ironia e sentido de absurdo.

A sua experiência na Fundação Sá Lemos, em Vila Nova de Gaia, proporcionou ao escultor a apropriação de um método de mediação para o transformar numa técnica criativa. Deixou de ter moldes, cria directamente na areia, abrindo sulcos, escavando as formas, obtendo um negativo sem que para isso tenha existido um positivo. Fica, assim, eliminada a possibilidade de produção de réplicas, o resultado é mesmo uma peça irrepetível.

Em 1981, volta para Alcobaça, recupera para sua residência e oficina a Casa da Quinta da Preta. Dedicase cada vez mais à escultura pública, interveniente no meio natural e cultural para o qual é concebida.

Apresentou um conjunto de jóias alusivas aos Descobrimentos a exposição **XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura** em 1982. No mesmo ano criou para a Carris uma obra com a mesma denominação. Também o **monumento à Padeira de Aljubarrota**, para o centro da vila de Aljubarrota, foi realizado nesse ano.

Coisas Íntimas é o nome da exposição que realizou em 1983 no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Em 1984, participou, como convidado, no workshop “Ressurgente Art Medal” na Universidade de Pensilvânia, USA e, em 1987, participa no Congresso da British Art Medal Society, Inglaterra. Resultou destas participações uma parceria com o escultor David Reid, e juntos, promoveram na ESBAL e na Casa da Moeda, cursos de novas tecnologias de fundição em cera perdida.

Expôs, individualmente, na Casa da Moeda (Lisboa) em 1987, **18 esculturas e 40 medalhas** e criou a peça **Dobragem**. A **Homenagem à**

²⁷ LAMBERT, M. Fátima – *Acerca das Tendências da Escultura Portuguesa*, 1996. – in www.armazém das artes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

Revolução Francesa foi apresentada em 1989, ano em que expôs na Galeria Municipal de Almada parte da sua obra na exposição **Escultura**.

Entre 1989 – 1990 estudou e desenvolveu as **Gárgulas para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo**. **Sereia Ninfita Neptuna** foi a mascote que concebeu para a Comissão dos Descobrimentos na Exposição Universal de Sevilha em 1992.

É um artista permeável, procura sempre saber mais, descobrir e manipular novas ou diferentes técnicas e materiais para executar o seu trabalho:

«O que é facto é que não sou capaz de estar parado muito tempo na mesma coisa. Quase todos os artistas passam por fases, as minhas são muito curtas. As técnicas vêm desta minha necessidade de conhecer, perceber, investigar, experimentar e perde-se de facto muito tempo com isso e esse tempo muitas vezes será prejudicial na minha produção mas é fundamental na minha realização».²⁸

São assim, muitas e variadas, as linguagens que utiliza e o seu total conhecimento e manuseamento são, para si, fundamentais «Desde muito novo percebi que cada técnica tem as suas exigências e as suas possibilidades. O bronze permite que tu desenes. Eu tenho a cabeça de um rapaz, uma bela cabeça que tem pestanas. É evidente que a pedra não te permite fazer pestanas mas o bronze permite. (...) Os materiais e as técnicas têm as suas limitações pois estão intimamente ligados. De facto é preciso ter essa consciência e fazer as coisas para os materiais que se idealizaram e que são condicionados por uma série de razões. Pode haver uma opção do escultor, do cliente, há uma data de coisas percebes? Económicas também! Quando um escultor vai fazer uma coisa num determinado material tem que saber, ou melhor, tem que realizar o trabalho de acordo com o material que vai ser

²⁸ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

explorado. Aí, o ferro tem coisas bestiais. Como é sempre trabalhado directamente, tu podes fazer aquilo que quiseres»²⁹.

Também a resistência ao tempo deve ser tida em conta aquando da escolha de cada material:

«Desde cedo percebi que a pedra e o bronze seriam materiais que melhor se aguentariam no tempo (...) Por mais que se faça há materiais que são eternos. Que são aqueles que duram mais e continuam a ser estes e ainda não houve substitutos para eles que é a pedra, o bronze, depois mais tarde, a partir do ferro, que também é um material, enfim, que não é tão perecível como os outros. A madeira também não é tão perecível, mas que apodrece, cria bichos, portanto embora se possam fazer outras experiências no sentido de fazer ensaios com outros materiais, eu também já os fiz, as fibras de vidro, essas porcelanas todas, que envelhecem muito mal, percebes, elas também se degradam (...) Os grandes materiais continuam a ser a pedra e o bronze. É evidente que isso faz pressupor um determinado tipo de pretensão, pretensão a vários níveis que é uma pessoa querer ou estar convencida da imortalidade da sua peça, de maneira que há uma certa tendência para a pessoa cair na tentação de promover a eternidade, no fundo como os mecenas antes de nós, tanto os mitológicos como os verdadeiros – os imperadores que queriam o seu retrato, a sua estátua – faziam para se manterem vivos.»³⁰

Actualmente, estas preocupações não ocupam as mentes dos artistas segundo o escultor:

«Hoje a confusão está instalada porque a ideia de perdurar no tempo se perdeu completamente. Hoje, a arte contemporânea é feita de lixo e é efémera. (...) O lixo está na moda. Eu poderia ter enveredado como muitos colegas meus pelas novas correntes e esquecer tudo o resto, mas, ou por incapacidade minha ou por

²⁹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

³⁰ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

convicção cega, mantenho-me fiel aos meus materiais. Com incursões aqui e acolá, que só me levam à conclusão que não vale a pena... (...) Estou a trabalhar com circuitos impressos que é uma coisa fabulosa, aquilo é mais um estádio do homem. Aquilo é fabuloso! E aquilo também vai desaparecer, a nano-ciência e a tecnologia a ele agarradas vão miniaturizar de tal maneira as coisas que daqui a dez anos já não há circuitos impressos visíveis. (...) Os circuitos impressos são fabulosos, mas também se estragam. Só que aquilo que se estraga não se vê, porque são as conexões entre os filamentos. Portanto tu tens um circuito impresso que já não funciona, que está para deitar fora mas que está intacto, visualmente falando. Fiz uma serie de jóias com essas coisas e estão lindíssimas. Mas o mérito não é meu. O mérito que tive foi descobrir aquilo, recuperar, montar e tal... é utilizar a mais-valia que as peças têm, mais-valias fabulosas, não só humanas como materiais e podemos reconstruir noutra direcção, noutra valência.»³¹

A diversidade é uma característica que muitos realçam na obra de José Aurélio. Segundo o escultor, «a minha diversidade vem da minha grande sensibilidade ao mundo que me rodeia; eu estou, permanentemente, a ser motivado para coisas novas, coisas diferentes que conheço onde me encontro, onde me descubro (...) A obsessão pelos materiais (...) para mim, os materiais, as tecnologias, o fazer, o saber como se faz é o mais importante; quantas coisas eu acabo de as fazer mais pela emoção de descobrir o processo de as fazer, do que pelo fim a atingir.»³².

Vasco Graça Moura assume que «O que mais me impressiona na obra de José Aurélio é a sua enorme versatilidade. Da madeira ao ferro, da pedra ao plástico, do vidro à cerâmica e a outros desvairados materiais, o escultor utiliza uma linguagem específica, uma humildade artesanal e uma força articuladora

³¹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

³² AAVV. José Aurélio – Escultura. Galeria Municipal de Arte, Almada, 1989, p.8.

da descoberta, uma simbologia e uma relação com o espaço e os elementos naturais, que creio serem únicas no panorama das nossas artes»³³.

Para Levi Godinho, a diversidade da sua arte é, ao mesmo tempo, unidade. «Quem conheça o itinerário de quase 50 anos de criação de José Aurélio sabe das diversidades empolgantes da sua obra; diversidade disciplinar – escultura *tout court*, cerâmica, medalhística, joalheria, design, desenho, e mesmo pintura (aplicada); diversidade dimensional: objectos do mais pequeno formato – união de delicadeza de concepção e de finura do gesto – às obras da mais gigantesca dimensão, onde esbelteza e energia e o sábio calculismo da mão e do espírito obstam à queda no “brutalismo”, já que a mesma sensibilidade, aristocrática no requinte e democrática nas propostas, tudo une, tudo toca pelo meio desse “estado de graça” em permanência: a maneira tão pessoal; ainda diversidade matérica, sendo patente a sobranceira e a facilidade com que o artista trabalha, como que com eles irmanado, os mais diversificados materiais, desde os metais preciosos aos vulgares, da pedra, do barro e do vidro à madeira, do arame às canas (...) dos materiais industriais às mais simples propostas elementares da natureza; e talvez o mais relevante, diversidade estética, pois para Aurélio não há segredos no que respeita às “gloriosas” manigâncias e “ismos” do seu século (e de outros), tendo sempre presente uma espécie de “oralidade de serviço” de raiz humanista, uma preocupação de “mensagem” não caindo, no entanto, no populismo apelativo, nem no gosto fácil da multidão ávida de simbolismos primários e redundantes, nem tão-pouco se traindo em certos gratuitismos espalhafatosos (...)»³⁴.

A sua escultura é singular e insubmissa, remete-nos para um universo mágico, onde converte em formas, imagens e conceitos os temas enigmáticos, místicos ou metafóricos: «A abordagem dos mitos e símbolos da história obrigou-o a uma reinterpretação escultórica dos protagonistas ou dos acontecimentos de projecção pública»³⁵. Na opinião de João Bonifácio Serra, «Os caminhos da criação artística cruzam-se, desde os primórdios, na obra de

³³ MOURA, Vasco Graça – *Variações Metálicas*, 2004, p. 5.

³⁴ GODINHO, Levi – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

³⁵ LAMBERT, M. Fátima – *A Escultura dos Escultores Acerca das Tendências da Escultura Portuguesa*, 1996, p.115.

José Aurélio, com os do património histórico – cultural. De facto, nela abundam as peças que assinalam acontecimentos e figuras da história portuguesa, mais longínqua ou mais recente (...) O trabalho sobre a memória histórica e o diálogo com o património constituem exigências de uma reflexão moderna sobre a identidade, quando esta é vista como uma construção e não como um dado, um múltiplo e não uma unidade predeterminada. (...) Nesta perspectiva, a obra de José Aurélio, preenche um espaço importantíssimo da relação do Portugal actual com a sua própria memória.»³⁶

«Na sua arte, “jogo” e “função” dialogam em mútuo respeito, sendo o lúdico temperado por um carácter grave, cuja seriedade nunca se torna “pesada”, corpo aberto à reflexão, mas também ao devaneio lírico e ao prazer espiritual – adulto – e homem de conhecimento – o escultor não esqueceu nem renegou nunca a criança dentro de si.»³⁷ Esta é a sua postura enquanto cidadão e escultor «A unidade fundida de uma vida toda dedicada, cega e apaixonada sem limites de tempo e esforço são ponto assente e indiscutível da sua maneira de estar e de se assumir como cidadão nos ventos do mundo.»³⁸

José Aurélio «não se limita a desenhar ... e mandar fazer. Não! Como artista ele não renega o artesão o operário ou o engenheiro. Ele anda por fábricas, armazéns, hangares, sobe e desce altos andaimes e escadarias, expondo-se ao calor das soldaduras, ao pó das pedras, às limalhas, trabalha sob ventos e intempéries, decidido, problemático e inquieto na sua natureza. Organizando e calculando, montando, equilibrando, em suma, estruturando.»³⁹

«A minha relação com os processos e técnicas de fundição, a minha curiosidade, a minha vontade de conhecer por dentro todas as regras, conhecer por dentro todas as voltas que uma peça dá até ser fundida e ficar pronta, levaram-me a permanecer longos períodos numa fundição ora acompanhando e participado na

³⁶ SERRA, João Bonifácio – *Fogo e Areia*, 2005, p.33.

³⁷ GODINHO, Levi – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

³⁸ RIBEIRO, Rogério – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

³⁹ GODINHO, Levi – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

passagem a bronze de alguns dos meus trabalhos, ora pesquisando novas formas de expressão a partir dos meios proporcionados pela fundição em areia.»⁴⁰, «o que dá um gozo do caracas, umas texturas e umas coisas muito bonitas que mais nada dá!»⁴¹.

«Conhecer a sua casa – ateliê é como ter o prazer de uma boa visita guiada a um museu e repositório dos objectos mais diversificados – peças de arte antigas e modernas, ferramentas e utensílios, pedras, minerais, objectos *trouvés* do mundo natural e artístico, livros e documentos (...) mas é também conhecer a verdadeira oficina de árduo e polivalente trabalhador manual.»⁴²

As suas esculturas são trabalhadas em vários materiais, desde os mais nobres a objectos que encontra ou que o “encontram a si”, venham eles de uma oficina, de um laboratório, do campo ou de uma casa em ruínas, como o escultor conta «os objectos que me tocam, sensibilizam-me mais, são apanhados imediatamente, para fazer uma escultura, porque a vislumbro logo. Outros guardo-os, porque tenho a sensação que serão úteis numa escultura que há-de vir (...)»⁴³

As suas obras têm representações muito diversificadas, desde as jóias a esculturas gigantescas. É curioso a mesma pessoa trabalhar em escalas tão diferentes. José Aurélio explica que não sabe porque é que assim acontece, mas reconhece que é algo que muita gente questiona

«A questão das escalas é uma coisa muito engraçada, já várias pessoas escreveram sobre isso. Porque por um lado faço jóias e depois, por outro, faço coisas monstruosas! Eu não sei responder e tenho medo de ser pretensioso quando respondo! Respondo da única maneira que me é possível. Eu sinto-me bem em todas as escalas percebes? Não faço esforço nenhum para trabalhar em algo maior ou mais pequeno e não faço esforço nenhum, isso está

⁴⁰ *viagem pelo tempo 200* – in www.armazém das artes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011)

⁴¹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral em anexo).

⁴² GODINHO, Levi – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

⁴³ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

dentro de mim. (...) Tenho uma grande capacidade de me adaptar às circunstâncias, isso é uma característica minha. (...) Dá-me a sensação que há em mim, não lhe chamemos qualidade, mas possibilidade de manobrar as coisas não importa a que escala!»⁴⁴ Ainda sobre esta questão, Rogério Ribeiro diz que o trabalho do escultor «é o voo livre e delicado que desenha no espaço a gaivota que muda de rumo e regressa ao porto. Esta afirmação ao gosto de metáfora, deseja significar o sentido duma unidade forte entre a jóia apertada entre os dedos e o cinzel que a marca e a chapa de ferro içada a poder da máquina, calculada agora no computador»⁴⁵

A contaminação de uma vocação puramente estética, simbólica ou comemorativa da escultura pela vida quotidiana nunca corresponde a uma trivialização ou rebaixamento de estatuto, mas antes dotar a peça de elementos poéticos ou de humor, que assim cativam afectivamente o espectador.

Nos anos 90 realizou várias obras que se espalham por todo o país. **Monumento ao Trabalho, Alegoria ao desporto e Natureza metálica** são obras de 1993. No ano seguinte criou a peça **D. Sebastião e os eternos nevoeiros**. Em 1995 realizou, na Culturgest, uma instalação denominada **Pulseira do Mar** e, no mesmo ano e local, realizou exposição **Ouro, Prata, Marfim e outras Especiarias**.

Em 1997, na Casa Fernando Pessoa (Lisboa) expôs peças alusivas ao título da exposição **3 Encontros com Pessoa**. No Palácio do Marquês, Sintra, realizou a exposição **Phoenixes**. Produziu, para o Edifício Tranquilidade-Vida em Lisboa, **Escultura metálica**. Criou, ainda nesse ano, **Bicharoco** e **Pioneiros de aviação**.

Ganhou o prémio “Open Medal Prize” no FIDEM em Haia (medalhística) em 1998 e, no ano 2000, o prémio Print no FIDEM de Berlim. Constava do

⁴⁴ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁴⁵ RIBEIRO, Rogério – *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Almada, 2000.

pavilhão da Santa Sé, na Expo'98, a peça **Nossa Senhora da Boa Viagem**, criada para o mesmo. A **Caneta do Pessoa**, o **Monumento à Paz**, o **Retrato de Camões** para a Assembleia da República e o **Presépio** para o Santuário de Fátima são obras deste mesmo ano.

No ano 2000 criou **7 Notas** e expôs **Desenho e Escultura** na Casa da Cerca (Almada), **Jóias e Outras Alquimias** no Museu do Traje (Lisboa) e **7 Difusores Cósmicos** no Museu Aberto (Monsaraz). Na Casa-Museu João Soares (Cortes, Leiria) realizou, em 2001, a exposição **Gestos e Sinais**. No ano seguinte criou **Peixes Voadores para o Alqueva** (Reguengos de Monsaraz), um festivo e poético cardume voador. Também em 2001 ganhou o prémio de escultura da SNBA.

«O jogo, o desafio, a estabilidade momentânea, a entrega ao trabalho, a resolução de problemas, estão sempre presentes nos objectos/jóias; a geometriação estática das formas num equilíbrio instável; o ondulado de outra jóia, com a superfície resultante da separação em duas partes, que ao dar uma volta cheia de criatividade e movimento remata e suspende a peça...»⁴⁶

«Recolhe sempre que necessita ou lhe é necessário para dar expressividade às formas que vai construindo, de outras linguagens estéticas, o vocabulário e a gramática mais convenientes para materializar os conceitos e as ideias que deseja veicular nas suas peças. (...) Os valores da transparência e da geometria aliados a algum figurativismo simbólico estão do mesmo modo presentes, tanto nas criações de carácter lúdico, como nas de mais séria ou emblemática concepção. Existem mesmo verdadeiros *trouvailles* que indiciam a grande capacidade imaginativa do autor que está constantemente em transgressão de configurações e de composições, mesclando ouros brancos com amarelos, semipreciosas com opérculos, tiras de carneira com prata e outras alquimias... que a seu belo gozo José Aurélio aprecia realizar.»⁴⁷

⁴⁶ SEVERINO, Dinora – *Água e outras jóias*, 2003.

⁴⁷ TEIXEIRA, Manuela Braz – *Água e outras jóias*, 2003.

Em 2003 foi realizada uma antologia da obra do escultor na Casa do Corpo Santo, na Casa de Bocage e no Museu do Trabalho (Setúbal) designada **Liberdades**. A propósito desta exposição Fernando António Baptista Pereira diz que «todo este núcleo é uma perfeita demonstração do uso libérrimo que José Aurélio faz de todos os materiais e dos objectos mais diversos, mesmo os mais inesperados, assim como da gramática dessas formas, quer as que recebe da tradição (...) *Cruz de Cristo*, quer as que reutilizam formas da natureza ou os instrumentos e engenhos criados pelos homens, com os mais desvairados fins, como acontece, entre outros, com as *Sete Notas*, as *Sete Cabeças*, as duas *Fruteiras*, ironia sobre o sacrossanto tema da Natureza Morta, ou com a *coluna de Pedras Litográficas* (...)»⁴⁸

Concebeu, no mesmo ano, para o Museu do Hospital das Termas (Caldas da Rainha), uma série de peças para a exposição **Água e outras jóias**.

Expôs **Paisagem dramática** e criou **Moinho dos sete caminhos** no ano 2004, no Museu Aberto (Reguengos de Monsaraz). Em 2005, para a reabertura da Galeria novaOgiva, realizou a exposição **Fogo e areia**. Foi neste ano que criou o Memorial a Pablo Neruda, denominado **Mil Olhos** (Capuchos). Devido a esta obra foi agraciado pelo Presidente da República do Chile com a Ordem de Bernardo O'Higgins (Grau de Comendador),

Expôs em 2006 **Pás de Vento – Ventos de Paz** no Museu Nacional do Traje e na Casa da Cerca. Recebeu, nesse ano, pelo Presidente da República de Portugal, com a Ordem do Infante – o Grau de Comendador, pela sua significativa actividade como escultor e como cidadão.

Começou anos antes a idealizar o Armazém das Artes que construiu e inaugurou em 2007, novamente com a intenção de promover as artes e a cultura fora dos habituais centros. Questionado acerca das suas profissões – escultor e curador – e da forma como as articula, José Aurélio responde: «Não tenho nem me sinto nada curador, aquilo que faço nessa área é porque desde muito cedo senti a necessidade e até a obrigação, enquanto artista, de ser

⁴⁸ PEREIRA, Fernando António Baptista – *Liberdades*, 2003

animador cultural ou mediador e, portanto, as coisas foram aparecendo com naturalidade (...) Eu não articulo essas profissões, eu venho de um tempo em que as coisas não eram separadas e, portanto, é normal que uns façam umas coisas e outros façam outras. Eu, nesta minha vertente provinciana de sempre querer trazer a arte para a província, sempre estive em desacordo que as coisas acontecessem só em Lisboa, de maneira que sempre lutei por essa situação. Portanto a curadoria faz parte deste processo, faz parte de mim e de muitos outros artistas.»⁴⁹

No AA também tem integrado várias exposições colectivas. Em 2009, no Teatro Camões (Lisboa), realizou a exposição **José Aurélio** e participou na exposição **Anos 70**, no CAM da FCG. Ganhou o **Prémio Pintor Fernando Azevedo**, em 2010, na Bienal da Marinha Grande, e integrou a exposição **Salão Convívio**, na SNBA (Lisboa).

No presente ano, 2011, participou na exposição **MAR. E. COR. – Martins Correia**, no Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa).

O ideário estético do escultor José Aurélio compreende a essência inovadora e experimental do projecto artístico como um processo em permanente renovação e que desempenha uma função histórica inalienável. «Eu sinto-me igual à água e ao tempo, sempre o mesmo na minha identidade, sempre diferente na minha realidade.»⁵⁰

José Aurélio parece-se com um alquimista, pois, tal como este, é através do fogo que, o escultor, faz a passagem da matéria de um estado para outro, criando assim grande parte das suas obras.

⁴⁹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁵⁰ AURÉLIO, José – *Água e outras jóias*, 2003.

Capítulo II

O Armazém das Artes

Missão e Objectivos do Armazém

O Armazém das Artes Fundação Cultural (AA) foi fundado pelo escultor José Aurélio no ano 2005. De acordo com as suas palavras, o principal objectivo do AA é a descentralização e a promoção das artes e da cultura. Este reconhece que, para tal, precisa da envolvência da sua cidade e do apoio das respectivas entidades, bem como da criação de sinergias com outras entidades, para além da área regional.

«Esperamos que esta nossa iniciativa, pela importância que poderá vir a ter como vector de descentralização cultural, possa merecer a atenção e o apoio das entidades públicas e privadas, locais e nacionais, interessadas no desenvolvimento da cultura fora dos grandes centros, sem os quais, dificilmente conseguiremos concretizar a globalidade dos objectivos a que nos propomos. (...) Nos finais do séc. XIX princípios do séc. XX, esteve aqui instalada (...) uma oficina metalúrgica da qual encontrámos vários vestígios (...) para além das suas normais actividades profissionais se terem dedicado durante as lutas da I República, ao fabrico de bombas. Curiosamente, também nós agora, um século depois, desejamos que a nossa acção possa ser, metaforicamente falando, uma bomba cultural, cujos estilhaços possam atingir tudo e todos por esse mundo tão necessitado da paz que as artes e a cultura, por princípio, defendem e promovem.»⁵¹

De acordo com os estatutos do “Armazém das Artes – Fundação Cultural”, a instituição tem como objectivos⁵²:

- a) Constituir um pólo dinamizador da vida cultural e artística da região e mesmo do país, tendo como referência a divulgação da Cultura.
- b) Promover e realizar actividades culturais, como exposições e conferências, editar publicações autenticadas exposições e

⁵¹ Discurso de inauguração do AA – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁵² Transcrição integral dos Estatutos do Armazém das Artes

conferências, editar publicações autenticadas e comemorar factos, tendo sempre em vista a promoção e divulgação da importância cultural da região de Alcobaça e dos seus artistas.

- c) Cooperar com as autarquias locais e instituições oficiais ou particulares de ensino, de cultura e de museologia, em tudo quanto se relacione com o progresso intelectual, artístico e cultural em geral e em particular com a instalação e manutenção de uma colecção de arte contemporânea.
- d) Criar condições para a divulgação do ensino artístico, promovendo cursos de iniciação aos diversos ramos das actividades artísticas, abertos às escolas da cidade e do concelho.
- e) Conceder prémios sobre temas de arte, bem como bolsas ou viagens de estudo.

O edifício no contexto da cidade de Alcobaça

O edifício habitado, actualmente, pelo Armazém das Artes teve outras funções ao longo da sua vida. O escultor conhece-o desde sempre pois pertence à sua família há várias gerações. Sobre a sua história o escultor conta as várias utilizações deste espaço, desde oficina a adega «Aqui neste local existiu uma oficina – a Danada – de três ou quatro irmãos que eram terríveis, faziam coisas mirabolantes. E uma das coisas que fizeram foi as tais bombas para a Iª República. (...) Não havia casas por aqui, havia a oficina e outros espaços idênticos. Havia o rio, havia aqui uma ponte de madeira que fazia a ligação entre as duas margens do rio, de maneira que isto era tudo amplo (...) o meu avô foi comprando a pouco e pouco à medida que ampliou o negócio (...) Até ganhar esta dimensão. Ficou com uma enorme capacidade de armazenar vinho»⁵³.

Nos últimos anos de utilização o edifício serviu de armazém a estabelecimentos comerciais. Num período de grande pressão imobiliária, quase foi reconvertido para habitação, devido à sua posição urbana, mas as condições económicas e a pouca convicção de ser esse o futuro certo do edifício impediram o projecto de se concretizar. As actividades e

⁵³ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

transformações deste equipamento retratam uma parte da história (económica) de Alcobaça.

A ideia de criar o AA surgiu em 1995, tendo como objectivo a criação de um espaço dedicado à divulgação e fruição cultural. Este «foi feito a pouco e pouco, eu tinha aqui uma máquina com um homem e íamos deitando abaixo “deita essa abaixo! Ali não deites!” Estivemos a trabalhar assim uma data de tempo até que a CM nos embargou a obra, porque não tínhamos projecto»⁵⁴. De modo a ultrapassar a situação burocrática, José Aurélio pediu ao amigo José Charters Monteiro, arquitecto, a formalização projectual do edifício AA.

Para Charters Monteiro, o AA «é uma escultura que nasce arquitectura»⁵⁵ que se «foi transformando num amigável “corpo a corpo” entre escultor e forma construída, na procura dos novos espaços. Um corpo a corpo em sentido literal já que a transformação do edifício começa a ser feita com acções directas sobre ele: demolindo aqui, permitindo diferente modelação do espaço, construindo ali, sempre com acções pontuais, modificando sempre, procurando na essência do corpo edificado o sentido novo e mais profundo, profícuo até, de uma diferente ordem e relação entre espaços; que pudessem acolher obras, sentimentos, pessoas.»⁵⁶. O escultor concorda, no entanto assume que «isto é um ciclo vicioso. Eu não sei se era a estrutura pré existente que estava a impor ou eu que estava a impor. Houve ali um entendimento entre o que já existia e aquilo que eu queria fazer.»⁵⁷.

Questionado acerca da denominação da actual fundação cultural, o seu fundador admite que “Armazém das Artes” não foi o primeiro nome que lhe quis atribuir, a primeira designação foi «“Artes e Ofícios, Fundação Cultural”, não foi possível porque já existia outro assim no país. Depois «mandei mais três nomes e acabou por ser “Armazém das Artes” por uma razão muito simples: esta casa foi sempre chamada de Armazém. Eu toda a vida cresci a chamar-lhe Armazém. Como sempre vivi por aqui dizia “oh mãe eu vou ao armazém! ‘Tá bem vai lá!” e depois do outro, foi muito claro que o nome devia ser este.

⁵⁴ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁵⁵ MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁵⁶ MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁵⁷ MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

Também está associado aos ofícios, que considero primordiais, e aí resolvi manter o nome de sempre!»⁵⁸

As maiores preocupações de José Aurélio relativamente à arquitectura do edifício, foram aproveitar o máximo da estrutura antiga, construir de forma económica e funcional o mais possível. «Dentro dos condicionamentos que tive, mantive muitas paredes. Os telhados são a única parte completamente nova.»⁵⁹.

«O edifício aceita a energia transformadora do seu escultor, que nele realiza uma escultura de espaços habitáveis»⁶⁰. O AA propõe e acolhe diferentes iniciativas e utilizações, é «um espaço, vários, muitos e diferentes espaços, para a expressão multifacetada do conhecer, do pensar e do criar com sensibilidade e beleza»⁶¹ em que cada qual, de acordo com a experiência vivida nesses mesmos espaços, o reinventa.

«O arquitecto acompanha e observa o processo de criação desta “escultura” e o modo como, pelos espaços criados e pelo desempenho funcional, ela se rebate em “arquitectura”, num procedimento liberto da obrigação, até mesteiral, de aplicar cómodas ferramentas disciplinares ou soluções “prontas a usar”, sem estigmas de estilo e ornato ou de obediência a critérios de apreciação e valoração críticas»⁶².

Para o arquitecto, o AA é um «Espaço fortemente centrípeto, que se debruça e remira internamente, sugere um labirinto a várias dimensões onde as visuais e os percursos horizontais, verticais e oblíquos, embora claramente percebidos, não recompõem na nossa mente toda a estrutura dimensional e a completa, dir-se-ia “fechada”, compreensão dos espaços»⁶³

Para a inauguração do Armazém das Artes, José Aurélio escreveu um discurso que não leu mas que mais tarde publicou no sítio de internet do AA.

⁵⁸ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁵⁹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁶⁰ MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁶¹ MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁶² MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁶³ MONTEIRO, José Charters – in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

Neste discurso é dado muito ênfase ao edifício, pois é neste que se espera a continuidade do projecto.

«Fizemos questão de vos mostrar o espaço do AA vazio. Primeiro porque achamos que ele é bonito nú, com a beleza duma criança acabada de nascer, ainda atónita com o espanto da vida extra uterina; depois, porque o queremos sentir cheio de amigos e das boas energias que nos trazem; por fim porque desejamos que queiram continuar a testemunhar todos os passos da sua vida. O AA vai pois começar pelo princípio; este espaço vai ser ocupado progressivamente, com acontecimentos que se nos afigurem relevantes, ao mesmo tempo que irão sendo instaladas as colecções que fazem parte do acervo da Fundação. Sempre com a porta aberta, para que todos possam acompanhar as ciclópicas tarefas que nos separam da instalação da totalidade das peças que constituem as colecções.»⁶⁴.

Sobre o edifício, no contexto da cidade que o envolve, Charters Monteiro defende que «O escultor conhecia bem e desde sempre o edifício e, na decisão quanto ao seu futuro, parece ter havido uma recíproca compreensão e uma maior aproximação: pela parte do edifício a aceitação (ou a exigência?) de uma nova e radical mudança, na tradição, afinal, do que tinham sido os seus préstimos passados; pela parte do escultor, o reconhecimento da identidade, também urbana, daquele edifício naquele lugar, e o respeito pela sua continuidade só possível e justificável com um novo programa, fortemente relacionado com Alcobaça e o país, no âmbito das artes e da cultura»⁶⁵.

Tal como as suas esculturas que devem estar fortemente ligadas ao local que as acolhe, também o AA deve estar enraizado na sua cidade, de modo a ser por esta utilizado e a utilizá-la também «o AA está sempre de portas abertas para a cidade, mostra-se sempre disponível. Haja ou não um protocolo.»⁶⁶. Embora haja esta abertura pela parte do AA, este não está assim

⁶⁴ Discurso de inauguração do AA– in www.armazém das artes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁶⁵ MONTEIRO, José Charters – in www.armazém das artes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁶⁶ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral em anexo).

tão presente na vida da sua cidade. Apesar da tradição cultural que esta detém desde o tempo da ordem de Cister «Não conseguimos ter uma parceria nem tão pouco uma relação, digamos, normal e eticamente capaz com a CMA com quem estivemos extremamente mal durante o tempo do antigo presidente Sapinho em que de facto foi uma relação que, praticamente, não existiu. (...) agora, com este presidente, embora ele diga que sim senhora, o AA é bestial, e tal tal tal..., na prática não temos os apoios que necessitamos»⁶⁷.

Também a tal tradição cultural tem vindo a desaparecer com o passar do tempo. Segundo José Aurélio «Alcobaça, como todas as terras depois do 25 de Abril, assistiu a uma grande evolução. A cidade, que era vila, uma vila simpática confinava-se a isto aqui, havia o campo de futebol lá em cima, havia a CMA e assim umas coisas. Mas este era o centro da cidade, onde viviam as pessoas de Alcobaça, as herdeiras da tal tradição cultural e de forma pouco democrática, se lhe quisermos chamar, embora eu não a entenda muito bem dessa maneira, as pessoas formavam um determinado núcleo que reunia as suas afinidades. (...) Cresceu aos poucos e foi invadida por pessoas que não eram daqui, eram das aldeias daqui perto, vinham à procura do emprego, dos serviços e ocuparam a cidade. De repente, passou a ver-se na rua pessoas que nunca se tinham visto, que não pertenciam à cidade, que vão começar a pertencer, mas que até então não vinham cá e que não têm os mesmos hábitos culturais, sociais, etc., etc. E portanto desta mistura resultou uma mistura com aspectos mais negativos que positivos, culturalmente falando. Por um lado, as pessoas, tradicionalmente detentoras dos valores culturais fecharam-se um bocado em copas, porque se retraíram, pois viam pessoas alheias, que não garantiam, não percebiam nem respeitavam a cultura. Por outro lado a rapaziada nova, sejam os tais que vieram para a cidade ou os filhos das tais famílias, (...) desinteressam pelas coisas de Alcobaça ou emigraram.»⁶⁸.

O ambiente de crise que nos rodeia também não propicia facilidades ao sector cultural e, conseqüentemente, ao AA «Há 12 ou 13 anos, quando comecei a pensar fazer o AA, nessa altura estava já a sentir-se a crise, mas eu nunca me passou pela cabeça que ia encontrar estas dificuldades. Eu sempre

⁶⁷ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁶⁸ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

acreditei que ia encontrar apoio de toda a gente que se interessaria por isto. Mas ninguém liga nenhuma, ninguém quer saber. E isso cria-me uma situação que, a pouco e pouco se tornou insustentável.»⁶⁹. Além disto, também a reorganização da cidade não facilita uma maior utilização da cidade do AA porque «A gente nova, hoje, frequenta mais lá para cima, para o lado da cidade nova. Onde há outros recursos, as lojas aqui estão em falência completa e lá em cima não! O centro mudou-se! (...) O centro histórico deixou de ser o centro da cidade, está em perfeita degradação, até fisicamente falando. Há mais de 20 ou 25 casas que estão em ruínas no centro histórico e que não se vê a hipótese de serem restauradas. Deviam ser restauradas, mas não, estão a cair aos bocados! A CMA aí tem responsabilidades, porque não faz nada, não obriga os proprietários a fazer as obras nem cria condições para que, economicamente, os proprietários possam aderir.»⁷⁰

O AA não é o primeiro projecto de divulgação cultural desenvolvido pelo escultor. Para Charters Monteiro este «é uma iniciativa pessoal e privada, uma sua invenção, inscrita num novo e desejado desenho de vida cultural que ultrapassa o seu lugar e a região como já o havia sido nos anos '70 a Galeria Ogiva em Óbidos. Retoma-se agora, sob nova forma, com mais experiência e condições, um projecto cultural que há muito cresce com José Aurélio.»⁷¹

Relativamente às semelhanças arquitectónicas entre a Ogiva e o AA o escultor, inicialmente não encontra nenhuma. Questionado sobre a sobreposição de pisos – em que de uns se conseguem ver os outros e as respectivas exposições, bem como o público que as visita – os *mezzaninos* e os terraços, diz que em ambos os casos teve de se adaptar às estruturas anteriores para modelar o espaço e que os dois edifícios proporcionavam esse projecto «Também lá fui condicionado pela casa que comprei para fazer a Ogiva.»⁷². No caso do AA, as caves, que anteriormente serviam de adega, propiciavam pisos inferiores. O facto do autor dos projectos ser um escultor e ter sempre procurado por locais para expor também é determinante, «E o

⁶⁹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁷⁰ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁷¹ MONTEIRO, José Charters – in www.armazém das artes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁷² Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

grande problema é eu ser escultor. Não há! As galerias, os museus muitas vezes não têm escala suficiente. Na Ogiva senti logo necessidade de criar um espaço onde pudesse meter escultura! E muita! Esse foi um dos condicionamentos, o outro foi o de modelar o próprio espaço. É uma escultura que goza lá dentro. Tudo aquilo é um gozo pegado. A gente olha daqui e não vê outra coisa. Há toda uma infinidade de propostas que são estáticas também, de uma escultura feita com paredes e, normalmente, os arquitectos não são capazes de fazer, porque estão noutra! Procuram outra realidade.»⁷³. E sobretudo ser a mesma pessoa «é a mesma coisa quando faço as minhas esculturas, eu estou a transmitir aquilo que eu sou, aquilo que estou a fazer.»⁷⁴.

Depois de comparados os edifícios explica:

«As semelhanças que existem é por ser a mesma pessoa a mexer no espaço. Este é, se calhar, dez vezes o tamanho da Ogiva e, portanto, proporcionou a criatividade de outras situações.»⁷⁵. Também o contacto com o exterior se revê nos dois projectos: na Ogiva os terraços tinham sempre escultura, no AA têm cata-ventos, além da importância do exterior na iluminação das peças «Na luminosidade também há a mesma tendência. (...) Como a escultura vive essencialmente da luz muito mais que a pintura, que pode ser iluminada por uma lâmpada e resolve o problema. A escultura não! Se ilumina de um lado falta do outro, se ilumina do outro tem de pôr no outro. É um inferno! Quanto mais luz natural, quanto mais imitarmos o exterior, melhor! É a luz natural que dá sombras, os perfis. Deve ser daí que reside, fundamentalmente, esse substrato.»⁷⁶. Por fim o escultor diz que a experiência da primeira se reflectiu no AA, entre outras preocupações «Outra coisa muito importante foi criar um espaço

⁷³ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁷⁴ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁷⁵ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁷⁶ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

que funcionasse de auditório (...) Lá as pessoas sentavam-se e espalhavam-se pelas varandas e falavam daí»⁷⁷.

Para José Charters Monteiro o AA é uma das mais importantes esculturas de José Aurélio «porque de todas resulta e a todas acolhe.»⁷⁸.

A Porta das Artes

Para receber as artes e as exibir ao público o escultor José Aurélio criou uma porta muito particular. É uma escultura que, uma vez mais, teve de ser pensada também, do ponto de vista funcional. Uma porta deve ser resistente, pois é utilizada diariamente, e é nesta que a correspondência é depositada. Assim, o escultor criou, em bronze, oito partes diferentes, que juntas formam uma peça única. Ao longe, olhando para a porta, esta transfere-nos alguma confusão, pois são muitos e diferentes os símbolos que a incorporam. Mas de perto, consegue-se definir cada uma das artes que o AA pretende receber e promover ao seu público. Cada uma das divisões é dedicada a uma arte diferente, sendo a primeira a alquimia. A seguir apresentamos uma pequena descrição de cada uma das artes que constituem a porta baseada na explicação do escultor.



⁷⁷ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁷⁸ MONTEIRO, José Charters – in www.armazém das artes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

- **Alquimia:** porque para si é a mãe de todas as artes, além de conseguir transformar uma matéria noutra, durante muito tempo concentrou todos os saberes, quase como uma ciência. Os alquimistas investigavam e guardavam saberes que passavam a outros, nomeadamente aos criativos.
- **Cinema/Fotografia:** representadas através da câmara e da pessoa que esta consegue captar.
- **Música:** além da clave de sol e das notas musicais estão figurados instrumentos musicais, violino, piano e um serpentão. Este foi um dos primeiros instrumentos musicais (tipo flauta). José Aurélio encontrou por acaso um, numa arca antiga, e isso marcou-o para sempre.
- **Pintura/Desenho:** estão presentes os materiais necessários à pintura e ao desenho. O escultor incorporou pincéis e pacotes de tinta nesta parte da porta.
- **Escultura:** para o criador da porta esta parte foi a mais difícil. Não sabia como representar a escultura, decidiu transpor aquilo que sente ao fazer as suas esculturas *agarrando-se a elas com amor e paixão, pois só assim pode criar*. Por isso usou o símbolo do amor e também algum erotismo.
- **Poesia/Literatura:** usou as letras e colocou-as em movimento, pode encarar-se assim a poesia.
- **Teatro/Dança:** a bailarina e as personagens através da máscara representam estas artes do palco.
- **Arquitectura:** optou pela representação clássica dos grandes e reconhecidos monumentos/edifícios.

Alquimia



Cinema e Fotografia



Música



Desenho e Pintura



Escultura



Poesia



Teatro e Dança



Arquitectura



Logótipo, apoios e parcerias

Para o primeiro nome do AA – Artes e Ofícios, José Aurélio pensou num compasso que, ao trabalhar, faz um círculo. O A de artes era dado pelo compasso, pela sua forma, e o O de ofícios era o resultado do risco traçado pelo compasso.

Mais tarde pensou em repetir a letra A, de Armazém e de Artes, que juntos têm um ponto de convergência ao centro, unem-se, o que vai ao encontro da filosofia do AA.



A Fundação conta, desde a sua inauguração, com a **parceria** das seguintes entidades: Câmara Municipal de Alcobaça

- Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
- Casa Fernando Pessoa
- Casa Museu João Soares
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Fundação EDP
- Fundação Júlio Resende

- Fundação Mário Botas
- Fundação Mário Soares
- P.H. Património Histórico
- S.A. Marionetas
- Sociedade Nacional de Belas-Artes
- Universidade de Coimbra

A Fundação conta, igualmente, com o **apoio** das seguintes empresas:

- Acordo
- Ameias – Estudos e Projectos, Lda.
- Caixa de Crédito Agrícola
- Cerâmicas S. Bernardo
- Cin – Corporação Industrial do Norte
- Hotel Santa Maria
- João Ferreira da Silva, Suc., Lda.
- Nascimento Seguros
- Tipografia Alcobacense, Lda.

Acervo

José Aurélio reuniu ao longo dos anos uma importante e heterogénea colecção. É de salientar o seu espírito de recolector de objectos e não de coleccionador.

O escultor faz parte de uma geração de artistas representativos da arte portuguesa, com quem se relacionou, desenvolveu amizades e companheirismo. Foi também com estes artistas que José Aurélio trocou e comprou obras de arte. O facto de ter criado a Galeria Ogiva, em Óbidos, nos anos 70, também contribuiu para o enriquecimento da colecção que agora constitui parte do acervo do AA.

José Aurélio considera que este «é um espólio pessoal, porque não é um espólio de um coleccionador, mas dum artista que viveu a sua época com outros artistas, com quem trocou coisas, a quem comprou e vendeu coisas e, portanto, nunca saí desta preocupação, porque as coisas dos meus amigos

têm outro valor para mim. Eu conheço-os, sei o que eles fazem, acompanhei a sua obra e eles também me acompanharam a mim, isto cria um entroncado de coisas para além do quadro: há o quadro e tudo o que está por trás. (...) Tenho muito poucas peças de pessoas alheias, nunca me interessei por isso e a razão principal é essa a da envolvimento com as coisas e com as pessoas. A minha vida pode estar em cima desta mesa e as cadeiras à volta são as pessoas que fazem parte dela e não afasto uma cadeira para ir à procura de outra coisa.»⁷⁹

Entre outros artistas, estão representados, no acervo do AA, obras de Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa, António Areal, António Quadros, Eduardo Luís, Helena Almeida, Jorge Pinheiro, Jorge Vieira, Manuel Baptista, Rogério Ribeiro, Marcelino Vespeira, Zulmiro de Carvalho.

Faz igualmente parte do acervo do AA um importante conjunto de obras da autoria do seu fundador. Estas correspondem a variadas épocas e fases do seu percurso enquanto escultor.

Sempre atento ao que o rodeia, o escultor recolhe objectos aparentemente sem valor, encontrados na natureza, no lixo ou em qualquer outro contexto. Alguns destes são utilizados para incorporar as suas esculturas, outros, porque «representam séculos de pesquisa, séculos de evolução» são guardados e, por vezes, recuperados pelo escultor «vejo como peças que merecem ser recuperadas ou protegidas ou salvaguardadas se não desaparecem com o tempo. Outras aliciam-me pelo restauro que necessitam e que eu sei que me dá um gozo extremo estar de volta daquilo, perceber e muitas vezes pôr-me na cabeça daquele inventor. (...) A função original, essa é complicada, porque essa nunca mais se repete, porque já não estamos em tempo disso. Pois teve uma função que acabou com o tempo e que, dificilmente, se retoma. Eu deixo-as a trabalhar sempre, a conseguir fazer o mesmo que faziam quando estavam vivas, mas há outros meios hoje que impedem que elas continuem a trabalhar, por exemplo, o facto de não trabalharem com electricidade.»⁸⁰

⁷⁹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁸⁰ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

«Oh! como eu gosto da densidade das formas, das que encontro, das que imagino, das que modelo, sentir a energia cósmica quando olho a lua, as estrelas, o infinito ou simplesmente a brisa que passa sem se ver! Como é bom percorrer a História e imaginar o Homem em todas as situações da sua vivência, inventando em cada momento e simultaneamente os meios para a conquista do conhecimento em cada tempo e em cada espaço. Como eu gosto de máquinas, de engrenagens, de tudo o que, de algum modo, evidência a inteligência do Homem; a música, a poesia, a metafísica, os mitos, ouvir o silêncio, penetrar as penumbras, ver nas sombras, olhar os ruídos do mar e os mistérios.»⁸¹

Deste modo, José Aurélio reuniu um conjunto significativo de objectos plenos de “engenho e arte” que representam «o fascínio que o escultor desde jovem sente pela incomensurável aventura do Homem, na descoberta e na construção de objectos, dos mais variados significados, destinados a resolver os problemas postos à sua sobrevivência espiritual e material»⁸². Estes têm, para si, um significado antropológico, contam a história da Humanidade, da evolução. «Não há dúvida nenhuma que a primeira coisa que apareceu foram os ofícios. As artes nessa altura eram ofícios também e, por outro lado, os ofícios eram uma forma de criar artistas completos. (...) Estes eram artífices, eram os artistas que faziam as suas próprias peças, tinham os seus ajudantes, mas eram eles que estavam ali na cabeça do touro»⁸³. As sociedades assentavam em valores religiosos ou de poder e daí a «necessidade de criar símbolos e imagens desse poder. Assim se fizeram as igrejas, os castelos, tudo o que hoje é importante e que ficou na história.»⁸⁴ de recorrer aos homens dos ofícios. Depois do Renascimento, os ofícios foram depurados e atribuiu-se uma maior importância aos artistas «Houve ali uma mudança de facto em que se separaram os ofícios e as artes, mas eu continuo a achar que os ofícios são muito importantes, mesmo que não o sejam na actualidade, porque no fundo

⁸¹ AURÉLIO, José – *Fascínio da Vida*, 1995. in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁸² in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

⁸³ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁸⁴ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

eles pertencem a uma fase histórica, extremamente importante na evolução do próprio homem.»⁸⁵

«O meu amor pelos engenhos traduz a minha grande admiração pelo Homem como permanente insatisfação na busca das coisas que lhe são necessárias e que ele tem vindo a desenvolver ao longo destes anos todos.»⁸⁶. Os aparelhos de precisão foram idealizados e construídos em várias épocas e demonstram a capacidade que o homem teve para responder às necessidades que sentiu, mesmo com a escassez de meios. Para José Aurélio «curiosamente, a palavra precisão reúne dois dos conceitos que, neste caso, têm objectivos comuns: a precisão no sentido do rigor e a precisão no sentido da necessidade»⁸⁷

Estes objectos representam períodos de evolução tecnológica que desapareceram com a conseqüente evolução que eles mesmos, fomentaram, tornando-se obsoletos. São memórias materiais e imateriais do passado, «Da roda ao parafuso, quanta energia ao pensar, no fazer, no experimentar, no aperfeiçoar. Do fole, que deu origem às primeiras forjas e fundições, aos actuais fornos que permitem as fundições mais sofisticadas, quanta energia consumida na conquista no domínio sobre os metais. Do torno rudimentar da Idade Média aos centros de maquinagem dos nossos dias, quanto saber acumulado. Da descoberta da electricidade aos circuitos integrados quanto progresso científico e tecnológico. A energia que faz pulsar o Universo, omnipresente em quantidades impossíveis de quantificar de tão astronómicas, vai empurrando a matéria e o espírito para renovadas aventuras, tornando realidade os sonhos em permanente ebulição. (...)»⁸⁸

Estas ferramentas contribuíram, também, para a construção de outros engenhos, que proporcionaram, no seu tempo, ao Homem, a aproximação ao rigor e à perfeição à qual sozinho, com os seus sentidos, não conseguiu

⁸⁵ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁸⁶ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁸⁷ Texto de apoio à exposição

⁸⁸ AURÉLIO, José – *Fascínio da Vida*, 1995. in www.armazémdasartes.pt (acedido a 7 de Julho de 2011).

alcançar. Para o escultor, actualmente, o conceito de precisão é ainda mais exigente e, apesar dos avanços tecnológicos, este constitui um paradoxo, pois estamos cada vez mais perto e, ao mesmo tempo, mais longe dela.

José Aurélio confirma que o facto de ser escultor impulsionou o seu gosto pelos tais objectos, a procura de ferramentas ou meios que levam à perfeição, o mais possível. «É evidente que sim, embora tenha cada vez mais a noção que a perfeição não existe, é um mito como a paz, o amor, são coisas que existem mas numa conquista permanente. À medida que o tempo vai passando cada vez sinto o amor mais longe, a perfeição mais longe, porque, de facto, se toma consciência da impossibilidade de atingir essas quimeras (...) Isto é uma realidade e eu sinto-me bem de chegar a ela, em vez de estar, dramaticamente, deprimido por não conseguir, eu acho extraordinariamente belo nós termos a noção de que está tudo por fazer ainda. O que renova a esperança a toda a gente, o que de facto tem aspectos extremamente positivos.»⁸⁹

Para evidenciar a questão dos ofícios e dos artistas o escultor relembra os primeiros relógios, os das torres, «é uma história fantástica. A conquista que aqueles homens fizeram para dominar o tempo é uma coisa impressionante! (...) E eram feitos por ferradores. Ainda não havia relojoeiros. Aquilo era um processo muito simples, é a coisa mais empírica que há. Não sei se já viste um relógio de torre. É a coisa mais gira que há.»⁹⁰

Com os engenhos do acervo do AA percebe-se melhor a evolução do Homem e das suas ferramentas, «só no século XV/XVI é que essa coisa gigantesca, tosca, começou a ser miniaturizada até chegar ao relógio de bolso.»⁹¹. Por outro lado o seu interesse é «também pelas mentes que estiveram por detrás daquele objecto, para o inventar, para o descobrir, para o pôr a funcionar, com a precariedade de meios que existiam na altura. Isso

⁸⁹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁹⁰ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁹¹ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

fascina-me muito. De maneira que, quando tu olhas para aquilo, podes ver toda a história que ali está por trás.»⁹²

Integram ainda o acervo instrumentos representativos da evolução científica, estes permitiram e fomentaram o desenvolvimento de muitas ferramentas e outras máquinas que revelam a capacidade do Homem inventar instrumentos indispensáveis à sua evolução. «Apesar de poderem ser encontrados muitos sinais que anunciavam já o devir científico (culturas assíria, chinesa, árabe e grega), das quais se destaca a invenção da roda, só durante os finais da Idade Média é que o Homem começa a transpor o saber empírico, no âmbito do qual a alquimia tinha um lugar preponderante. Foi a partir do séc. XV, com Gutenberg (1390-1468) e Leonardo da Vinci (1452-1519) como principais pioneiros, que o pensamento do Homem começou a orientar-se no sentido da descoberta e do conhecimento, dando origem ao espírito científico que haveria de definir um novo conceito do saber. Assim, graças também a Nicolau Copérnico (1473-1543), a Pedro Nunes (1502-1578), a Jacques Besson (1540-1576), a Galileu Galilei (1564-1642), a Isaac Newton (1643-1727), James Watt (1736-1819), a Henry Maudslay (1771-1831) Daimler (1834-1900), Alexander Bell (1847-1922), Edison (1847-1931) e a tantas outras figuras, mais ou menos anónimas, mais ou menos relevantes, que ao longo dos séculos deram os seus contributos, podemos nos nossos dias usufruir das mais-valias de um incomensurável conhecimento científico.»⁹³

Inicialmente, os engenhos não faziam parte da exposição permanente do AA, posteriormente, decidiu-se que fariam, numa tentativa de conquistar novos públicos, visto que «entram aqui pessoas que não ligam nenhuma ao que a gente aí tem da arte contemporânea, mas quando chegam lá abaixo ficam maravilhados “que lindo!” (...) As pessoas conhecem as coisas mas não neste contexto! Aqui ficam encantadas com aquele tipo de objecto. Aqui sentem a importância do objecto.»⁹⁴

Segundo José Aurélio «Os tornos atraem outro tipo de público, operários. Tem sido, para mim, extremamente, gratificante sentir operários a

⁹² Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁹³ Texto de apoio à exposição

⁹⁴ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

virem ver a exposição. Conseguimos ter aqui visitantes que não têm hábitos culturais. E trazem a família e mostram como eram os tornos mais antigos e explicam como se devem usar e o que fazem com eles.»⁹⁵

«Nada nem ninguém, nem mesmos as espantosas máquinas voadoras que permitem a progressiva conquista do espaço exterior conseguem retirar o encanto, a magia e a importância que as primitivas máquinas e ferramentas exibem discretamente, na sua aparente inutilidade, na sua condição de trastes velhos e desintegrados da realidade actual.»⁹⁶

As várias colecções do AA podem ser articuladas, dialogam entre si, desde que o público queira. Segundo o escultor «Elas já são articuladas, porque não as distingo, ambas são obras de arte, obras do Homem com letra grande, e que assim me continuam a seduzir, quer dizer, eu não sou capaz de as pôr em prateleiras diferentes, elas seduzem-me por razões diferentes. Uma pela criatividade, outras pela maneira de pintar, de esculpir, outras porque representam uma conquista nisto ou naquilo, mas são todas representativas do génio criador do Homem. Coisa incomensurável! Uma energia, completamente, cósmica. É um delírio!»⁹⁷

Para a concepção do projecto pedagógico, que será apresentado no terceiro capítulo, tivemos como indutor a obra *A Arca do Alquimista* da autoria de José Aurélio. Esta e a *Homenagem à Revolução Francesa* são as únicas peças do escultor expostas no AA.

Conversámos com o escultor sobre a sua intenção ao conceber *A Arca do Alquimista* e como ele afirma «cada peça que ali está dá para duas horas de conversa!»⁹⁸ Esta é constituída por inúmeras peças de variadas naturezas, relativamente aos materiais, bem como às suas funções e contextos.

O *armarinho* com as suas gavetas, responsável pelo nome da peça, é uma referência directa ou pessoal ao escultor, a quem as gavetas despertam

⁹⁵ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁹⁶ Texto de apoio à exposição.

⁹⁷ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

⁹⁸ Conversa informal com o escultor acerca da obra (não transcrita).

um grande fascínio, bem como a alquimia cujo objectivo é a transformação dos materiais. As gavetas significam tanto a arrumação como a desarrumação, podem traduzir organização e o oposto, confusão.

A transformação do chumbo em ouro é uma das pesquisas da alquimia, que nunca foi atingida mas era uma das suas pesquisas.

Há uma profusão de símbolos que não podem ser quantificados nem postos em evidência uns perante os outros, nem é isso que se pretende, estes são de tal maneira numerosas que nunca caberiam dentro das gavetas, transbordando da arca. Olhando para o armário que tudo contém e de onde tudo transborda parece-nos que nada lá cabe mas depois de transformado ou minimizado tudo se acomoda ao seu lugar.

Segundo o escultor «este concentrado é importante, é como se fosse um cubo cheio de coisas lá dentro. O que mais me interessa é que as pessoas entendam o que aqui se diz e possam elas construir as suas leituras»⁹⁹, este tem consciência que as suas intenções ao usar determinados materiais são interpretadas pelos públicos de modo completamente diferente, no entanto isso não é negativo. Por exemplo ao usar o fio de zinco pretende torná-la perene, imortal, visto que este material é usado com esse objectivo, o de prolongar no tempo determinados objectos.

Há muita ciência inserida nesta obra de arte «Eu não consigo perceber onde acaba a arte, tudo são actividades humanas e como tal estão interligadas, indissociáveis das outras áreas, ciências naturais, filosofia, literatura, químicas, etc.»¹⁰⁰

Sobre algumas das peças o escultor explica «Aquela pecinha pendurada de ferro (...) É um puxador de um móvel antigo, é lindíssimo! Deve ser do século XVII, vê lá o que se pode falar a propósito daquilo! Remete para um ofício importante: a forja. (...) Aquele macaco é um brinquedo, foi feito por um

⁹⁹ Conversa informal com o escultor acerca da obra (não transcrita).

¹⁰⁰ Conversa informal com o escultor acerca da obra (não transcrita).

neto meu, que também só eu é que posso compreender porque é símbolo da criação de uma criança, a inventabilidade das crianças.»¹⁰¹

Numa tentativa de descrição da obra *A Arca do Alquimista* enunciamos, sem qualquer ordem, alguns dos materiais que a constituem como eles nos são apresentados: elementos da natureza, vindos da terra e do mar, ferramentas de trabalho oficial e de agricultura, alicates, instrumentos de medição, de precisão, frascos de vidro, ampulheta, berlindes, ninho, esporas, pedaços de ferro, de arame, balança, pesos e moedas, correntes, fechaduras, livros, caveira de animal, carcaça de tartaruga, peão, minerais, pedras arqueológicas, roldanas, ratoeira de mola, tesoura, serrote, disco de corte, circuitos impressos, fios eléctricos, balão alquímico, folha de ouro.

Segundo o escultor numa das gavetas estão picos de porco-espinho do mar cujas pintas brancas são derivadas do sal, noutra estão sementes brasileiras com as quais fez uma pulseira. Só sabemos estas informações porque nos foram contadas pelo criador da obra.

Em jeito de remate da descrição desta peça José Aurélio aponta dizendo «Ali são cordas de relógio, anilhas, bolas de marfim, ali um circuito impresso, é um inferno, é uma confusão de facto! Mas o conhecimento, a mente humana, são também uma confusão!»¹⁰²

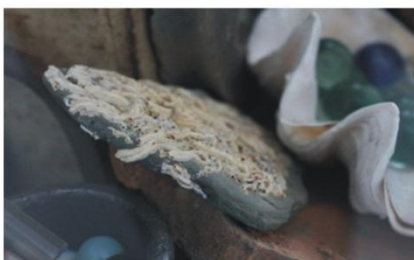
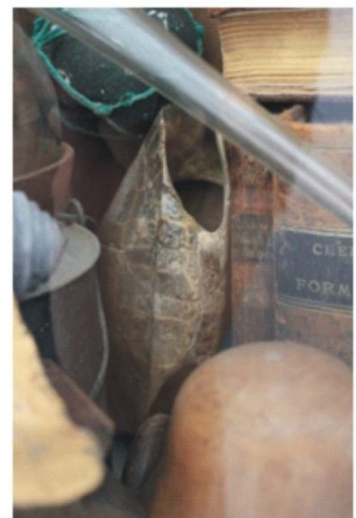
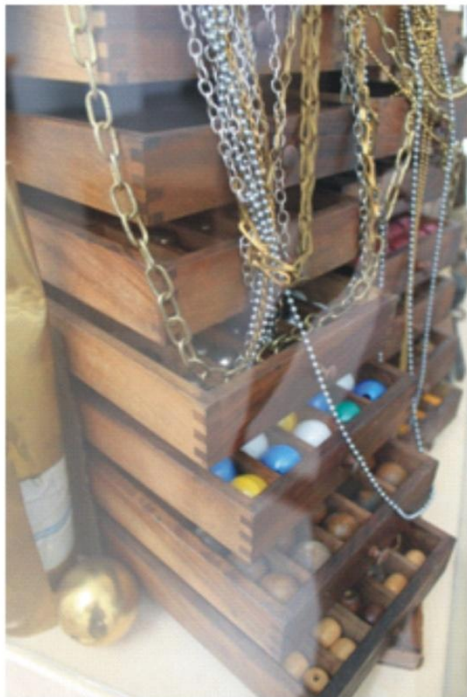


¹⁰¹ Conversa informal com o escultor acerca da obra (não transcrita).

¹⁰² Conversa informal com o escultor acerca da obra (não transcrita).







As esculturas, da autoria do escultor¹⁰³, que doou ao AA foram as seguintes:

Título da obra	Materiais utilizados	Data
Pan	Aço	1959
Ao pescador náufrago	Arame zincado	1959
Quimera	Mármore de carraça e aço	1962
Coluna	Aço	1967
Flor articulada	Bronze, latão e marfim	1967
Harpa do Vento	Bronze	1970
Homenagem a Josefa	Bronze e plástico	1971
Retrato de uma bolota	Bronze a aço	1979/1985
Fruto Venenoso	Bronze	1979
Vivá Liberdade	Bronze e calcário	1979/1985
Flor dos Tornos	Aço	1981
Arco de Cister	Aço	1985
Dobragem	Aço	1987
Homenagem à Revolução Francesa	Aço corten e ferro	1989
Estudo para monumento em Sagres	Diversos	1994
Couple	Aço e corten	1995
Arco Lunar	Aço e pedra	1995
Composição	Dural e aço	1997
Construção	Aço lacado	2000
Os 7 olhos de Deus	Arenito e vidro	2000
Coluna do tempo	Aço corten	2000
7 Notas	Ferro fundido e outros	2000
Damas Polacas	Casquilha e aço inox	2000
Peixes Voadores	Aço e alumínio	2001
Paisagem quase dramática	Bronze	2004

¹⁰³ vide anexo IV: Esculturas de José Aurélio doadas ao Armazém das Artes.

As obras de arte que o escultor reuniu¹⁰⁴, ao longo da sua vida, e doou ao AA foram as seguintes:

Autor	Obra/Título	Materiais	Data
Alberto Carneiro	Escultura	Gesso	1965/66
	Escultura	Madeira	1967
	Desenho	*	*
Ângelo de Sousa	Pintura	Óleo	1956
	Desenho		1969
	Máscara		*
António Areal	Série de 6 Desenhos	Aquarela	1972
António Aurélio	Pintura	Óleo	s/data
	2 Serigrafias		1987/87
	2 Desenhos	*	s/data
António Costa Pinheiro	2 Serigrafias		1969/69
António Quadros	Pintura	Óleo	1958
	2 Desenhos		1960
Cruzeiro Seixas	Colagem		1972
Eduardo Luís	2 Serigrafias		1974/ *
Eduardo Nery	Pintura	Óleo	1971
	2 Colagens		1975/75
Espiga Pinto	Pintura	Óleo	1959
	Escultura	Bronze	1962
	4 Desenhos	*	s/data
Helena Almeida	Pintura	Óleo	1966
	Série de 5 Desenhos	*	*
Ilídio Salteiro	Pintura	Óleo	s/data
Jorge Pinheiro	2 Pinturas	Óleo	1955, s/data
	5 Desenhos		1963/64/77/84/92
Jorge Vieira	Desenho	*	1958
Malangatana	Pintura	Óleo	1997
	3 Desenhos		1996/ s/data/ s/data
Manuel Baptista	2 Pinturas	Óleo	1960

¹⁰⁴ vide anexo V: Obras de Arte doadas por José Aurélio ao Armazém das Artes.

Marcelino Vespeira	5 Serigrafias		1979/79/84/88/88
Querubim Lapa	Pintura	Guache	1960
Rogério Ribeiro	2 Pinturas 4 Desenhos	Oleo *	1973, 1973 1983/96/2004/07
Zulmiro de Carvalho	1 múltiplo	*	*
Os Quatro Vintes: Ângelo de Sousa, Armando Alves, José Rodrigues e Jorge Pinheiro	Escultura	Diversos	1972
Outros objectos não discriminados	Engenhos Aproximadamente 1200 peças	Diversos	Desde o século XVI

A programação cultural

A programação do AA é organizada a curto prazo principalmente por questões económicas. Pelas palavras do escultor esta «é feita, normalmente, a curto prazo, porque são as exposições que vamos arranjando e que nos custam menos dinheiro, eu faço questão que tenham qualidade e tenho sempre contactos estabelecidos com vários artistas, de quem gosto e que acho que têm posições fortes no panorama nacional e, portanto, a dois ou três meses de antecedência, fazemos uns telefonemas, convidamos e agendamos uma data favorável a ambos. (...) É muito muito muito condicionada por falta de dinheiro. Se eu tivesse muito dinheiro a programação do AA era, completamente, diferente porque aí não tinha problemas de economia. Queria fazer uma exposição outro dia, custava milhares de euros só o seguro! Eu não tenho esse dinheiro para pagar! Ficou sem efeito. (...) Mesmo assim muito tenho feito, pondo em risco a sobrevivência do AA. Se não as realizasse o AA podia viver mais, desafogadamente, um ano ou dois. Ou não! Também não posso ficar sem actividades!»¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

* Informação não disponível no AA.

Tanto por razões económicas como pela visibilidade do AA, o seu fundador assume que «normalmente aproveitamos uma data para fazer mais barulho, fazer várias exposições ao mesmo tempo, satisfazemos mais público, vem a família, os amigos de cada um deles...»¹⁰⁶

As actividades/eventos realizadas no AA foram maioritariamente programadas pelo mesmo. Existem também algumas co-produções e ainda outras alheias ao AA, que o usam como espaço de apresentação. Nas tabelas anexadas expomos toda a programação¹⁰⁷ do AA, desde a sua inauguração até ao final do ano 2011.

Público do Armazém das Artes

O AA regista o número de visitantes obtidos em cada exposição que promove. No quadro seguinte, apresentam-se esses dados, facultados pela AA, desde a primeira exposição até à última estudada, embora não corresponda à última exposição realizada.

2007		
14/5 – 16/9	Escultura com Afectos	896
5/10 – 31/12	Costa Pinheiro e “Spleen” de Mário Botas	973
		1869
2008		
6/3 – 4/7	50 fotografias e 1 ateliê	559
25/10 – 12/1	Modelar os Espaços e Desenhos de António Soares	351
		910
2009		
1/2 – 8/3	Encontros com as Invasões Francesas	389
12/4 – 31/5	Mértola: O último porto do Mediterrâneo	248
27/6 – 27/9	Pintura com Afectos	1421
18/12 – 7/1	Organização da Santa Casa da Misericórdia	479

¹⁰⁶ Entrevista ao escultor José Aurélio (documento integral no anexo III).

¹⁰⁷ vide anexo VI: Programação Cultural do AA.

2537

2010		
13/12 – 28/2	O Pão	430
27/2 – 27/6	Bonecos do Mundo	54
27/3 – 27/6	Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Aurélio, Alberto Carneiro	752
31/7 – 31/10	Quatro, Carlos Roxo e Herbário Criativo	1308
27/11 – 27/2	Rogério Ribeiro, Alberto Carneiro, José Aurélio	480
		3055
2011		
27/3 – 27/6	Arte Contemporânea – Coleção Município de Almada	481

Capítulo III

Projecto de serviço educativo

a. Objectivos iniciais do projecto

A educação em museus é uma área multidisciplinar, convoca várias áreas do conhecimento – entre outras: estética, sociologia da arte, psicologia das artes visuais, história da arte, ciências, museologia – e apela à sua articulação, dentro e fora do museu, através de saberes e acções/actividades. Esta tem como objectivo primordial a abertura do museu aos diversos públicos, **fomentando hábitos culturais**. Pretende também formar a **sensibilidade estética, artística e afectiva** (este tipo de educação deve começar cedo, possibilitando a descoberta de diferentes universos), **propiciar reflexões críticas, absorver** inputs sensoriais e informativos e **respeitar** a condição dos objectos em exposição. A educação em museus pode ser entendida como uma área multi-disciplinar, que inclui as tradições da educação estética e artística num registo de educação não formal.

Com Gaea Leinhardt¹⁰⁸ consideramos que os museus são entidades sociais e culturais complexas. Culturais porque reúnem e preservam os exemplos das realizações artísticas, científicas e sociais da humanidade. Sociais porque o coleccionador, o conservador, o educador e o designer arquitectam, tanto diálogos tácitos como explícitos com os visitantes, pois são apresentadas as obras e, também, os princípios culturais, sociais e estéticos de uma determinada sociedade, a que a obra se insere. Estas oferecem aos indivíduos oportunidades muito diferentes de outro tipo de entidades, devem facilitar aos seus públicos a fruição da sua exposição/colecção.

O êxito das instituições culturais depende da qualidade das experiências que proporcionam aos seus visitantes, isto é, de como concilia os seus conteúdos. Estas experiências dependem de factores extrínsecos e intrínsecos. Entende-se por factores extrínsecos a qualidade física e as condições expositivas do trabalho de curadoria. Relativamente aos intrínsecos prendem-

¹⁰⁸ LEINHARDT, Gaea, TITTLE, C., & KNUTSON, Karen – *Talking to oneself: Diaries of museum visits*, 2002.

se as características sócio psicológicas, culturais e educacionais dos visitantes das exposições. As obras de arte devem ser acompanhadas de informação adicional, esta deve despertar o interesse das pessoas e deixá-las esclarecidas, no entanto, muitas vezes esta resposta torna-se longa e fatigante. O visitante é responsável por produzir o seu próprio conhecimento, este não pode ser transmitido, apenas, de uma pessoa para outra, mas sim construído por cada sujeito e depende da sua natureza social.

Tendo em conta este nosso posicionamento em educação e museus, definimos como objectivos iniciais deste projecto:

- **Dotar o AA das condições necessárias** para que a **visita** às suas exposições seja **autónoma e rica** (isto é, melhorar a qualidade da experiência da visita – conteúdos expositivos e respectivo contexto);
- **Identificar as necessidades** dos públicos do AA;
- **Analisar a opinião** dos públicos do AA acerca das respectivas **colecções**;
- **Compreender a opinião** dos públicos do AA acerca dos **espaços expositivos**;
- **Interpretar a relação** estabelecida pelos públicos do AA, **com as colecções em exposição permanente**;
- **Reprogramar** o espaço expositivo (sala de entrada e colecções permanentes);
- **Criar um programa pedagógico de Serviço Educativo**¹⁰⁹ para as colecções em exposição permanente, de acordo com as necessidades e percepções dos públicos;
- **Aumentar o número de visitantes** do AA e estimular a sua frequência (público-alvo adolescentes);

De modo a conseguirmos atingir os objectivos a que nos propusemos, decidimos conhecer, de perto, as interpretações do público relativas às questões acima mencionadas. *A Arca do Alquimista* é para nós a obra fundamental do projecto pedagógico a realizar. No entanto não é, somente,

¹⁰⁹ ver sobre este assunto: FRÓIS, João Pedro – *Os Museus de Arte e a Educação. Discursos e Práticas Contemporâneas*. in *museologia.pt*, 2008.

sobre esta que o projecto irá incidir, mas sobre as várias peças/coleções residentes no AA.

Para tal, definimos um conjunto de questões acerca da obra *A Arca do Alquimista* e solicitámos a um grupo heterogéneo, de visitantes do AA, que observassem a respectiva obra e respondessem, espontânea, intuitiva e empiricamente, às perguntas – o que **vêm/sentem/pensam**.

Questionámos igualmente os públicos sobre a exposição dos aparelhos de precisão e outros engenhos.

Posteriormente conversámos com os públicos inquiridos, sobre a relação da obra – *A Arca do Alquimista* – com o(s) espaço(s) que a acolhe(m): a sala onde está inserida e o edifício do AA.

Tivemos ainda oportunidade de debater algumas das suas dúvidas.

Relativamente ao universo da amostra, realizámos 25 inquéritos¹¹⁰ distribuídos por um público heterogéneo comparativamente à idade, sexo, habilitações académicas e hábitos culturais.

Sexo	Idade	Habilitações académicas	Hábitos culturais
Feminino	37 anos	Licenciatura	Ocasionalmente
Feminino	60 anos	Ensino básico	Ocasionalmente
Feminino	15 anos	Ensino básico	Frequentemente
Feminino	27 anos	Mestrado	Ocasionalmente
Feminino	30 anos	Curso técnico-profissional	Ocasionalmente
Feminino	27 anos	Mestranda	Frequentemente
Feminino	33 anos	Licenciatura	Ocasionalmente
Feminino	33 anos	Licenciatura	Frequentemente
Feminino	33 anos	Licenciatura	Ocasionalmente
Feminino	28 anos	Mestranda	Frequentemente
Feminino	4 anos	-	Frequentemente

¹¹⁰ vide anexo VII – Inquéritos realizados (ponto de partida para a concepção do projecto de serviço educativo)

Feminino	10 anos	Ensino básico	Frequentemente
Feminino	26 anos	Licenciatura	Frequentemente
Feminino	33 anos	Mestrado	Frequentemente
Feminino	36 anos	Licenciatura	Frequentemente
Feminino	42 anos	Licenciatura	Frequentemente
Masculino	28 anos	Pós graduação	Raramente
Masculino	11 anos	Ensino básico	Ocasionalmente
Masculino	29 anos	Licenciatura	Frequentemente
Masculino	63 anos	Ensino básico	Ocasionalmente
Masculino	29 anos	Curso técnico-profissional	Frequentemente
Masculino	31 anos	Licenciatura	Ocasionalmente
Masculino	40 anos	Licenciatura	Ocasionalmente
Masculino	18 anos	Ensino secundário	Raramente
Masculino	7 anos	Ensino básico	Ocasionalmente

As questões colocadas aos inquiridos foram as seguintes:

<i>perguntas para alargar o olhar</i>
? para que serve
? parece com alguma coisa
? conheces outros objectos parecidos
? tem quantas partes
? de que material é feito
? os materiais têm a ver uns com os outros
? será que funciona, como
? de onde poderá ter vindo
? sabes quem o fez
? qual será a sua história
? o que é que tem a ver com este sitio
? podia estar noutra sítio
? o que é isto
? o que mais gostas

? o que menos gostas
? sentimento/emoção que te transmite
? algo que te identifique/ligue

b. Relatório/avaliação dos resultados obtidos

Para interpretar os resultados obtidos sentimos necessidade de reflectir sobre dois conceitos fundamentais para a experiência do visitante: **aprendizagem e interpretação.**

A ida ao Museu ou a outra instituição cultural é uma experiência global. Este não é directamente um sistema de aprendizagem nem de avaliação formal. Estar em contacto com os objectos e usar os vários sentidos para os interpretar proporciona uma aprendizagem única, complexa e enriquecedora. **A aprendizagem deve ser uma construção activa**¹¹¹ – o visitante é um agente activo e por isso, de acordo com os seus conhecimentos interpreta/experiência de diferentes formas. Apesar de ser o responsável pela sua aprendizagem, esta deve ser facilitada/potenciada pelo próprio espaço expositivo e pelas acções do projecto pedagógico. O Serviço Educativo situa-se entre o visitante (experiências e expectativas) e a instituição cultural (património/conteúdos) e deve relacioná-los.

A interpretação é o processo mental em que o sujeito atribui significados ao mundo que o rodeia e os adapta ao longo da vida. Interpretar a partir de objectos, ou da relação estabelecida entre eles, ajuda o visitante a ver de outro modo as obras de arte. Para isso devem criar-se **desafios** que levem os visitantes a **construir ou a alterar** significados¹¹². Sabemos que a **experiência é moldada por três contextos fundamentais – pessoal, social e físico**¹¹³ – e que é na sua intersecção que esta é construída, definida e marcada na memória dos indivíduos. Assim, para que estas sejam duradouras,

¹¹¹ HEIN, Geroge E. – *Learning in the Museum*, 1998.

¹¹² ver sobre este assunto: SILVA, Susana Gomes da – *Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. Serviços Educativos na Cultura*, 2007.

¹¹³ FALK, John, DIERKING, Lynn – *The Museum Experience*, 1992.

significantes e afectivas é preciso conjugar aquilo que os visitantes trazem consigo – os **conhecimentos prévios**¹¹⁴, a sua bagagem – com o que a instituição lhes pode proporcionar. O serviço educativo deve reconhecer e **mediar uma relação entre o racional e o afectivo/emocional e o sócio cultural**. Por outras palavras, entre o objecto, a motivação/interesse/memória do visitante e o mundo.

Considerações:

Os visitantes do AA podem contemplar, em simultâneo, várias exposições, duas de carácter permanente e as restantes são temporárias.

Através das respostas provenientes dos inquéritos, conseguimos avaliar os resultados, por meio da observação e comparação dos mesmos, e, conseqüentemente a interpretá-los.

Segundo os inquéritos realizados o público interage e identifica-se com a obra *A Arca do Alquimista*. Relaciona-a, sobretudo, com temas relativos à **evolução**, tanto a humana como científica e tecnológica. Identificámos outras relações, nomeadamente, com a **obra do escultor** e, ainda, com as **artes** e as **ciências**, exactas e sociais.

Há outro tipo de relação com a obra, uma mais **pessoal** em que os públicos se relacionam directamente com ela, identificando-se ou ligando-a a alguém próximo. Isto sucede sobretudo através dos variados objectos que integram a instalação exposta, estabelecendo com eles uma relação de **afectividade**, apreciando uns e rejeitando outros. Esta **familiaridade** com os objectos, e conseqüentemente com a obra é salutar pois permite a construção e fortificação de laços¹¹⁵.

Na observação da obra de arte reparámos que determinados objectos foram mais sensíveis ao olhar feminino e outros ao masculino. As mulheres repararam no ninho, numa interpretação maternal de aconchego e amor [ninho = a filhos] e na balança, como a procura do equilíbrio para o quotidiano. A

¹¹⁴ HOOPER GREENHILL, Eileen – *Museum and Gallery Education*, 1991.

¹¹⁵ ROBERTS, Lisa – *From Knowledge to Narrative: Educators and the Changing Museum*, Smithsonian Books. 1997.

caveira de animal que integra a obra provocou recusa, muito espontaneamente pelo público feminino. O que demonstra que apesar da morte estar banalizada e mediatizada de uma forma constante, quando o sujeito se confronta com essa ideia recusa-a de imediato, pois ela inquieta-o, assim como ao seu núcleo familiar. Os homens focaram-se sobretudo nas ferramentas de trabalho. De entre todos os objectos que compõem a obra, os adolescentes e crianças identificaram aqueles que estão mais próximos dos seus referentes. Da mesma forma os conceitos e ideias que retiraram da obra prendem-se com a sua realidade, como por exemplo o chip e os circuitos impressos, pois evocam entretenimento e estão associados ao mundo da cibernética, dos jogos virtuais e da internet.

É de realçar que esta obra de arte, para os inquiridos, sublinha dois conceitos antagónicos: trabalho e entretenimento. Tal facto prende-se, em primeiro lugar, com os conhecimentos prévios dos visitantes, depois com as suas experiências anteriores e, por último, com o impacto que a obra de arte com as suas formas e subtilezas exercem no observador. Todas estas dimensões exigem um envolvimento psicológico e físico com as obras e são fundamentais à sua interpretação.

Identificámos, na observação da obra, uma forte associação à noção **temporal**, principalmente ao **passado**.

A obra **transporta os visitantes para outros cenários** bem diferentes daquele em que está inserida. Permite ao público “viajar” para outros contextos. Entre eles, a natureza, oficinas de artesãos, edifícios antigos e em ruínas, ou até os sótãos dos avós. São as suas memórias (sobretudo da relação afectiva com os objectos) que os transportam para outros lugares.

A “redoma” – expressão usada por um inquirido – de vidro impõe relevância perante o olhar do público, porque ao cobrir objectos, cria intransponibilidade entre eles e a mão humana, evidenciando a sua raridade e preciosidade. Quase podemos fazer um paralelo com o ouro da arte sacra que está, normalmente, exposto em vitrinas ou em campânulas. É como se o vidro permitisse o olhar e concedesse valor à obra, por outro lado protege-a da mão alheia.

O público confere assim, à obra e aos objectos que a constituem, um valor especial porque, apesar de os conhecer, do seu quotidiano mas de os saber obsoletos, aqui estão exposto e protegidos, por isso devem ser observados e interpretados com outra atenção e, conseqüentemente, devem ser **conferido outro valor**. É, também, a redoma que impulsiona a **reflexão** sobre o conjunto de peças que criam a **obra** e convida a especular sobre a sua criação: o **criador** e as razões deste.

A existência de livros com fórmulas científicas, como parte integrante da obra, bem como outros objectos trazidos do contexto científico, nomeadamente os balões alquímicos ou os frascos de laboratório, não provocam ruído na instalação e remetem os públicos, mais atentos, para o mundo do **experimentalismo científico/laboratorial**.

Verificámos que são os **públicos que têm hábitos culturais** os que, ao **descodificar a obra de arte**, sentem prazer pelo acto performativo da instalação. Já **o cidadão menos habituado ao contacto com as artes** e o mais **idoso** remete, sempre, para um **passado** onde encaixa os objectos mais conhecidos.

Sabemos que muitas outras relações podem ser estabelecidas, no entanto as anteriormente enunciadas sobressaem do universo entrevistado.

De acordo com os resultados obtidos observámos que as **palavras mais repetidas** foram (e sinónimos alusivos às mesmas):

- guardar, recordar, memórias, reflectir, conhecimento, sabedoria, saudade, observar, confusão,
- tempo, passado, evolução, antepassado,
- civilização, profissões, trabalho, ferramentas, objectos,
- coleccionador, colecção, montra,
- infância, vida, avós,
- natureza, ferro, madeira, metal,
- atelier, sótão, oficina, gavetas,
- arte, museu,

As perguntas de que resultaram **respostas mais equivalentes** entre os indivíduos foram:

- Conheces outros objectos parecidos?
- De que material é feito?
- Os materiais têm a ver uns com os outros?
- Sabes quem o fez?
- Podia estar noutra sítio?

As perguntas de que resultaram **respostas mais desiguais** entre os grupos foram:

- Para que serve?
- Parece com alguma coisa?
- Tem quantas partes¹¹⁶?
- De onde poderá ter vindo?
- O que é que tem a ver com este sítio¹¹⁷?
- O que é isto?

A **pergunta que causou mais dúvidas** aos inquiridos sobre a respectiva resposta:

- Será que funciona, como¹¹⁸?

A **pergunta que causou mais resistência de resposta** aos inquiridos:

- Qual será a sua história¹¹⁹?

¹¹⁶ É muito interessante a divisão que alguns fizeram e a união – enquanto conjuntos – que outros não conseguiram largar

¹¹⁷ Uns interpretaram o sítio AA, outros a sala onde está inserida.

¹¹⁸ Provavelmente estava mal elaborada mas houve também alguma resistência em responder.

¹¹⁹ As pessoas precisam/querem saber mais sobre o autor da obra para imaginar a história da obra, resistem a imaginar...

Considerações:

Acerca da possível ou inexistente relação entre *A Arca do Alquimista* e os engenhos expostos no núcleo museológico, o público relacionou-as, acentuando a ideia comum de **conhecimento** e **evolução**. Parece-nos, no entanto, que esta foi estimulada pela própria pergunta.

Através do universo entrevistado, percebemos que os objectos que constituem *A Arca do Alquimista* não têm, agora, importância pela sua função de antigamente mas porque estão em exposição e porque juntos remetem para os conceitos acima referidos. Quanto aos engenhos expostos no núcleo museológico, estes transmitem as mesmas ideias porque são representativos de várias áreas e épocas.

Muitos consideraram que alguns dos objectos expostos individualmente (no núcleo museológico) são parte integrante da obra e ajudam-na a formar aquele conjunto.

Para a melhor compreensão da obra *A Arca do Alquimista* deve ser enfatizada a postura de José Aurélio enquanto homem e enquanto escultor. Nomeadamente o facto de se assumir como um recolector de objectos, independentemente da sua natureza. E ainda o gosto que tem por guardar, restaurar e por vezes incorporar nas suas esculturas engenhos como os expostos.

Para a concepção do projecto pedagógico tivemos de ter em conta outras directrizes, também estas captadas pelos inquéritos de observação. Estes expressam as necessidades e conhecimento dos públicos e permitiram-nos delinear o projecto de acordo com os temas abordados: **Homem, civilização, evolução, ciência(s), passado, ofícios, matérias primas, arte(s), memórias, recolha...**

c. Reprogramação/definição dos espaços expositivos

Para melhorar a acessibilidade física e intelectual do público, potenciando, assim, uma melhor experiência de visita, propomos dois níveis de

intervenção: a reorganização dos espaços e colecção e o uso das novas tecnologias na interpretação e divulgação do património.

George Hein defende que os museus devem alterar as suas práticas de modo a promoverem a emergência do “museu construtivista”.¹²⁰ Este sublinha também a necessidade de serem facultadas aos visitantes condições de conforto físico e intelectual¹²¹.

Segundo B. Joseph Pine II e James H. Gilmore¹²², o património/colecções têm variadas potencialidades, que permitem criar dinâmicas de visita e experiências enriquecedoras, que são procuradas pelos visitantes. O público é heterogéneo, tem diferentes motivações e procura experiências únicas que promovam o conhecimento, a descoberta e o diálogo. A linguagem utilizada deve ser, para todos, clara, directa e activa. Deste modo, alguns visitantes podem ficar despertos para o tema e, depois da visita/actividade, aprofundar os seus conhecimentos sobre o mesmo.

Mudaram, assim, os públicos, bem como as suas necessidades e expectativas e, para os satisfazer, é preciso acompanhá-los. As colecções/património não se podem alhear à evolução da sociedade, devem estar receptivos e flexíveis à mudança, bem como perceber as necessidades dos visitantes de acordo com o contexto social, económico e político.

Os museus têm vindo a adoptar novas medidas para atingir toda a população, adequando as suas actividades aos potenciais visitantes (sabendo previamente dos seus interesses, motivações e impressões) produzindo materiais de apoio adequados aos diversos segmentos de público.

F.H. Hernández defende que o museu é um espaço de comunicação por excelência, dado que pode, usar e potenciar os outros meios de comunicação¹²³.

A comunicação é um processo determinante para a sustentabilidade e consequente preservação do património. Hoje é mais fácil comunicar com os

¹²⁰ HEIN, George – *The Constructivist Museum*, 1995.

¹²¹ HEIN, George – *Learning in the Museum*, 1998.

¹²² PINE II, B. Joseph; GILMORE, James H. – *Authenticity: What Consumers Really Want*, 2007.

¹²³ HERNÁNDEZ, Francisca Hernández – *El museo como espacio de comunicación*, 1998.

públicos devido às novas ferramentas de comunicação. “A sociedade de informação disponibiliza tecnologias que podem, se convenientemente exploradas, ser um excelente meio para contribuir para a difusão do nosso património cultural a uma escala outrora difícil sem investimentos avultados”¹²⁴. O uso desta deve ser adequado às necessidades da colecção/património, do público e dos recursos financeiros disponíveis. As soluções podem ser de alta ou baixa tecnologia, o importante é que estejam adequadas ao contexto de utilização para comunicar eficazmente com os utilizadores para os quais foi criada (públicos).

A tecnologia¹²⁵ promove o diálogo e a participação dos públicos, independentemente da sua idade, género, nacionalidade, capacidades físicas, etnias, habilitações académicas, actividade profissional ou preferências e hábitos culturais. Dos avôs aos netos, das escolas às famílias, todos têm necessidades e expectativas de visita a que a tecnologia pode e deve responder. Estas ferramentas tornam mais acessíveis os museus e as suas colecções, permitem aprendizagens, descoberta e partilha, numa visita completa e autónoma.

As mais-valias da tecnologia valorizam a experiência da visita e reforçam a sua importância no acesso aos conteúdos – possibilitando, por exemplo, a tradução em várias línguas e a exploração em vários graus de dificuldade. Por outro lado a tecnologia facilita o processo de actualização da informação e poupa recursos humanos e financeiros, evitando a substituição de folhas de sala, roteiros ou legendas.

Na programação da exposição tem de haver harmonia expositiva, as soluções tecnológicas devem ser funcionais, intuitivas e práticas. Estas não podem atrapalhar as colecções, devem ser um complemento à visita e não a visita em si.

A intervenção que propomos no AA relativamente à reorganização dos espaços e colecção prende-se com a necessidade que sentimos em redefinir

¹²⁴ COELHO, José Dias e tal – *Livro Verde para a Sociedade de informação*, 1997.

¹²⁵ VALINHO, Patrícia – *As novas tecnologias aplicadas à interpretação e divulgação do património*. in *museologia.pt*, 2009.

os espaços expositivos, vincando que uns apresentam obras/exposições temporárias e outros permanentes. Também a apresentação do AA, do seu contexto na cidade de Alcobaça e o seu fundador devem ser mais enfatizados, pois, só assim os públicos poderão relacionar estas várias vertentes que se complementam.

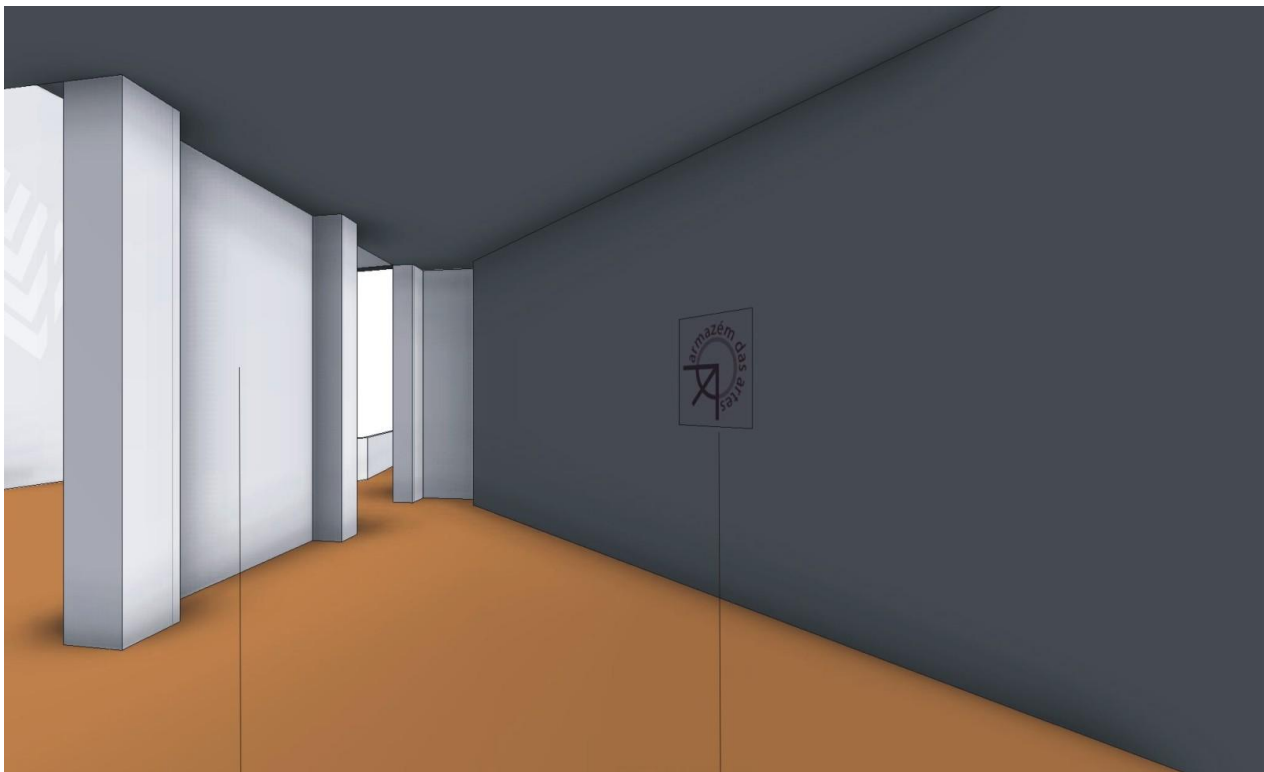
Reprogramámos os espaços de exposição tendo como público-alvo jovens de 15 anos visto que sentimos a necessidade de tornar os espaços expositivos mais pedagógicos e didácticos não só para os jovens e crianças mas também para os públicos divorciados da arte e da cultura.

Neste sentido, será responsável o primeiro espaço expositivo. Neste, devem constar as informações relativas à missão do AA, aos objectivos do seu fundador e á mobilidade dos públicos dentro do edifício, isto é, a definição de espaços de exposição permanente e de exposição temporária e a sugestão de circuitos de visita.

Pensámos em utilizar esta primeira sala para este fim uma vez que, actualmente, funciona como uma zona de circulação, de acesso às outras salas, embora seja, por vezes, expositiva.

O público ao aceder a esta informação fica elucidado sobre os vários espaços expositivos – deve estar esboçada a planta do edifício e o que cada sala contém, esta deve estar de acordo com os restantes materiais gráficos – e respectivas colecções e, pode ser, alertado para algumas relações que se pretendam estabelecer entre exposições ou temáticas. Pode ainda ser-lhe sugerido um roteiro ou circuito para a visita. As salas de exposição permanente podem ter uma cor diferente das salas de exposições temporárias.

Estas intervenções seriam de vinil e aplicadas na parede. Texto, imagem e design gráfico seriam os meios utilizados.



Apresentação das Colecções e do AA
(Fundador e Origens)

Sugestão de circuito de visita
(salas de exposição permanente e de exposição temporária)

A *Arca do Alquimista* situa-se numa sala paralela a esta, estão semi-divididas por uma parede incompleta. Além desta obra, residente, situa-se ali, a obra *Homenagem à Revolução Francesa*. Outras peças habitam, temporariamente, este espaço. Esta sala tem um elevado pé direito e o seu tecto privilegia o contacto com o exterior, consequentemente, com a luz natural. Tal é possível graças a uma pirâmide oblíqua (pois tem um eixo maior que outro) produzida com ferro metalizado e plástico de parede dupla. Assim, ao mesmo tempo que facilita a entrada da luz natural, também isola o interior do edifício do frio, do calor e filtra a luz do sol. Em certos pontos da sala consegue-se vislumbrar um catavento no exterior do edifício, mais uma peça do escultor, daquelas que precisam da energia cinética.

A nossa proposta é, que nesta sala, não existam outras peças além das duas, já enunciadas. Definimos este espaço como permanente e dedicado às

obras do escultor. Segundo o universo entrevistado, percebemos que, a existência de várias obras, à partida, de diferentes naturezas e temas, neste mesmo espaço, provocam dúvidas e confundem o público.

As respostas obtidas nos questionários permitem-nos identificar algumas das necessidades dos públicos e, conseqüentemente, agir no sentido de colmatar essas necessidades. Por isto, sugerimos a criação de materiais informativos que ajudem à interpretação das mesmas.

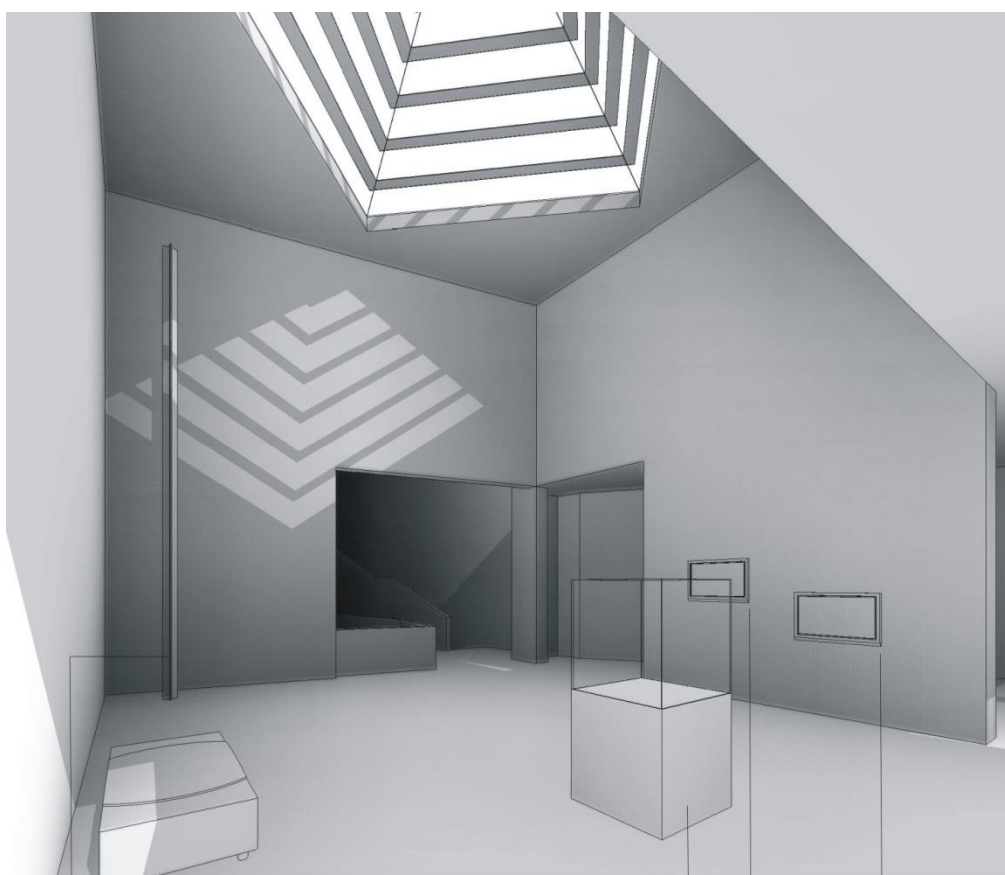
Consideramos importante enfatizar a obra de José Aurélio e os seus processos de produção e perceber como é que estão sintetizadas nas obras aqui expostas e no edifício em si. É também importante explicitar aos públicos de onde deriva o conceito de alquimista (tão primordial para o escultor).

Pretendemos que esta obra se imponha na sala, para isso propomos que seja deslocada um pouco mais para o meio. Claro que a sua nova localização tem de ser estudada *in loco* para não dificultar a movimentação, mas antes melhorar a observação e fruição do público.

Assumindo que este espaço de exposição permanente e que a temática é a obra do escultor José Aurélio, sugerimos que na parede central sejam colocados dois ecrãs tácteis, com alturas diferentes. Estes servem de complemento à exposição.

Um dos ecrãs, o que está mais abaixo e, possivelmente, com uma cor mais apelativa, será dedicado, principalmente, às famílias (por ser um grupo inter geracional) e às crianças. Este será dotado de um software simples com o objectivo de fornecer informações adicionais à respectiva obra. Esta estaria digitalizada no dito ecrã e, os públicos, ao tocarem num dos componentes da obra, o veriam sobressair. A juntar à imagem ampliada do objecto estariam outras informações sobre o mesmo que iriam ajudar o visitante na compreensão da obra. Além desta função, este ecrã, de acordo com os objectos seleccionados pelo público, conceberia uma escultura – a escultura de família – que poderia ser enviada via e-mail e mais tarde impressa. Prolongar-se-ia a visita fora das portas do AA com *A Arca do Alquimista*.

O outro ecrã seria dedicado aos públicos interessados em aprofundar conhecimentos ou, simplesmente, conhecer mais obras do escultor ali representado. Este também seria táctil e, o seu software de simples utilização. Os conteúdos a inserir seriam algumas obras do escultor e, uma pequena contextualização às mesmas (relativa aos materiais, dimensões, localização e “interpretação”).

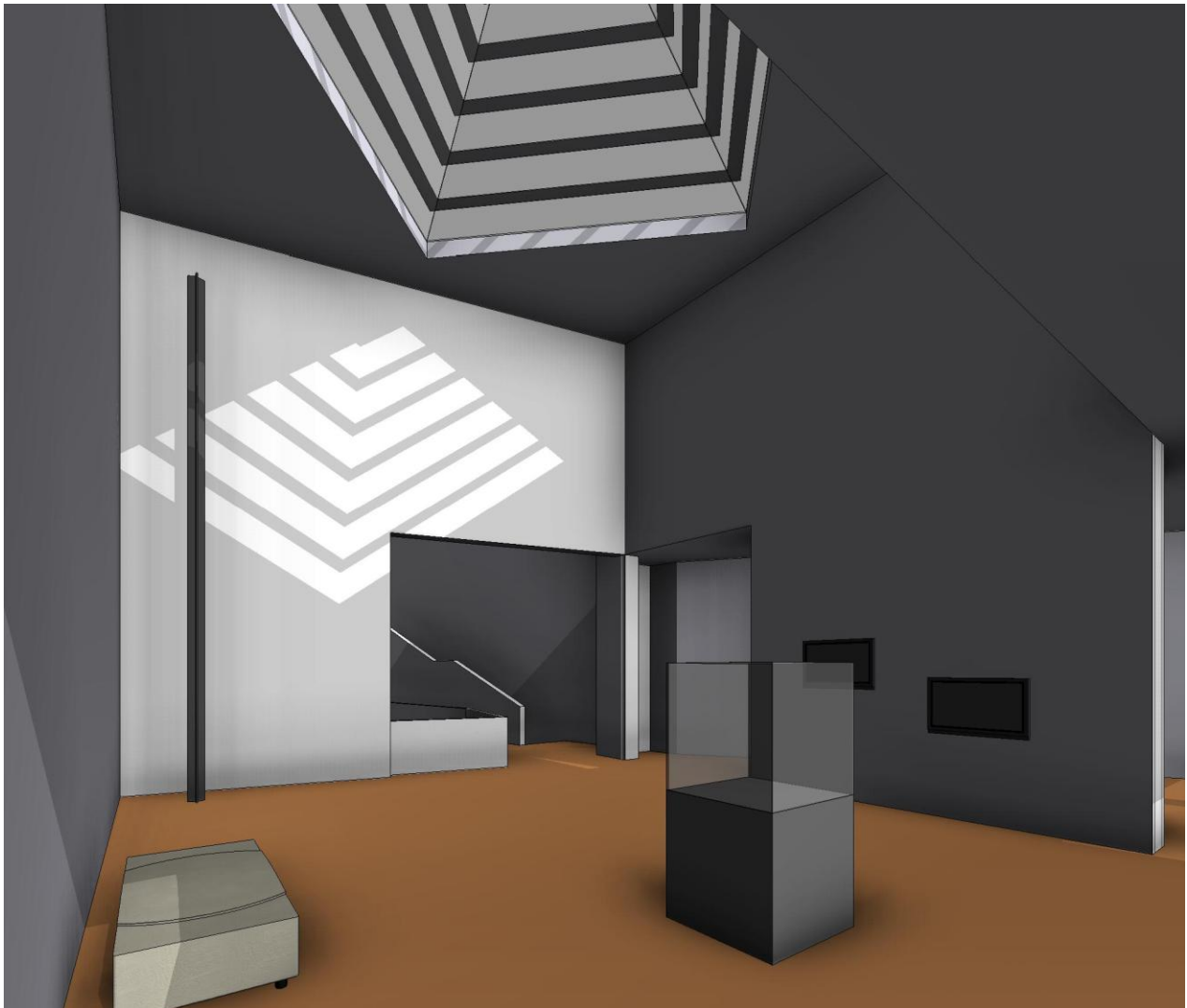


Escultura *Homenagem à Revolução Francesa*

Escultura *A Arca do Alquimista*

Ecrã Multimédia para crianças/famílias

Ecrã Multimédia para adultos



Pensamos que, devido aos materiais que constituem *A Arca do Alquimista*, à temática a si associada e aos lugares para onde transporta os visitantes – de acordo com as respostas obtidas pelos inquéritos – se poderia dotar a sala de som. Este seria referente aos ditos materiais e aos locais enunciados. Além de ser algo agradável e de completar a exposição, potenciaría nos públicos mais resistentes, uma interpretação mais ampla, liberta de condicionalismos.

Relativamente à exposição permanente dos engenhos e aparelhos de precisão, esta deveria ser dotada de mais informação, relativa a cada conjunto de objectos, possivelmente segmentados por épocas e temas. Estes materiais de apoio gráfico poderiam ser colocados no chão, junto à correspondente vitrina para não criar dificuldades de visibilidade por parte dos visitantes.

Era nosso objectivo perceber se os públicos relacionavam *A Arca do Alquimista* com os engenhos e objectos de precisão expostos permanentemente. Tal ligação foi estabelecida e pretendemos intensificá-la. Para tal, propomos, na primeira sala – a de apresentação – o circuito directo entre estas duas exposições e só depois pelos restantes espaços expositivos. Para vincar ainda mais o circuito e a conseqüente afinidade entre as exposições – artes e ofícios – propomos traçar uma linha na parede que conduza, intuitivamente, o público de uma sala para outra. Esta linha deve ser discreta mas perceptível e deve estar a 80 centímetros do chão.

Para intensificar a relação entre as duas exposições permanentes, os engenhos/aparelhos de precisão poderiam ser reagrupados e expostos consoante as temáticas mais enfatizadas, e que se queiram reforçar, com a obra *A Arca do Alquimista*.

Nota: tínhamos pensado em propor uma cafetaria para o AA e, entretanto, soubemos que este projecto se irá concretizar. Também a programação cultural no espaço do AA se intensificou e diversificou, em Outubro começaram os concertos à tarde e à noite de modo a captar dois segmentos de público: o mais velho e o jovem.

d. Adaptação do projecto educativo às necessidades do público

Os programas educativos das instituições culturais devem promover e fomentar a **fruição cultural**, desenvolvendo as capacidades de observação visuais dos seus visitantes, **sensibilizá-los** para a construção de sentido crítico e **possibilitar a exploração e a experimentação de novas situações**. Os artefactos são **indutores** capazes e apropriados para o cumprimento de tais objectivos. É assim que os públicos desenvolvem competências estéticas, pois encontram uma grande variedade de significados impulsionada pelo contacto directo com as obras.

Para mediar as experiências estéticas as instituições culturais devem propor modos de interação com as obras de modo que os públicos com o *know-how* que trazem para o museu possam dialogar com elas, fazendo as suas leituras e produzindo conhecimento. Aprendizagens formais e não formais podem facilitar-se mutuamente. Devem ser adaptadas várias medidas que proporcionem a obtenção de uma experiência cognitiva e emocional suficientemente satisfatória, independentemente dos conhecimentos prévios, da experiência pessoal, dos interesses e das motivações dos diferentes indivíduos¹²⁶. Por exemplo, o visitante, com formação artística visita com mais facilidade uma exposição de arte porque descodifica facilmente o que está a ver. Compara o que está a observar (com a acuidade necessária para tirar partido da mesma) tendo em conta que tem memória de outras obras que já viu e outros museus de arte que já visitou. Também a interação social com os outros membros do grupo é determinante na produção de sentidos na aprendizagem.

Alguns modelos de educação artística traduzem o desejo de o museu contemporâneo se adaptar á heterogeneidade dos públicos que o visitam, e revelam, frequentemente, a vontade e o desejo de os educadores dos museus se distanciarem das aprendizagens escolares¹²⁷. A visita a um espaço cultural é, por isso só, um acto pedagógico que deve estar disponível a todos. Por outras palavras, é uma acção cultural que apela à harmonia tácita entre os benefícios oferecidos pelos conteúdos da exposição (imateriais e materiais) e as expectativas dos visitantes. Compete ao educador/mediador do museu numa qualquer visita/actividade impulsionar a interação e fomentar os diálogos verticais e horizontais, de modo que as ideias pré-concebidas trazidas do exterior pelo sujeito/grupo, sejam postas ao serviço do mesmo, encontrando respostas, multiplicando as leituras, avivando memórias resultantes da sua experiência de vida, enriquecendo a visita tanto colectivamente como individualmente.

¹²⁶ MENDES, J. Amado – *Museus e Educação*, 2009.

¹²⁷ HOOPER-GREENHILL, Eileen – *Museums and Interpretation of Visual Culture*. Routledge, 2000.

O que mais importa nesta experiência é que o itinerário da visita conduza os visitantes às leituras que aparentemente residem na obra e se impregnam no indivíduo, através das mediações disponíveis. Entre outras medidas, deve apetrechar-se o objecto artístico de um conjunto de repertórios de interpretação, que possibilitem a abertura a públicos mais vastos, e a conseqüente criação e aprofundamento da sua interpretação, indo ao encontro dos objectivos pedagógicos previamente definidos no projecto.

As inibições que impedem o desenvolvimento equilibrado e o diálogo com as artes estão relacionadas, prioritariamente, como refere Csikszentmihalyi¹²⁸, com o tratamento pedagógico dos conteúdos da colecção. É, muitas vezes, insuficiente a informação biográfica dos artistas, a iconografia específica de determinada obra e as contextualizações na história da arte. Também é recorrente a escassez de informação sobre a própria instituição cultural e respectiva organização das exposições/colecções. Quanto aos materiais de informação manipuláveis (brochuras, folhetos, mapas, folhas de sala, roteiros, entre outros) estes, por vezes nem existem, o que dificulta e distancia os públicos das obras.

O recurso a outros meios, como a fotografia, o som ou a multimédia, possibilitam ao público penetrar no contexto temporal e espacial em que o artista concebeu a respectiva obra. Esta visão deve assentar numa economia de meios, porque o excesso de estímulos não favorece a fruição, desequilibra-a.

Actualmente não é suficiente saber que tipos de públicos visitam os museus, é igualmente necessário saber como é que estes integram os saberes resultantes do contacto que estabelecem com os espaços culturais e com as colecções. É preciso rigor científico, não bastam as generalizações à priori sobre o comportamento dos visitantes do museu.

O projecto pedagógico que propomos para o AA teve em conta estas e outras directrizes.

¹²⁸ CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly – *Notes on art museum experiences*, 1989.

Nas experiências que o serviço educativo irá proporcionar devem estar sempre presentes a **novidade e a descoberta**, pois estes factores motivam o visitante. Ele é obrigado a reestruturar os seus conhecimentos – pode conhecer mas irá redescobrir. A **exploração deve ser estruturada e com uma componente lúdica** pois quanto mais integrados e familiarizados estiverem os visitantes mais concentrados, atentos e disponíveis estarão nas actividades. Necessitam de tempo para explorar, assimilar e acomodar o novo espaço (AA) e a informação (conteúdos) e ainda de os relacionar com os seus interesses e conhecimentos prévios. **Os educadores de serviço educativo têm de construir estratégias capazes de dar razão e sentido aquilo que os visitantes vêem, exploram e experimentam.** Para tal devem ser **utilizados elementos lúdicos**, esta estratégia desenvolve a curiosidade e o sentido de descoberta, potenciando aprendizagens efectivas.

Quanto maior for a interacção dos visitantes (individualmente e sobretudo em grupo) mais eficiente é a sua aprendizagem, uma vez que partilham experiências e encontram novos significados – **participar, partilhar, negociar significados** (o debate de ideias/opiniões e a análise crítica, porque suscitam questões, levantam novas dúvidas). A **interacção com objectos é muito importante**, a **experiência sensorial** desperta outro conhecimento porque estabelece uma relação mais próxima entre o visitante e os conteúdos. **A aprendizagem implica estimular a mente, usar as mãos e sentir com o coração – *minds-on, hands-on e hearts-on***¹²⁹. É também designada a trilogia da aprendizagem: aprender fazendo, fazer pensando e pensar envolvendo-se, pois desde que sejam dados desafios aos visitantes, estes tenham tarefas, que possam reflectir sobre a resolução de um problema, estarão envolvidos activamente e assim maior e melhor será a sua experiência e consequentemente aprendizagem. **Todos os sentidos devem ser utilizados** pois só com uma experiência multi-sensorial se responde aos inúmeros desafios criados pelos diferentes perfis e estilos da aprendizagem. Só devem ser consideradas educativas as experiências que permitem abrir novas oportunidades de aprendizagem.

¹²⁹ HEIN, George, "Constructivist Learning Theory" in *CECA Conference. The Museum and the Needs of People* 1991 (<http://www.exploratorium.edu/IFI/resources/constructivistlearning.html>), (acedido a 7 de Novembro de 2011).

Os **objectos têm uma função comunicativa**, são mediadores de conhecimento, contam histórias, propõem novas abordagens, permitem reinterpretar conceitos, comparar situações e formular hipóteses. Por isso se privilegia, em algumas actividades, o uso de alguns objectos (engenhos do núcleo museológico relacionados com a obra *A Arca do Alquimista* e com as temáticas escolhidas) que funcionarão como indutores. Estes serão **descobertos** pelos participantes (relativamente aos materiais e funções) através do **manuseamento** dos mesmos (permitem senti-los nas suas várias perspectivas) e do **debate**, em grupo, sobre as diferentes interpretações. Devem ser **relacionados** com os seus conhecimentos prévios, e **familiarizados** com a temática que integram. Desejam estimular a sua **criatividade**, despertar a **curiosidade** e conseqüentemente o **sentido crítico**¹³⁰. Deste modo estarão motivados e despertos aquando da visita e estas experiências facilitarão a sua aprendizagem e a realização da actividade plástica/artística.

De acordo com o inquérito realizado, os públicos interagem, identificam-se com a obra *A Arca do Alquimista*. Relacionam-na, sobretudo, com os temas da evolução, tanto a humana como a da ciência e tecnologia. Foram encontradas outras relações e, muitas outras se podem estabelecer, nomeadamente com a obra do seu autor, bem como, com as artes, com as ciências exactas, com as ciências sociais e humanas e com as humanidades.

Em função dos públicos inquiridos propomos a realização das seguintes actividades:

- Visitas e ateliês de escultura para alunos do 1º ciclo do ensino básico
 - Manusear objectos da colecção (engenhos e aparelhos de precisão)
 - Aprender e experimentar técnicas próprias da escultura
- Roteiro para famílias
 - Pequena brochura com grafismo apelativo e com espaços em branco para serem preenchidos. Este ajudará as famílias a descobrir o AA, as suas exposições e colecções. Chamará à

¹³⁰ HOOPER-GREENHILL, Eileen – *The Education Role of the Museum*, 1999.

atenção para alguns pormenores e será uma ferramenta útil para reflectirem e relacionarem peças/coleções. As famílias estabelecem ou não essas relações conforme as competências que adquiriram ao longo da vida e assim trocam conhecimentos e opiniões sobre os temas abordados, sendo que uns são mais comuns aos adultos e outros às crianças.

- Acções vocacionais direccionadas aos alunos do 9º ano (3º ciclo do ensino básico – de acordo com o programa curricular)
 - Ciências exactas
 - Ciências sociais e humanas
 - Artes
 - Humanidades

Estas acções permitirão aos alunos compreender as áreas de estudo do próximo ano lectivo e ajudá-los na respectiva escolha.

Tendo como pano de fundo *A Arca do Alquimista* desenvolver-se-ão mesas redondas, colóquios ou simples conversas que provoquem interpretações sobre a mesma, partindo do ponto de vista dos alunos, dos professores e de convidados (representativos de várias áreas e que se relacionem com as ditas áreas de estudo) evidenciando que as artes e os objectos artísticos se relacionam com todas as componentes da vida e que esta é transversal a todas as áreas do saber, de todas bebe e a todas alimenta.

A Arca do Alquimista mostrará que a partir de uma obra de arte serão conhecidos e discutidos conceitos – entre outros, a evolução humana, ciência, tecnologia, materiais, filosofia, poesia, trabalho físico e intelectual. O que prova que as artes são híbridas e que um artista precisa de conhecimentos em variadas áreas, não lhes chegando a inspiração!

O que se pretende é que independentemente da área vocacional que o aluno escolher no final do 9º ano, que poderá ser não artística, o gosto pelas artes e a fruição das mesmas devem acompanhar a área vocacional escolhida. Por isso os debates com professores de várias áreas, museólogos e artistas, músicos e actores, escritores e bailarinos, entre outros, permitirão uma formação integral no jovem adolescente e irão alertá-lo para a importância da

vertente artística e patrimonial no seu leque de conhecimentos e aprendizagens.

- Comemoração do dia internacional dos museus
 - Escolas: **Criação de uma escultura de grupo** com objectos trazidos pelos alunos.

As esculturas produzidas serão expostas junto da obra que as impulsionou. Os encarregados de educação e restante comunidade escolar serão convidados a visitá-las. Estarão em exposição durante duas semanas, a contar do dia internacional dos museus.

- Famílias **Criação de uma escultura de família** com objectos trazidos ou produzidos pelas famílias.

Estas produções serão igualmente expostas junto da *Arca do Alquimista* e estarão patentes assim como as realizadas pelas escolas a partir do dia internacional dos museus.

Conclusão

Depois de numerosas visitas ao Armazém das Artes, de conversas formais e informais com o seu fundador, da análise dos inquéritos (necessários à realização do projecto pedagógico), da observação dos públicos e da pesquisa relativa à educação em museus, identificámos algumas barreiras entre os espaços expositivos/colecções e os públicos. Este ruído na visita impossibilita os públicos da fruição completa das obras, que implica a leitura e a consequente compreensão das mesmas.

Reflectimos sobre este ruído com o intuito de o ultrapassar, de modo a propiciar aos públicos uma melhorada experiência de visita, em que a aprendizagem seja lúdica e interactiva.

O AA tem como principais objectivos ser *um pólo dinamizador da vida cultural e artística da região e promover e realizar actividades culturais*. Para melhor concretizar estes objectivos, consideramos que este deve **reprogramar os seus espaços expositivos**, de modo a tornar mais claro o percurso museológico (particularmente para auxiliar os jovens e os públicos com escassos hábitos culturais); deve **dotar as colecções de mais informação**, tanto para o público muito interessado e habituado e que pretende aprofundar os seus conhecimentos, como para os mais jovens e os menos iniciados no contacto com as artes, pois a ambos ajudará na construção da interpretação; deve **fortificar a comunicação com os públicos** recorrendo, por exemplo, à **multimédia**, tirando partido da evolução tecnológica presente no quotidiano de todos.

Acreditamos que para **facilitar os públicos na construção das variadas leituras** acerca das obras/colecções, o AA deve-se apresentar as suas colecções e sugerir um roteiro/circuito de visita (entre exposições permanentes e temporárias). Ao **destacar as obras do escultor José Aurélio** (*A Arca do Alquimista e Homenagem à Revolução Francesa*) os públicos **focalizam a sua atenção nas mesmas**, não dispersam o olhar sobre outros objectos expostos que podem comprometer a interpretação e compreensão da obra do escultor.

Ao **dotar o espaço e as colecções de mais informação** a visita torna-se mais autónoma e enriquecedora, do ponto de vista dos conteúdos. Por outro lado, recorrendo à **multimédia** (ecrãs multimédia) a experiência dos públicos torna-se quase inesquecível, uma vez que estes participam activamente no processo de aprendizagem, são responsáveis por ela, são estes que decidem o que querem explorar e até que nível (permitem o conhecimento exaustivo das obras tornando-as mais visíveis e obrigando os públicos a investigar). Assim, o visitante e a sua experiência ganham tanto ao nível dos saberes como das emoções.

No âmbito do projecto pedagógico proposto, os ecrãs multimédia vão permitir a **interacção dos grupos** uma vez que despertam para a descodificação de objectos cuja funcionalidade na vida quotidiana pertence ao passado, logo promovem a imaginação e os debates inter-grupais tão profícuos para a descoberta e para a produção do conhecimento para as múltiplas leituras; **facilitar o convívio salutar inter-geracional** (no caso das famílias) em que os públicos, quase como num jogo de interpretações e memórias passam da obra de arte para o ecrã e do ecrã para a obra de arte, trocando conhecimentos.

Consideramos que com estas propostas, tanto as colecções como os espaços expositivos e, sobretudo, os públicos que frequentam o AA iriam tirar partido desta nova mediação, que vai ao encontro das suas motivações e necessidades dotando-os de mais conhecimento e causando-lhes experiências distintas e enriquecedoras.

Defendemos que há uma relação muito positiva entre os escassos custos das remodelações propostas e o enorme proveito que delas se retirará.

Bibliografia

- CARLOS, Isabel; GOMES, Paulo Varela; PINHARANDA, João Lima; TOSTÕES, Ana Cristina – *História da Arte Portuguesa*, Vol. X. Círculo de Leitores. 2008.
- COELHO, José Dias et al. – *Livro Verde para a Sociedade de informação*, 1997.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly – *Notes on art museum experiences*. 1989.
- DIERKING, Lynn; FALK, John – *The Museum Experience*. Whalesback Books. Washington: DC., 1992.
- ESTIVILL, Rosa et al. – *La investigación del educador de museos*, 1985.
- FERRARI, Silvia – *Guia de História da Arte Contemporânea*. Editorial Presença. Lisboa, 2001.
- FRANÇA, José Augusto – *História da Arte em Portugal. O Modernismo*. Editorial Presença. Lisboa, 2004.
- FRÓIS, João Pedro – *Os Museus de Arte e a Educação. Discursos e Práticas Contemporâneas*. in *museologia.pt*, n.º 2, IMC, Lisboa. 2008.
- GILMORE, James H., PINE II, B. Joseph – *Authenticity: What Consumers Really Want*, Harvard business school press, 2007.
- HARRISON, Molly – *L'éducation et les musées. Conseils pratiques*, 1948-1949.
- HEIN, George – “Constructivist Learning Theory” in *CECA Conference. The Museum and the Needs of People* (Jerusalem, Israel, 15-22 October) 1991 – disponível em <http://www.exploratorium.edu/IFI/resources/constructivistlearning.html>
- HEIN, George – *Learning in the Museum*. Routledge, 1998.
- HEIN, George – *The Constructivist Museum*. 1995.
- HERNÁNDEZ, Francisca Hernández – *El museo como espacio de comunicación*. Gijón (Astúrias) 1998.
- HOOPER-GREENHILL, Eileen – *Communication and Communities. Changing paradigms in Museum Pedagogy*, 2000.

- HOOPER-GREENHILL, Eilean – *Museum and Gallery Education*. 1991.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean – *Museums and Interpretation of Visual Culture*. Routledge, 2000.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean – *The Education Role of the Museum*. Second Edition. Routledge, 1999.
- HUDSON, Kenneth – *Museums for the 1980s*, 1977.
- LAMBERT, Fátima – *Acerca das Tendências da Escultura Portuguesa Actual – Catalogo da Exposição*, Santa Maria da Feira, Câmara Municipal. Museu Municipal, 1996.
- LEINHARDT, Gaea, TITTLE, C., & KNUTSON, Karen – *Talking to oneself: Diaries of museum visits*, 2002.
- MCBRIDE e BRIDGES, David – *Evaluation, learning and museums*, 1994.
- MENDES, J. Amado – *Museus e Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2009.
- MOURA, Vasco Graça – *Variações Metálicas*. Armazém das Artes Fundação Cultural. Alcobaça, 2010.
- PEREIRA, José Fernandes (direcção) – *Dicionário de Escultura Portuguesa*, Lisboa : Editorial Caminho, 2005.
- PINE II, B. Joseph; GILMORE, James H. – *Authenticity: What Consumers Really Want*. Harvard business school press, 2007.
- RIVIÈRE, Georges Henri – *La Museologia. Curso de Museologia/Textos y testimonios*, 1989.
- ROBERTS, Lisa – *From Knowledge to Narrative: Educators and the Changing Museum*. Smithsonian Books, 1997.
- RUSSEL, Terry – *The enquiring visitor: usable learning theory for museum contexts*, 1994.
- SERRA, Filipe Mascarenhas – *Práticas de Gestão nos Museus Portugueses*. Universidade Católica Editora. Lisboa, 2007.
- SILVA, Susana Gomes da – *Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. Serviços Educativos na Cultura*. Colecção Públicos n.º 2. Setepés, Porto, 2007.

- VALINHO, Patrícia – *As novas tecnologias aplicadas à interpretação e divulgação do património*. in *museologia.pt*, n.º 3, IMC, Lisboa. 2009.
- ZETTEBERG, Hans L. – *Museums and adult education*, 1969.

Catálogos de Exposição

- AAVV. – *José Aurélio – Escultura*. Galeria Municipal de Arte, Almada, 1989.
- AAVV. – *Liberdades – Escultura*. Setúbal, 2003.
- AAVV. *Gestos e Sinais*, Casa Museu João Soares, Cortes, 2001.
- *Escultura Com Afectos*. Armazém das Artes Fundação Cultural Alcobaça e Sociedade Nacional de Belas Artes Lisboa. 2007.
- *José Aurélio – Água e outras jóias*. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 2003.
- *José Aurélio – Fogo e Areia*. Galeria nova ogiva e Câmara Municipal de Óbidos, 2005.
- *José Aurélio – Pás de Vento Ventos de Paz*. Museu Nacional do Traje e Casa da Cerca, 2006.
- *José Aurélio, Desenho, Escultura, Monumento à Paz, Casa da Cerca*, Câmara Municipal de Almada, 2000.
- *Modelar o espaço*. Armazém das Artes Fundação Cultural. Alcobaça, 2008.
- RIBEIRO, Ana Isabel – *Arte pública no concelho de Almada*. Casa da Cerca, Câmara Municipal de Almada 2004.

Internet

- www.armazemdasartes.pt
- www.ipmuseus.pt/

Anexos

Anexo I

Participação de José Aurélio em exposições (individuais e colectivas)

Ano	Exposições Individuais	Exposições Colectivas
1957		IV Exposição Extra-Escolar , Alunos da ESBAL
1958		Exposição com Lopes Alves , Posto de Turismo de Sintra Exposição com Manuel Batista e Gomes Horta , Galeria Diário de Notícias, Lisboa V Exposição Extra-Escolar , Alunos da ESBAL
1959		V Exposição Extra-Escolar , Alunos da ESBAL I Bienal de Paris
1961		II Exposição de Artes Plásticas , FCG Lisboa III Salão dos Novíssimos, SNI, Lisboa
1964	Cerâmicas , Cooperativa Árvore, Porto	
1966		Arte Portuguesa , Rio de Janeiro, Brasil
1971		Homenagem a Josefa de Óbidos , Galeria Ogiva, Óbidos
1972	14 medalhas , Gravarte, Lisboa	Bambinelas com Artur Rosa e Helena Almeida, Galeria Ogiva, Óbidos
1973	Tidos, contidos e consumidos , Círculo de Artes Plásticas, Coimbra 60 Esculturas , Galeria Ogiva, Óbidos	XV INTERMEDIALL Helsínquia
1974	Portugal Novo , Galeria de Arte Moderna de Belém, Lisboa	
1976		XVI INTERMEDIALL , Cracóvia Exposição de Arte Moderna , SNBA, Lisboa
1977		Cultura Portuguesa , Madrid XVII FIDEM , Budapeste
1978	9 esculturas , Novo-Leblon, Rio de Janeiro, Brasil	
1979		Escultura e Vida , FCG, Lisboa

		XVIII FIDEM , Lisboa
1980		IV Centenário de Luís de Camões , SNBA, Lisboa Arte dos Anos 80 , SNBA, Lisboa
1983	Coisas Íntimas , Círculo de Artes Plásticas, Coimbra	XIX FIDEM , Florença XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura , Jóias alusivas aos Descobrimentos, Castelo de Palmela
1984,		5 escultores , Museu de Setúbal An International Selection , EUA
1985		I Bienal de Escultura , Caldas da Rainha Um rosto para Fernando Pessoa , FCG, Lisboa Centro Cultural Regional de Santarém XX FIDEM , Estocolmo
1986		Siglas , Museu de Alcobaça 6 artistas , Mosteiro de Alcobaça III Exposição de Artes Plásticas , FCG, Lisboa
1987	18 esculturas e 40 medalhas , Casa da Moeda, Lisboa 100 Medalhas , Mosteiro de Alcobaça Bronzes , British Council, Lisboa	XXI FIDEM , Colorado Springs, USA
1988	60 medalhas, 10 esculturas, 10 objectos , Fórum C. C. R. Santarém Homenagem a Tília Saldanha , Círculo de Artes Plásticas, Coimbra	
1989	Escultura , Galeria Municipal de Almada	The Medal as Art , Pittsburg, USA
1990		Mulher é o tema: colectiva de escultura , Câmara Municipal de Loures

1992		Escultura para tocar , Convento dos Cardais, Lisboa
1993	Ideia para um Monumento , Galeria Municipal de Almada	
1994	Natureza Metálica , Centro Cultural da Malaposta 50 medalhas + 1 , Cidade da Praia da Vitória, Terceira	Rosto do Infante , Tomar/Viseu
1995	Ouro, Prata, Marfim e outras Especiarias , Culturgest, Lisboa Lembranças da Terceira Ilha , Museu do Hospital, Caldas da Rainha	1 ourives + 7 artistas , Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa
1997	3 Encontros com Pessoa , Casa Fernando Pessoa, Lisboa 12 Sinais do Tempo , Galeria Municipal de Montemor-o-Novo Phoenixes , Palácio do Marquês, Sintra	
1998		A Figura Humana na Escultura Portuguesa do Século XX , Edifício da Alfândega, Porto XXVI FIDEM , Haia
1999	Objecto Oculta Mão , Casa Fernando Pessoa, Lisboa	3 Peças 3 Autores , Lugar do Desenho, Gondomar Estúdio Secla , Museu do Azulejo, Lisboa
2000	Desenho e Escultura , Casa da Cerca, Almada Manuel Laranjeira , Casa Fernando Pessoa, Lisboa Raízes de Poesia , Associação de Defesa do Património, Mértola Jóias e Outras Alquimias , Museu do Traje, Lisboa 7 x 7 – Mitos e Coincidências , Biblioteca Municipal, Ponte de Sor 7 Difusores Cósmicos , Museu Aberto, Monsaraz	A Moda do Século , Museu do Traje, Lisboa
2001	Gestos e Sinais , Casa-Museu João Soares, Cortes, Leiria	11 escultores – 11 freguesias do município , Almada
2003	Liberdades – antologia da obra do escultor Casa do Corpo Santo, Casa de Bocage e Museu do Trabalho, Setúbal Água e outras jóias , Museu do Hospital das Caldas, Caldas da	Inertes com vida , SECIL, Fábrica de Cimento Maceira-Liz, Maceirinha (e)voações , Galeria de São Bernardo, Mosteiro de Alcobaça

	Rainha Abril , Associação 25 de Abril, Lisboa	
2004	Paisagem dramática , Museu Aberto, Reguengos de Monsaraz	
2005	Fogo e areia – esculturas em bronze, Galeria novaOgiva, Óbidos	
2006	Pás de Vento – Ventos de Paz , Museu Nacional do Traje e Casa da Cerca	Cow Parade , Lisboa
2007		Escultura com Afectos , Armazém das Artes
2008	25 Esculturas de José Aurélio , Armazém das Artes, Alcobaça	Irmãos de Ferro , Junho das Artes, Óbidos You Can't Go Home Again (ou E Revolta dos Manequins), Museu da Marioneta, Lisboa Construção , Rabiscuits, Alcobaça
2009	José Aurélio , Galeria dos Paços do Concelho, Tomar José Aurélio , Escultura, Teatro Camões, Lisboa	Pintura com Afectos , Armazém das Artes, Alcobaça Claustro Free , Rabiscuits, Alcobaça 7 Cavaleiros , colecção Biblioteca Municipal de Ponte Sor Anos 70 , CAM, FCG, Lisboa
2010	Siglas , Armazém das Artes, Alcobaça	Salão Convívio , SNBA, Lisboa O Jorge e Eu – Eu e o José , Armazém das Artes, Alcobaça
2011		MAR. E. COR. – Martins Correia , Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa

Anexo II

Cronologia de Obras de José Aurélio

Ano	Obras	Prémios/Outros
1959	O Grito , Aço, localização desconhecida Pan , aço, colecção particular	Prémio Mestre Manuel Pereira
1960	Besta 666 , latão e cobre, Alcobaça	
1962-1963		Associação dos Amigos de Óbidos
1966	1º monumento A Mão betão pintado, Óbidos 1ª medalha Air France – 20 anos	
1969		1º prémio FCG para a Medalha Comemorativa da Inauguração da Sede e Museu
1969-1974		Concebeu a Galeria Ogiva Óbidos
1970	Elementos escultóricos no Pavilhão de Portugal Feira Mundial de Osaka, Japão Harpa do vento , bronze, colecção particular Flor , bronze, localização desconhecida	
1971	Homenagem a Josefa , bronze e plástico, colecção particular	
1973	Composição , bronze e pedra, colecção particular	
1974	Portugal Novo , madeira (pinho), AA Galeria de Arte Moderna de Belém, Lisboa	
1975-1976	Monumento e memória ao general Humberto Delgado betão pintado, Cela Velha, Alcobaça	
1977	Cruz de Cristo 3D aço pintado, Brasília, Brasil (Embaixada de Portugal)	

(continuação)		
Ano	Obras	Prémios/Outros
1978	Padrão do VIII Centenário da Abadia de Cister pedra semi-rija, Alcobaça Medalha Abadia de Alcobaça – 8º Centenário	
1979	Fruto Venenoso , bronze, colecção particular	
1980	Monumento a Manuel Laranjeira , bronze, Mozelos Máquina do Mundo , ferro, AA Gáveas , metal, Rio de Janeiro Medalha 4º Centenário de Luís de Camões	
1981	O Príncipezinho , bronze, prata, vidro e aço, colecção do autor Espírito Feirense com Alberto Carneiro, ferro, Lourosa, Stª Maria da Feira	
1982	Carris , ferro pintado, Miraflores Medalha “Fernando Pessoa”	
1985	Origens de Porto de Mós , aço, latão e brecha de Alvados, Porto de Mós Fonte do V Centenário do Hospital Termal , calcário, Caldas da Rainha Monumento à Padeira de Aljubarrota , aço pintado e calcário, Aljubarrota	Prémio da 1ª Bienal de Escultura, Caldas da Rainha
1987	Dobragem , aço, colecção particular	1º Prémio no Concurso FAO – World Food Day

(continuação)		
Ano	Obras	Prémios/Outros
1989	Homenagem à Revolução Francesa , aço corten e ferro, colecção particular	
1989 - 1990	Gárgulas para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo , pedra, Lisboa Arco cúbico I e II , calcário, colecção do autor	
1990	Os cordeiros , latão, cobre e aço inox, Cortegaça Auto-retrato , madeira e outros, colecção do autor	
1991	Monumento aos 75 anos de Abrantes , Aço inox, Abrantes	
1992	Sereia Ninfita Neptuna (mascote da Comissão dos Descobrimentos na Exposição Universal de Sevilha), diversos, localização desconhecida Medalha “Chegada dos Portugueses ao Japão”	
1993	Monumento ao Trabalho , aço corten, Almada Alegoria ao desporto , aço pintado e fibra, Vila Franca de Xira Natureza metálica , aços, colecção particular Dobragem , aço pintado, colecção particular Toi et moi , ferro fundido, colecção particular	
1994	D. Sebastião e os eternos nevoeiros , calcário, aços e vidro, colecção particular	
1995	Pulseira do Mar , materiais diversos – instalação, Culturgest	

(continuação)		
Ano	Obras	Prémios/Outros
1996	<p>Elementos escultóricos para a valorização do Nó da Feira, aço corten, (auto-estrada, Santa Maria da Feira)</p> <p>Retrato de Rodrigo Maria Berquó, lioz e aço, Caldas da Rainha</p>	<p>Participação no Colóquio História da Cerâmica Moderna, Caldas da Rainha</p> <p>Recuperação de material aeronáutico, colaboração com o Museu do Ar</p>
1997	<p>Escultura metálica O Bicharoco, Aço inox, Edifício Tranquilidade-Vida Lisboa</p> <p>Pioneiros de aviação, aço corten e outros, Alfragide</p> <p>Composição, dural e aço, colecção do autor</p>	
1998	<p>Nossa Senhora da Boa Viagem, Pedra e prata, pavilhão da Santa Sé na Expo'98</p> <p>Estrutura molecular, aço pintado, Secil, Pataias</p> <p>Caneta do Pessoa, aço pintado e latão, colecção do autor</p>	<p>Prémio na XXVI FIDEM</p> <p>Open Prize Medal, Haia, Holanda</p>
1999	<p>Retrato de D. João V, aço corten e granito, Coudelaria de Alter</p> <p>Padrão aos 25 anos do 25 de Abril, pedra, Alcobaça</p> <p>Monumento à Paz, aço corten, Almada</p> <p>7 Rios, aço corten e inox, Lisboa</p> <p>Retrato de Camões Assembleia da República, bronze, Lisboa</p> <p>Presépio, bronze, latão, ouro e aço inox, Santuário de Fátima</p> <p>Moeda Comemorativa do 25 de Abril – 25 Anos</p>	

(continuação)		
Ano	Obras	Prémios/Outros
2000	<p>7 Notas, ferro fundido e outros, colecção particular</p> <p>A Arca do Alquimista, materiais diversos, colecção particular</p> <p>7 Difusores Cósmicos, heliação, Museu Aberto, Monsaraz</p>	
2001	<p>Nós e os outros, aço metalizado, Almada</p> <p>Porta de Abril, aço corten, São Paulo, Brasil</p> <p>Monumento ao 25 de Abril, São Paulo, Brasil</p>	
2002	<p>9 Peixes Voadores, aço e alumínio, Reguengos de Monsaraz</p> <p>Presépio, aço inox e folha d'ouro, Almada</p> <p>Moinho dos sete caminhos, alumínio e aço, AA</p>	<p>Prémio de Escultura SNBA</p> <p>Moinho dos sete caminhos</p>
2003		<p>Menção Honrosa</p> <p>Prémio Dorita Castel Banco, Sintra</p> <p>Menção Honrosa</p> <p>Bienal do Seixal</p>
2004	<p>Poesia Emissor D'Ondas Poéticas, aço corten e aço inox, Capuchos, Costa da Caparica</p> <p>Pedro e Inês, bronze e pedra, AA</p>	
2005	<p>Mil Olhos, Memorial a Pablo Neruda, aço corten, bronze e latão, Capuchos</p> <p>Círio do Vau, aço corten e alvenaria, Vau - Óbidos</p> <p>Máscaras/Teatro, bronze, Teatro Municipal de Almada</p> <p>Monumento à Resistência antifascista, à liberdade e à democracia, aço metalizado e outros, Setúbal</p>	

(continuação)		
Ano	Obras	Prémios/Outros
2007	Troféu Teatro de Almada	
2008	Coluna dos Componentes , aço, Martifer, Oliveira de Frades Moeda dos 2os Jogos da Lusofonia , INCM Monumento de celebração do 25º aniversário da Escola Frei Estêvão Martins, Alcobaca Troféu de homenagem a João Vieira Troféu Teatro de Almada Troféu 25 anos do Festival de Teatro	
2009	Espiral do Tempo , material, Almada Monumento aos Trabalhadores da Indústria Naval, Monte da Caparica Elemento identificativo do Centro Cívico do Feijó, Feijó Elemento escultórico Parque Aventuram Sobreda Gil Vicente, Parque dos Poetas, Oeiras (em fase de instalação) Alfaias para a Ermida de São Sebastião Troféu Antena 3 – 15 anos	
2010		Prémio Pintor Fernando Azevedo , Bienal da Marinha Grande

Anexo III

Entrevista ao escultor José Aurélio

Entrevista

Primeira Parte: **Caracterização do Armazém das Artes**

1. *Quais os objectivos da Fundação Cultural Armazém das Artes e como pretendem alcançá-los? Existem sinergias com outras instituições, com a autarquia?*

Os objectivos da Fundação são, como o próprio nome indica, a divulgação Cultural num meio que tem sido extremamente pobre nessa área da vida das pessoas e portanto Alcobaça, que desde tempos bastante remotos, tem alguma tradição cultural, nomeadamente através da ordem de Cister, que é uma instituição também rica em cultura e que nós achamos, ou eu achei, que seria uma actividade curiosa ou uma iniciativa curiosa para o fim da minha vida meter-me nesta aventura, e foi assim. Penso que os resultados, até agora, têm sido extremamente positivos, não só mantivemos uma chama acesa, uma chama cultural acesa, mas também porque pelo facto de nós existirmos eu estou convencido que deu origem a uma série de outros acontecimentos culturais, de outras entidades culturais, ou melhor à provocação a outras entidades para fazerem outras coisas, por capricho ou por inveja ou por comparação connosco, portanto isso são aspectos extremamente positivos.

[se por um lado é a democratização cultural, por outro lado é o despoletar de toda essa agitação, o espicaçar!]

O que é um acto muito curioso! E positivo.

Respondi à primeira parte da pergunta, a segunda: apesar de haver algumas sinergias com algumas instituições com quem estabelecemos protocolos e com quem temos, normalmente, relação de parceria e amizade.

A última exposição que se fez veio toda ela de Almada, da Casa da Cerca.

[da ultima vez que cá vim ouvia-se musica por todo o Armazém, depois explicaram-me que eram os alunos da academia de musica]

Sim é verdade e por mais estranho que pareça não há nenhum protocolo, é algo informal. E nós disponibilizamos sempre o nosso piano porque sabemos

que há pessoas que precisam de tocar e a própria academia não tem espaço muitas vezes, e os pianos também estão sempre muito ocupados. E nós estamos sempre disponíveis para que sejam feitas aqui coisas. Ainda no domingo houve aqui um concerto integrado no Cister música e portanto vamos andando.

A última exposição foi a da casa da cerca e precisamente para assinalar um protocolo que assinámos com a casa da cerca e que é um protocolo importante, e que no futuro não faz mais que passar para o papel uma colaboração que já existia há muito tempo. E portanto as sinergias não são só locais mas também nacionais. Temos uma relação muito boa com o lugar do desenho – fundação Júlio Resende no norte – portanto temos ampliado o mais possível as nossas sinergias/parcerias.

Não conseguimos ter uma parceria nem tão pouco uma relação, digamos, normal e eticamente capaz com a CMA com quem estivemos extremamente mal durante o tempo do antigo presidente Sapinho em que de facto foi uma relação que praticamente não existiu. As poucas vezes que existiu foi em aspectos negativos. E depois, agora, com este presidente, embora ele diga que sim senhora, o AA é bestial, e tal tal tal..., na prática não temos os apoios que necessitamos, isto é muito difícil de aguentar. Tem uma despesa certa muito grande todos os meses e não temos receitas praticamente. As receitas que temos são nulas. E portanto está a obrigar a um esforço económico tremendo que não é partilhado, sou eu que vou aguentando com isto tudo. Não sei como! Mas enfim sei como é, tenho que sacrificar uma data de coisas da minha vida, pois o dinheiro para aqui não chega nunca.

[as sinergias só acontecem por um lado e não para o outro...]

As sinergias neste caso são só energias da minha parte (risos)! De maneira que já fiz uma série de propostas à CMA mas nem resposta dá! Que é uma coisa que me faz muita confusão porque todas as cartas têm uma resposta... E portanto vamos vivendo, não sei até quando, admito a hipótese de ter de fechar a porta, embora se mantenha o AA e as colecções. Se calhar temos de fechar e viver só com voluntários, qualquer coisa. Eu penso que vamos manter a fundação assim até ao fim do ano. Porque eu tenho um compromisso muito

grande com uma exposição que vai haver agora em Outubro. Mas a partir do principio do ano não sei... ou fecho e fico com uma exposição permanente e depois abro quando tiver que abrir... até para ver se alguém se incomoda que isto feche. É uma experiência que me está a apetecer fazer.

2. Qual a intervenção do Armazém das Artes na cidade de Alcobaça e da cidade no Armazém?

O AA está sempre de portas abertas para a cidade, mostra-se sempre disponível. Haja ou não um protocolo. Este, no fundo é para criar alguma seriedade na relação. Até porque nós, para o processo da fundação, para a aprovação dos estatutos da própria fundação, era muito importante termos parcerias com respeitadas entidades. Fizemos, por exemplo, com a Fundação Mário Soares.

O contrário nem sempre é aquilo que a gente desejaria. Que a cidade utilizasse mais o AA a todos os níveis, continua-se a pensar que se o AA tivesse isto ou aquilo ou aqueloutro que provavelmente teria mais gente. Eu continuo a achar que não é muito linear essa posição... portanto vamos agora ter uma experiência, que eu não sei se chegará ao fim mas vamos tentando para ver se isto melhora e se tem mais público. Vamos ver... ai é que se verá qual é a intercomunicabilidade dos vasos comunicantes (risos).

[não sei se se lembra quando lhe escrevi a primeira vez, aquela carta em que falava que conheço Alcobaça desde sempre e que sempre achei que esta cidade tinha esta mobilização das pessoas andarem na rua. Sempre achei que as pessoas iam a tudo, que estavam sempre presentes. Hoje que venho a Alcobaça vejo sempre pessoas mais velhas, menos que as da minha idade. Será que a tradição cultural não evoluiu?]

Alcobaça como todas as terras depois do 25 de Abril assistiu a uma grande evolução. A cidade, que era vila, uma vila simpática confinava-se a isto aqui, havia o campo de futebol lá em cima., havia a CMA e assim umas coisas. Mas este era o centro da cidade, onde viviam as pessoas de Alcobaça, as herdeiras da tal tradição cultural e de forma, pouco democrática, se lhe quisermos chamar, embora eu não a entenda muito bem dessa maneira, as pessoas

formavam um determinado núcleo que reunia as suas afinidades. Embora Alcobaça não tenha sido logo alvo dessa evolução que aconteceu noutras cidades, olha a Batalha, cresceu muito mais no pós 25 de Abril que Alcobaça, Leiria, Caldas da Rainha, todas estas terras aqui à volta cresceram muito e Alcobaça menos. Mas mesmo assim cresceu aos poucos e foi invadida por pessoas que não eram daqui, eram das aldeias daqui perto, vinham à procura do emprego, dos serviços, ocuparam a cidade. De repente, passou a ver-se na rua pessoas que nunca se tinham visto, que não pertenciam à cidade, que vão começar a pertencer mas que até então não vinham cá, e que não têm os mesmos hábitos culturais, sociais, etc., etc. E portanto desta mistura resultou, uma mistura com aspectos mais negativos que positivos, culturalmente falando. Por um lado as pessoas tradicionalmente detentoras dos valores culturais fecharam-se um bocado em copas, porque se retraíram, pois viam pessoas alheias, que não garantiam, não percebiam nem respeitavam a cultura. Por outro lado a rapaziada nova, sejam os tais que vieram para a cidade ou os filhos das tais famílias, a maior parte deles ou se drogam ou se desinteressam pelas coisas de Alcobaça ou emigraram.

De repente, em meia dúzia de anos vens a Alcobaça e o único sítio que tem frequência diária de manhã à noite e madrugada é uma tasca que existe aqui no rossio, o “capador”, de facto toda a gente ali vai porque é para beber uma cerveja, para comer um petisco, e aquilo tornou-se o centro vivo de Alcobaça, aquela coisa que ali está! E claro não promove qualquer espécie de cultura, não alimenta nenhuma exigência mais séria. É a grande alienação do álcool, das drogas, etc.. portanto isto é complexo. O tecido social acaba por ser vítima de toda a incongruência e toda a instabilidade que existe actualmente no planeta. Porque a sociedade está em profundas transformações. Todos os dias verificamos que as coisas estão a acontecer. Quando a gente diz que estamos à beira da falência, os outros também! Primeiro foram os gregos, agora já se fala nos italianos e franceses... É uma contaminação! E essa contaminação existe porque não há outros valores que a impeçam de existir. A ética desapareceu, a moral também, a propósito de um progresso desenfreado e desaustinado que entretanto se deu e portanto deixou de haver valores que contivessem todas essas coisas. Assistimos a uma coisa que os mais velhos,

talvez armados um pouco em velhos do Restelo, já vinham afirmando há bastante tempo que “isto não podia continuar como estava”. Porque de facto a humanidade não sabe para onde é que vai! E pronto, temos agora o agravamento de toda uma situação económica que cria uma instabilidade brutal às sociedades, o que agrava ainda mais a situação.

[é a insustentabilidade de tudo]

Tudo isto afecta tudo! Há 12 ou 13 anos quando comecei a pensar fazer o AA, nessa altura estava já a sentir-se a crise, mas eu nunca me passou pela cabeça que ia encontrar estas dificuldades. Eu sempre acreditei que ia encontrar apoio de toda a gente, que se interessaria por isto. Mas ninguém liga nenhuma, ninguém quer saber. E isso cria-me uma situação que a pouco e pouco se tornou insustentável.

A gente nova, hoje, frequenta mais lá para cima, para o lado da cidade nova. Onde há outros recursos, as lojas aqui estão em falência completa e lá em cima não! O centro mudou-se! O centro histórico deixou de ser o centro da cidade. O centro é ao pé da CMA, das piscinas, do campo de futebol, a praça. Tudo isso tem vindo a puxar as pessoas para lá. O centro histórico deixou de ser o centro da cidade, está em perfeita degradação, até fisicamente falando. Há mais de 20 ou 25 casas que estão em ruínas no centro histórico e que não se vê a hipótese de serem restauradas. Deviam ser restauradas, mas não, estão a cair aos bocados! A CMA aí tem responsabilidades porque não faz nada, não obriga os proprietários a fazer as obras nem cria condições para que economicamente os proprietários possam aderir. Houve aí de facto um reinado que foi desastroso para esta cidade com o presidente Sapinho, que era um homem que nem era de cá e que se estava perfeitamente a borrifar para os problemas daqui, ele não conhecia as pessoas de Alcobaça. E quando lhe falavam, e eu falei-lhe duas ou três vezes nisso, que era preciso criar um programa como há Lisboa, que são dinheiros que são postos à disposição, a CM nem precisa do dinheiro, são fundos próprios para a reconstrução de centros históricos das cidades, mas ele dizia sempre que não tinha nada a ver com isso, que era com os particulares, que já lhe bastavam os problemas da CMA. Mostra bem o desinteresse dos problemas que lhe estão à janela.

3. *Como foi possível este projecto do ponto de vista económico? O que é que aqui investiu?*

Tenho estado aqui a investir tudo e mais alguma coisa. Já que não me sinto acompanhado nos apoios sinto-me acompanhado nos desapoios. A incógnita está presente em todos os lados actualmente. A crise tem vindo a aumentar e está a chegar a todo o lado. E rebenta-se primeiro nos pontos mais fracos...

[mas que podiam ser canalizados como os “mais fortes”]

Não tenhas dúvida! Uma das grandes esperanças de sobrevivência é a cultura! A mim, o que me faz mais confusão ainda é que não há preocupação nenhuma de as organizar. Já reparaste nisso, já que tas ligada ao sector do turismo? Tudo é à balda! Ninguém tem a preocupação de dizer, “e pá há aqui uma data de coisas que estão desorganizadas vamos ver se a gente pega no fio à meada”. Por exemplo, as excursões, não podem ser como são. Temos que chamar cá os agentes de viagem para lhes dizer que não pode ser assim, andar aí como carneiros, a levar as pessoas de qualquer maneira, entram e saem, uma coisa terrível! Esse é um aspecto, outro é apoiar e desenvolver centros de património que possam atrair o interesse das pessoas que andam a viajar. E criar condições especiais para o turismo cultural. Mas ninguém faz nada! Não se canalizam bem as receitas e depois não se conseguem assegurar muitos dos primordiais serviços – educativo por exemplo.

4. *O edifício do AA já teve outras utilidades (oficina, adega, construção de bombas para a 1ª República) é por isso que hoje se chama Armazém das Artes e não Casa das Artes ou Centro... de Artes? Ou podemos dizer que dentro do AA há artes e ofícios?*

O primeiro nome que isto teve era “Artes e Ofícios, Fundação Cultural” e tentei o registo deste nome mas não consegui porque já existem no país uma quantidade de empresas com este nome. E fiquei com muita pena até porque já tinha o logótipo feito! Perante terem-me dito que não, eu mandei mais três nomes e acabou por ser “Armazém das Artes” por uma razão muito simples, esta casa foi sempre chamada de Armazém. Eu toda a vida cresci a chamar-lhe Armazém. Como sempre vivi por aqui dizia «oh mãe eu vou ao armazém!

‘Ta bem vai lá!» e depois do outro foi muito claro que o nome devia ser este. Também está associado aos ofícios, que considero primordiais, e aí resolvi manter o nome de sempre! Mandeí-o para registar e foi aprovado. Há um AA no Brasil mas em Portugal não existia nenhum.

Aqui neste local existiu uma oficina – a Danada – de três ou quatro irmãos que eram terríveis, faziam coisas mirabolantes. E uma das coisas que fizeram foi as tais bombas para a 1ª República. A seguir a isso é que o meu avó comprou aqui a adega, que foi comprada aos bocados. O meu avo comprou este núcleo aqui onde nós estamos, precisamente, a adega era relativamente pequena e depois foi juntando outros bocados que foi comprando. Não havia casas por aqui, havia a oficina e outros espaços idênticos. Havia o rio, havia aqui uma ponte de madeira que fazia a ligação entre as duas margens do rio, de maneira que isto era tudo amplo, digamos assim, e portanto o meu avo foi comprando a pouco e pouco, à medida que ampliou o negócio, comprou três ou quatro lotes para um lado e outros para o outro. Até ganhar esta dimensão. Ficou com uma enorme capacidade de armazenar vinho

5. *Quanto à sua arquitectura, quais foram as maiores preocupações? Evidenciar as outras vidas daquele espaço (o rio, p.ex)? Encontrei algumas semelhanças com a Ogiva, especialmente, do ponto de vista arquitectónico (mezaninos), estou errada? De que modo o projecto original da Ogiva foi retomado e/ou actualizado pelo projecto AA?*

As maiores preocupações foram aproveitar o mais possível a estrutura do espaço anterior e por isso dizer que se aproveitou a estrutura toda até ao nível ali de cima. Esta zona onde estamos não havia (escritório). Os depósitos subterrâneos só existiam daquela zona para lá. A parte de baixo era a cave de armazenar o vinho, aqui não, aqui era terra e manteve-se esta terra, não a tirámos. Por um lado essa minha convicção que deveria aproveitar o mais possível da estrutura antiga, são paredes com uma espessura enorme e, simultaneamente construir de forma mais económica possível porque o dinheiro que eu tinha também não era tanto que não se esgotasse. Como esgotou aliás. E recriando a cada momento, porque isto não teve um projecto, isto foi feito a pouco e pouco, eu tinha aqui uma máquina com um homem e

íamos deitando a baixo «deita essa a baixo! Ali não deites!» estivemos a trabalhar assim uma data de tempo, até que a CM nos embargou a obra porque não tínhamos projecto. Eu pedi uma licença para demolição edifício velho que estava a cair. Pus um tapume à volta e andava aqui a trabalhar com o homem da máquina. Até que um dia os tipos vieram espreitar e isto já estava a ser construído. Então embargaram-me a obra e tive de apresentar um projecto e lá se continuou. Mas isto para te dizer, qual era a pergunta? Bem aproveitar o máximo da estrutura anterior e torná-la o mais funcional possível. Dentro dos condicionamentos que tive, mantive muitas paredes. Os telhados são a única parte completamente nova. O tal aproveitamento sugeriu... bem isto é um ciclo vicioso, eu não sei se era a estrutura pré existente que estava a impor ou eu que estava a impor. Houve ali um entendimento entre o que já existia e aquilo que eu queria fazer. E a pouco e pouco fui andando com isto de modo a aproveitar o espaço da melhor maneira.

Sobre as semelhanças que possam ter com a Ogiva, eu por exemplo acho que não tem semelhança nenhuma.

[bem, agora fez-se-me um clique! Quando me contou tudo isso e me falou das caves. Quando eu dizia dos *mezaninos* da Ogiva era porque quando andei por lá percebi que andava lá em cima e olhava para baixo e via o que se passava de um ângulo diferente. Como já conhecia o AA tive a sensação que eram semelhantes, porque de um piso conseguimos olhar para o outro. Agora a partir do momento em que me disse que cá por baixo era já uma cave, se calhar as semelhanças no projecto arquitectónico não são nenhuma...]

Mas eu ia lá chegar, a tua análise não é incorrecta, a posição relativa, como se costuma dizer “mal acompanhado”, o Álvaro Siza, as coisas dele são todas parecidas e no entanto ele é o maior! Mais para a esquerda mais para a direita... Mas o que é facto é que as coisas são feitas por ele e ele transmite... é a mesma coisa quando faço as minhas esculturas, eu estou a transmitir aquilo que eu sou, aquilo que estou a fazer. Aqui é a mesma coisa. Também lá fui condicionado pela casa que comprei para fazer a Ogiva. E o grande problema é eu ser escultor. Não há! As galerias, os museus muitas vezes não têm escala suficiente. Na Ogiva senti logo necessidade de criar um espaço

onde pudesse meter escultura! E muita! Esse foi um dos condicionamentos, o outro foi o de modelar o próprio espaço. É uma escultura que goza lá dentro. Tudo aquilo é um gozo pegado. A gente olha daqui e não vê outra coisa. Há toda uma infinidade de propostas que são estáticas também, de uma escultura feita com paredes e normalmente os arquitectos não são capazes de fazer porque estão noutra! Procuram outra realidade.

[e muitas vezes estão preocupados em construir a sua própria obra!]

Eu estou sempre preocupado com as funções das coisas que faço. Nunca tive essa sensação desagradável de ter falhado a minha vida em não ser arquitecto. O meu pai queria que eu fosse arquitecto. E a minha mãe dizia muitas vezes que eu tinha muito mais jeito para trabalhar nos espaços que o meu irmão. O meu irmão era das coisas técnicas, do m², eu não! Eu não, eu era a liberdade total e as pessoas a viverem num espaço rico de outra maneira.

Aqui no fundo, as semelhanças que existem é por ser a mesma pessoa a mexer no espaço. Este é se calhar dez vezes o tamanho da Ogiva e, portanto, proporcionou a criatividade de outras situações.

[eu revi a questão dos pisos e também aquela parte em que olhamos lá para cima, onde estão os cata-ventos, e na Ogiva também havia terraços]

Sim sim, os terraços é verdade! Tinham sempre escultura.

[nós às vezes interpretamos aquilo que queremos interpretar... Lá está, eu vi coisas com escalas tão diferentes ... até a forma do edifício é completamente diferente! Mas a questão dos pisos, do contacto com o exterior, eu revi...]

A luminosidade, também há a mesma tendência. Outra coisa muito importante foi criar um espaço que funcionasse de auditório, era ali! Lá as pessoas sentavam-se e espalhavam-se pelas varandas e falavam daí.

Como a escultura vive essencialmente da luz, muito mais que a pintura que pode ser iluminada por uma lâmpada e resolve o problema. A escultura não! Se ilumina de um lado falta do outro, se ilumina do outro tem de por no outro. É um inferno! Quanto mais luz natural , quanto mais imitarmos o exterior melhor! É a

luz natural que dá sombras, os perfis. Deve ser daí que reside fundamentalmente esse substrato.

6. *Quais os ofícios mais ligados aos engenhos expostos? Essa ligação é clara para o público? Acha que o público compreende a relação entre os engenhos e as respectivas actividades artísticas? Isto é, a arte e a técnica implícitas no AA.*

Se calhar nunca pensante nisto mas não há duvida nenhuma que a primeira coisa que apareceu foram os ofícios. As artes nessa altura eram ofícios também, e por outro lado os ofícios eram uma forma de criar artistas completos. Agarramos num artista da idade média, ou da Grécia, sei lá do Egipto, e estes eram artífices, eram os artistas que faziam as suas próprias peças, tinham os seus ajudantes, mas eram eles que estavam ali na cabeça do touro e portanto havia uma relação directa, quer uma relação social também, muito mais que hoje, porque se formos ver com atenção todas as sociedades primitivas assentaram em cima de valores ou religiosos ou de poder, as pessoas tiveram sempre enquadradas, tal como hoje, o poder é que dominava todas as situações e era este que tinha necessidade de criar símbolos e imagens desse poder. Assim se fizeram as igrejas, os castelos, tudo o que hoje é importante e que ficou na história. Tudo era muito curto, ou se era lavrador ou construtor, havia poucas actividades. As pessoas recebiam comida pelo trabalho. Não havia a mesma relação de patrão/empregado. Não havia sindicatos. A primeira vez que existem é com os Maçons que percorriam a Europa para construir as catedrais e começaram a organizar-se para poderem resistir à força do poder. A igreja e o poder não lhe queria pagar nada e eles organizaram-se de modo a exigirem pagamento pelo seu trabalho.

No fundo foram os ofícios, que depois por uma depuração, provavelmente a partir do Renascimento, passou a dar-se uma grande importância aos artistas e levou os ofícios para outro plano, o que também os abandonou. Dantes eram uma coisa do caraças, eram os grandes senhores que faziam as obras de arte. Houve ali uma mudança de facto em que se separaram os ofícios e as artes. Mas eu continuo a achar que os ofícios são muito importantes, mesmo que não

o sejam na actualidade. Porque no fundo eles pertencem a uma fase histórica extremamente importante na evolução do próprio homem.

No caso desta minha paixão dos meus objectos ligados aos ofícios... eu gosto muito dos objectos ligados à relojoaria. Que é uma historia fantástica. A conquista que aqueles homens fizeram para dominar o tempo é uma coisa impressionante! Todo esse percurso, sem falar naquilo que os gregos conseguiram, um dos primeiros elementos feitos para medir o tempo era com água... chamava-se uma... olha que isto... o primeiro relógio propriamente dito só apareceu no século IX, eram feitos para as torres. E eram feitos por ferradores. Ainda não havia relojoeiros. Aquilo era um processo muito simples, é a coisa mais empírica que há. Não sei se já viste um relógio de torre. É a coisa mais gira que há. São uns pesos que se enrolam numas cordas que se enrolam a uns rolos e os pesos fazem força para baixo, aquilo tem umas rodas com dentes que vai soltando... só no século XV/XVI é que essa coisa gigantesca, tosca, começou a ser miniaturizada ate chegar ao relógio de bolso. O interesse que eu tenho por essas coisas é também pelas mentes que estiveram por detrás daquele objecto, para o inventar, para o descobrir, para o por a funcionar. Com a precariedade de meios que existiam na altura. Isso fascina-me muito. De maneira que quando tu olhas para aquilo podes ver toda a história que ali está por trás.

Esta minha decisão de incluir no núcleo museológico aqueles objectos não é só para explicar a origem dos ofícios ou das artes. Foi também intencionalmente para tentar conquistar outros públicos. Porque entram aqui pessoas que não ligam nenhuma ao que a gente aí tem da arte contemporânea mas quando chegam lá a baixo ficam maravilhados «que lindo!» é cada grito que a gente houve aqui! As pessoas conhecem as coisas mas não neste contexto! Aqui ficam encantadas com aquele tipo de objecto. Aqui sentem a importância do objecto. E isso passa muito mais a palavra aos outros que a pintura ou escultura que às vezes as pessoas não entendem e ficam desconfiados «estes gajos andam por aqui a fazer cada coisa...».

Os tornos atraem outro tipo de público, operários. Tem sido, para mim, extremamente gratificante sentir operários a virem ver a exposição.

Conseguimos ter aqui visitantes que não têm hábitos culturais. E trazem a família e mostram como eram os tornos mais antigos e explicam como se devem usar e o que fazem com eles.

Tenho agora uma experiência curiosíssima que é a cozinheira do restaurante onde vou jantar, às vezes claro, que acabamos a refeição a discutir arte com ela. Ela 'tá na cozinha e de lá consegue ver a mesa onde costumo ficar e passamos a noite «ó Margarida você já viu...?» «ó senhor escultor ainda não mas quero lá ir! A minha filha já me falou...» isto é uma delícia! Isto consola-me. Pensar que sou capaz de estar a discutir este tipo de coisas fora do contexto habitual. Claro que isto comparada com a cabeça dos grandes críticos de arte e das grandes nomenclaturas artísticas, aquela conversa fiada daqueles gajos todos... eu acho que é mais importante eu conversar com a cozinheira do que ouvir essas bacoradas que eles dizem. São as masturbações intelectuais complicadíssimas.

[está a cumprir a sua função de mediador cultural!]

Também acho e dá-me prazer porque sei que estou a ser útil àquela mulher e à filha! «ó senhor escultor olhe que a minha filha sabe tudo a seu respeito» e a miúda tem dez anos! Eu estou sempre a dizer-lhe «mande-a para o AA, mande-a ter comigo!»

Eu não consigo fazer essa separação, fui sempre um homem muito exigente comigo em termos de fazer as coisas, de saber fazer as coisas! Perdi anos da minha vida, mas é verdade, perdi anos da minha vida como artista por achar que só podia ser artista se soubesse fazer as coisas. E hoje eu sei fazer tudo! Às vezes um colega ou outro liga a perguntar como é que se faz neste ou naquele material. E eu respondo às pessoas! Sinto que perdi muito tempo a experimentar a fazer mas dá-me um gozo bestial saber fazer tudo! Perdi alguns conceitos teóricos porque andei naquele espírito desenfreado de saber como trabalhar a pedra e o bronze e o ferro... e perdi os meus dias nas oficinas com os operários. Mas é lá que eu me sinto bem, é lá que eu tenho conversa. É lá que eu dialogo com eles, que aprendo e ensino. Mas tem esse aspecto negativo que é afastar-me um bocado do meio que eu devia frequentar, que é o dos artistas, mas eu não tenho paciência nenhuma para os aturar.

7. *Existem variadas colecções no acervo do AA, todas elas estão intimamente relacionadas com o seu fundador? Deseja articulá-las? É fácil fazê-las dialogar para e com o público?*

Do meu acervo e o meu espólio pessoal e daquele que é a obra do AA é um espólio pessoal porque não é um espólio de um colecionador, mas dum artista que viveu a sua época com outros artistas com quem trocou coisas, a quem comprou e vendeu coisas e portanto nunca saí desta preocupação, porque as coisas dos meus amigos têm outro valor para mim. Eu conheço-os, sei o que eles fazem, acompanhei a sua obra e eles também me acompanharam a mim, isto que cria um entroncado de coisas para além do quadro: há o quadro e tudo o que está por trás.

Tenho muito poucas peças de pessoas alheias, nunca me interessei por isso e a razão principal é essa a da envolvimento com as coisas e com as pessoas. A minha vida pode estar em cima desta mesa e as cadeiras à volta são as pessoas que fazem parte dela e não afasto uma cadeira para ir à procura de outra coisa. As pessoas vão somando ou acrescentando mas sem ter uma preocupação nisso, de ter que ter mais!

[é fácil e desejável articular as obras com os engenhos?]

Sei lá! Elas já são articuladas porque não as distingo, ambas são obras de arte, obras do Homem com letra grande, e que assim me continuam a seduzir, quer dizer eu não sou capaz de as por em prateleiras diferentes, elas seduzem-me por razões diferentes. Umas pela criatividade, outras pela maneira de pintar, de esculpir, outras porque representam uma conquista nisto ou naquilo, mas são todas representativas do génio criador do Homem. Coisa incomensurável! Uma energia completamente cósmica. É um delírio, sem sentido nenhum quando pensamos no reverso da medalha: o quê? Mas porquê? Para quem? Porque é que é assim e não de outra maneira? E porque é que cada ser é um ser único e portanto não há entendimento possível entre dois seres porque cada ser é um ser único. Pode haver pontos de contacto, de encontro.

[desde que as pessoas queiram dialogar]

Sim sim claro!

8. *Como é decidida a programação do AA (tipo). É a curto, médio ou longo prazo? Não só as exposições, mas também os eventos que realizam ou albergam. Articulam a vossa programação com outras entidades? Com a restante oferta cultural da cidade?*

Eu passo a vida a batalhar porque acho que devia haver um gabinete que articulasse as actividades porque é um disparate uma terra que tem, sei lá, 10% ou menos de actividades culturais durante um ano, é absurdo que no mesmo dia haja várias coisas. Como é o caso do próximo sábado. O AA inaugura exposições bestiais, vai haver um concerto bestial do Cister Música, a inauguração de uma exposição no Mosteiro... uma infinidade de coisas! Que disparate! E já tem acontecido mais vezes. E não se conseguiu até hoje fazer o mais pequeno gesto para se conseguir criar um gabinete que programasse essas coisas. Até para ajudar o público, senão este tem de decidir abdicar de uma coisa por outra.

A nossa programação é muito muito muito condicionada por falta de dinheiro, se eu tivesse muito dinheiro a programação do AA era completamente diferente porque aí não tinha problemas de economia. Queria fazer uma exposição outro dia custava milhares de euros só o seguro! Eu não tenho esse dinheiro para pagar! Ficou sem efeito. Tivemos para trazer uma exposição científica da Universidade de Coimbra a mesma coisa. Temos um protocolo assinado mas a universidade não paga nem os seguros, teria de ser tudo à nossa custa e ainda ouvimos «vá lá a gente não alugar as peças...» não se fez. A pouco e pouco fui metendo a viola no saco porque percebi que muitas das coisas que gostava de fazer não posso. Mesmo assim muito tenho feito, pondo em risco a sobrevivência do AA. Se não as realizasse o AA podia viver mais desafogadamente um ano ou dois. Ou não! Também não posso ficar sem actividades!

Assim, é feita, normalmente, a curto prazo porque são as exposições que vamos arranjando e que nos custam menos dinheiro, eu faço questão que tenham qualidade e tenho sempre contactos estabelecidos com vários artistas, de quem gosto e que acho que têm posições fortes no panorama nacional e

portanto, a dois ou três meses de antecedência fazemos uns telefonemas, convidamos e agendamos uma data favorável a ambos.

Esta que agora vamos ter do Rui Vasquez, ele mostrou-se logo muito disponível. Combinámos a data. E normalmente aproveitamos uma data para fazer mais barulho, fazer várias exposições ao mesmo tempo, satisfazemos mais público, vem a família, os amigos de cada um deles...

Não sei se cá estiveste em alguma inauguração mas normalmente temos centenas de pessoas, trazem uma data de interesses, depois as coisas morrem progressivamente. Ao fim do 2º mês já não vem ninguém. Poderíamos fazer logo outra mas não podemos por causa do dinheiro. Vamos andando conforme se pode e acho que mesmo com os condicionamentos que temos não temos andado mal. Temos feito coisas importantes e boas e muitas!

Segunda Parte: **O Fundador – Escultor José Aurélio**

1. *Percebi que é um artista muito ligado à terra, ou melhor, aos elementos da natureza. Pode-me falar um bocadinho sobre isso? Já vi algumas das suas obras e também alguns catálogos de exposições que realizou e percebi que as técnicas são muito diferentes.*

Foi a natureza que sempre influenciou a minha maneira de ser. O que é facto é que não sou capaz de estar parado muito tempo na mesma coisa. Quase todos os artistas passam por fases, as minhas são muito curtas. As técnicas vêm desta minha necessidade de conhecer, perceber, investigar, experimentar e perde-se de facto muito tempo com isso e esse tempo muitas vezes será prejudicial na minha produção mas é fundamental na minha realização.

2. *Além de escultor também é curador, como se conjugam ou articulam essas profissões? Essa experiência veio da Ogiva?*

Não tenho nem me sinto nada curador, aquilo que faço nessa área é porque desde muito cedo senti a necessidade e até a obrigação, enquanto artista de ser animador cultural ou mediador e portanto as coisas foram aparecendo com naturalidade. Não nos podemos esquecer que eu sou de muito antes do 25 de

Abril, em que a situação era dramática em termos culturais. A cultura era bastante mais dirigida a quem fizesse o que estava na direcção do governo, era protegido. E quem não fizesse ia para a lista negra. Foi onde eu estive mais ou menos sempre e isso levou-me a perceber que era preciso lutar contra esse estado de coisas e a primeira vez que isso aconteceu foi quando fui viver para Óbidos. Ao fim de algum tempo comecei a sentir necessidade de dinamizar processos culturais que levassem as pessoas a perceber que havia outras coisas, outras realidades. E assim foi, fui presidente de uma coisa que se chamava a Associação dos Amigos de Óbidos, promovi várias coisas, exposições, concertos com o apoio da Gulbenkian e não sei quê e acabou essa minha vertente por fazer a Ogiva porque entendi que valia a pena investir, em dar a conhecer artistas importantes. Tal verificou-se mais tarde, todos os artistas que estiveram comigo na Ogiva ainda são a nata dos artistas e isso foi de facto uma experiência que me levou efectivamente por paixão, pela minha maneira de ser, de estar, a ser curador numa altura em que a palavra nem sequer existia. Eu não articulo essas profissões, eu venho de um tempo em que as coisas não eram separadas e portanto é normal que uns façam umas coisas e outros façam outras. Eu nesta minha vertente provinciana de sempre querer trazer a arte para a província. Sempre estive em desacordo que as coisas só acontecessem só em Lisboa, de maneira que sempre lutei por essa situação. Portanto a curadoria faz parte deste processo, faz parte de mim e de muitos outros artistas, não todos mas alguns que estão na Gulbenkian, no CCB, porque são coisas afins, coisas que nós entendemos. Agora está a ser substituído por uns seres que são curadores, que inventaram essa profissão porque há muita gente metida no meio e que tem de ganhar o seu dinheiro e portanto os artistas estão mais livres para pensar só no trabalho, na criação. Eu já não tenho essas alternativas, tenho de viver nesta confusão, nesta balbúrdia que vai dentro de mim... (risos) mas olha, não me sinto mal!

Ainda ontem à noite e hoje de madrugada, porque acordei cedo, estive a desenhar umas peças que achei muito curiosas e estou muito contentes porque não é todos os dias que a gente tem ideias de que gosta e que são novas e que me vão levar a fazer mais umas peças.

[podia fazer apenas a divulgação do seu trabalho mas não, faz da arte!]

Se assim fosse não era curador! Eu remeto-me ao silêncio o mais possível. Só quando é estritamente necessário... só há duas peças residentes! 'Tás a ver eu sou muito discreto. É claro que tive muita experiência na Ogiva mas já tinha tido antes, já tinha feito muita coisa em Lisboa, organizava as exposições extra escolares, eu sei lá, desde muito novo que tive sempre essa tendência.

3. *A sua obra evoca de algum modo a dimensão dos engenhos expostos? Os engenhos ajudaram o Homem ao longo dos tempos a satisfazer as suas necessidades e também a procurar a perfeição, também sente essa necessidade enquanto escultor?*

É evidente que sim, embora tenha cada vez mais a noção que a perfeição não existe, é um mito como a paz, o amor, são coisas que existem mas numa conquista permanente. Há medida que o tempo vai passando cada vez sinto mais o amor mais longe, a perfeição mais longe porque de facto se toma consciência da impossibilidade de atingir essas quimeras. A paz não existe, o Homem tem que criar essas referências para ter minimamente o seu caminho balizado. Quando se é novo acredita-se que se vai chegar lá, quando se é velho chega-se à conclusão que passou a vida e que não se conseguiu. Isto é uma realidade que passou a vida e que não se conseguiu. Isto é uma realidade e eu sinto-me bem de chegar a ela, em vez de estar dramaticamente deprimido por não conseguir, eu acho extraordinariamente belo nós termos a noção de que está tudo por fazer ainda. O que renova a esperança a toda a gente, o que de facto tem aspectos extremamente positivos.

Aqueles engenhos representam séculos de pesquisa, séculos de evolução.

O meu amor pelos engenhos traduz a minha grande admiração pelo Homem como permanente insatisfação na busca das coisas que lhe são necessárias e que ele tem vindo a desenvolver ao longo destes anos todos.

4. *Enquanto recolector de objectos (tanto na reutilização como nas memórias e ainda na partilha em exposição), como é que eles se relacionam com as suas obras? Altera-os? Incorpora-os nos seus trabalhos? Retira-lhes a sua função original? Acrescenta-lhes algo?*

Há uma variedade muito grande de situações. Os objectos que me tocam, sensibilizam mais, são apanhados imediatamente para fazer escultura, porque vislumbro logo. Outros guardo-os porque tenho a sensação que serão úteis numa escultura que há-de vir e é curioso quantas vezes isso acontece, passados dez anos e penso «aquela peça assim assim... agora dava-me aqui um jeitão» e vou à procura dela e incorporo-a. Outras vejo como peças que merecem ser recuperadas ou protegidas ou salvaguardadas se não desaparecem com o tempo. Outras aliciam-me pelo restauro que necessitam e que eu sei que me dá um gozo extremo estar de volta daquilo, perceber e muitas vezes, pôr-me na cabeça daquele inventor.

[e vai para aquele contexto?]

Sim, claro! O mais possível! É um mundo muito curioso. A função original essa é complicada porque essa nunca mais se repete porque já não estamos em tempo disso. Pois teve uma função que acabou com o tempo e que dificilmente se retoma. Eu deixo-as a trabalhar sempre, a conseguir fazer o mesmo que fazia quando estavam vivas, mas há outros meios hoje que impedem que elas continuem a trabalhar, por exemplo o facto de não trabalharem com electricidade.

5. *Qual o papel das diferentes técnicas e dos diferentes materiais na sua obra? Metais, pedra, madeira, bronze ... bem como as opostas escalas em q trabalha?*

Já falámos sobre isso. Eu desde muito novo, quando vim para esta vida, sempre, e também duma leitura tão atenta quanto possível do passado histórico da escultura, dessa análise há uma data de conclusões que se tiram. Por mais que se faça há materiais que são eternos. Que são aqueles que duram mais e continuam a ser estes e ainda não houve substitutos para eles que é a pedra, o bronze, depois mais tarde, a partir do ferro, aparece o ferro, que também é um material enfim que não é tão perene como os outros. A madeira também não é tão perene mas apodrece, cria bichos, portanto embora se possam fazer outras experiências no sentido de fazer ensaios com outros materiais, eu também já os fiz, as fibras de vidro, essas porcaria todas, que envelhecem muito mal, percebes, elas também se degradam .

De maneira que numa análise cuidada de todo esse processo histórico leva a que se perceba que os grandes materiais continuam a ser a pedra e o bronze. É evidente que isso faz pressupor um determinado tipo de pretensão, pretensão a vários níveis que é uma pessoa querer ou estar convencida da imortalidade da sua peça, de maneira que há uma certa tendência para a pessoa cair na tentação de promover a eternidade, no fundo como os mecenas antes de nós, tanto os mitológicos como os verdadeiros – os imperadores que queriam o seu retrato, a sua estátua – faziam para se manterem vivos.

Desde cedo percebi que a pedra e o bronze seriam materiais que melhor se aguentariam no tempo, por outro lado são os materiais a partir dos quais mais facilmente se reproduz a nossa vontade.

Hoje a confusão está instalada porque a ideia de perdurar no tempo se perdeu completamente. Hoje a arte contemporânea é feita de lixo e é efémera. Tudo isto deixou de ter interesse. Os conservadores dos museus estão aflitos porque a maior parte das peças foram compradas por balúrdios e estão a desfazer-se todas! Não sabem o que devem fazer com elas. O lixo está na moda. Eu poderia ter enveredado como muitos colegas meus pelas novas correntes e esquecer tudo o resto mas, ou por incapacidade minha ou por convicção cega mantenho-me fiel aos meus materiais. Com incursões aqui e acolá, que só me levam à conclusão que não vale a pena... agora, por exemplo, ando a fazer uma incursão, que eu acho..., vais ver as minhas peças novas! São peças que acho muito curiosas! Estou a trabalhar com circuitos impressos que é uma coisa fabulosa, aquilo é mais um estádio do homem. Aquilo é fabuloso! E aquilo também vai desaparecer, a nano ciência e a tecnologia a ele agarradas vão miniaturizar de tal maneira as coisas que daqui a dez anos já não há circuitos impressos visíveis. Passam a ser deste tamanho e a gente não os vê! São micro qualquer coisa... mas agora nesta fase, ainda, são peças lindíssimas! São coisas do outro mundo! Estou a tentar fazer escultura com aquilo e acho que está a ter resultados muito curiosos. Estou também com a convicção que é menos perecível do que a maior parte dos materiais, porque aquilo é feito de materiais bons, eu tenho umas jóias que eu gosto muito feitas com a caixa negra de um helicóptero. Eu abri aquilo e fiquei completamente estupefocado! Tu não fazes uma ideia do que é aquilo. São circuitos feitos em porcelana

gravados a ouro. Aquilo é de tal maneira exigente que eles fazem aquilo em porcelana gravada a ouro. É uma coisa do outro mundo! Quando abri aquilo... a pessoa deu-me aquilo sem saber o que era. Porque se calhar se fossemos tirar o ouro todo que lá estava dentro se calhar valia cem ou duzentos contos. Desmanchei aquilo tudo, aquilo já estava estragado.

Os circuitos impressos são fabulosos mas também se estragam. Só que aquilo que se estraga não se vê porque são as conexões entre os filamentos. Portanto tu tens um circuito impresso que já não funciona, que está para deitar fora mas que está intacto, visualmente falando. Fiz uma serie de jóias com essas coisas e estão lindíssimas. Mas o mérito não é meu. O mérito que tive foi descobrir aquilo, recuperar, montar e tal... é utilizar a mais-valia que as peças têm, mais-valias fabulosas, não só humanas como materiais e podemos reconstruir noutra direcção, noutra valência.

Desde muito novo percebi que cada técnica tem as suas exigências e as suas possibilidades. O bronze permite que tu desenes. Eu tenho a cabeça de um rapaz, uma bela cabeça, que tem pestanas. É evidente que a pedra não te permite fazer pestanas mas o bronze permite. Já os gregos faziam, atenção! Eu não descobri nada! Só vi as coisas gregas para perceber que os tipos faziam até ao fim das possibilidades no bronze. O bronze permite teres uma mão aberta, a pedra não te permite, porque partem-se os dedos. Os materiais e as técnicas têm as suas limitações pois estão intimamente ligados. É preciso de facto ter essa consciência e fazer as coisas para os materiais que se idealizaram e que são condicionados por uma série de razões. Pode haver uma opção do escultor, do cliente, há uma data de coisas percebes? Económicas também! Quando um escultor vai fazer uma coisa num determinado material tem que saber, ou melhor, tem que realizar o trabalho de acordo com o material que vai ser explorado. Aí o ferro tem coisas bestiais, como é sempre trabalhado directamente tu só podes fazer aquilo que quiseses. Enquanto na pedra como no bronze as coisas com uma certa dimensão têm/passam por outros intervenientes. O bronze são os fundidores que acabam por destruir muito da peça, porque a modelagem é muito complicada e muito difícil, acho que foi por isso que eu, por estar sempre em cima do trabalho, gostar muito do trabalho e ver como se faz, acompanhar, comecei a perceber que havia muito trabalho da

fundição que se perdia pelo caminho e que eu acho que é um crime perder-se todo este trabalho. E por outro lado, havia muito trabalho que se fazia nos modelos que se podia evitar fazer, percebes? Foi dessa leitura que fui fazendo a pouco e pouco da fundição que eu optei, não quer dizer que eu não faça, hoje ainda, claro que faço, o trabalho fundido pelos processos tradicionais, se eu fizer o retrato de uma pessoa tenho de o fazer pelos processos tradicionais, não há hipóteses. Mas eu fui pesquisando na fundição de maneira a fazer os meus trabalhos sem fazer os modelos. E portanto os modelos são feitos no negativos de areia, como já percebeste, o que dá um gozo do caraças, umas texturas e umas coisas muito bonitas que mais nada dá! Não é possível fazer aquilo de outra maneira, enveredei por ai, é uma das técnicas que utilizo ainda hoje com muito prazer porque me dá muito gozo porque me afasta do mundo. É a única coisa hoje que eu consigo ter é pegar em mim, na véspera normalmente desenho os modelos que quero fazer no dia seguinte, meto-me no carrinho às 7h de manhã vou para a fundição, ninguém me chateia, eles fazem-me as caixas de areia que eu tenho de trabalhar, todo o dia, todo, sossegadinho... aquilo é uma paz... faço aquilo que quero sem ninguém me chatear, e lá vou fazendo, semana sim semana não vou lá! Faço umas coisas, depois na semana seguinte volto lá para se acabarem e vou produzindo paralelamente ao resto essa facha que é uma facha que me dá muito prazer.

A questão das escalas é uma coisa muito engraçada, já várias pessoas escreveram sobre isso. Porque por um lado faço jóias e depois, por outro. Faço coisas monstruosas! Eu não sei responder e tenho medo de ser pretensioso quando respondo! Respondo da única maneira que me é possível, eu sinto-me bem em todas as escalas percebes? Não faço esforço nenhum para trabalhar em algo maior ou mais pequeno e não faço esforço nenhum, isso está dentro de mim.

[há uma grande heterogeneidade entre as suas peças...]

Não sei se é bem isso, tenho uma grande capacidade de me adaptar às circunstâncias, isso é uma característica minha. Pois acontece da mesma maneira que me adaptei à casa em Óbidos, à galeria que fiz, da mesma

maneira que me adaptei à minha própria casa. Tudo o que lá estava eu guardei, eu aproveitei, eu integrei, percebes?

Dá-me a sensação que há em mim essa, não lhe chamemos qualidade, mas possibilidade de manobrar as coisas não importa a que escala! 'tás a ver? E não gosto de ampliar coisas, é muito raro! Posso ampliar uma ideia mas não amplio uma solução, não é ampliável! Cada escala tem a sua própria solução, que lhe é dada pela coisinha pequenina ou pela coisa muito grande!

A ideia pode ser interessante para ser explorada numa outra dimensão mas assim é uma peça nova, não tem nada a ver com aquela.

6. *Algum dia colocou a hipótese do AA vir a ser, no futuro, o Museu José Aurélio? Ou separa completamente essas duas realidades diferentes mas relacionadas (criador/curador)?*

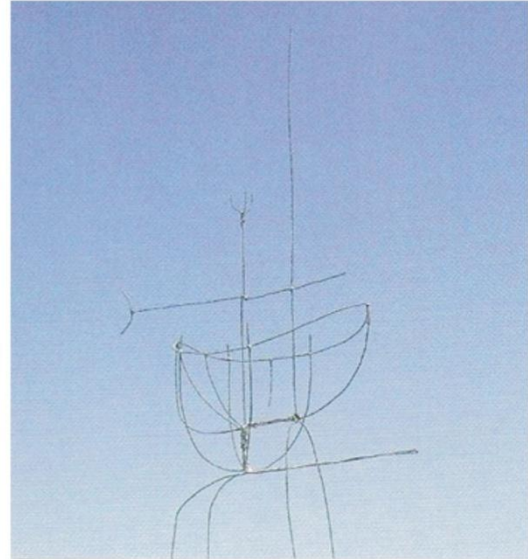
O AA não foi feito com essa intenção, até tive o cuidado de não pôr o meu nome ou qualquer referência a mim no nome do AA. Quando eu morrer alguém há-de dar continuação a este projecto mas não deve ser só para mim! Os museus têm que ser vivos e dinâmicos! Se calhar haverá mais peças minhas mas espero que nunca seja só com a minha obra, pois esses museus têm os dias contados, tem de haver rotatividade nas colecções.

Anexo IV

Esculturas de José Aurélio doadas ao Armazém das Artes



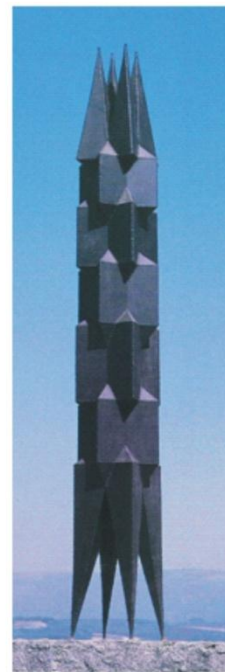
Pan, 1959



Ao Pescador Náufrago, 1959



Quimera, 1962



Coluna, 1967



Flor articulada, 1967



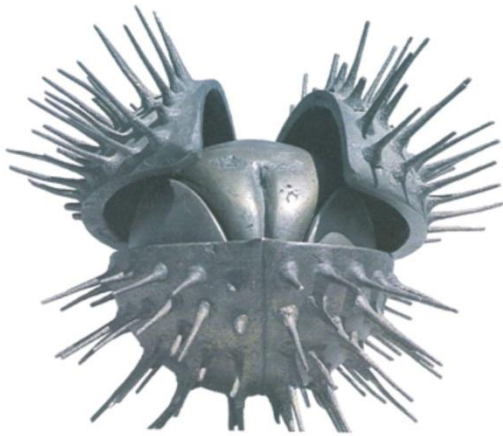
Harpa do vento, 1970



Homenagem a Josefa, 1971



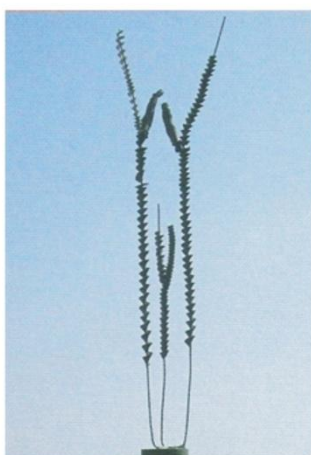
Retrato de uma bolota, 1979/83



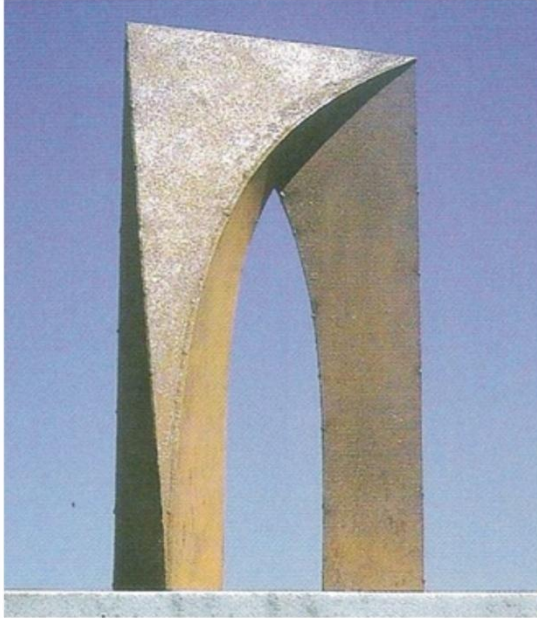
Fruto venenoso, 1979



Vivá Liberdade, 1979/85



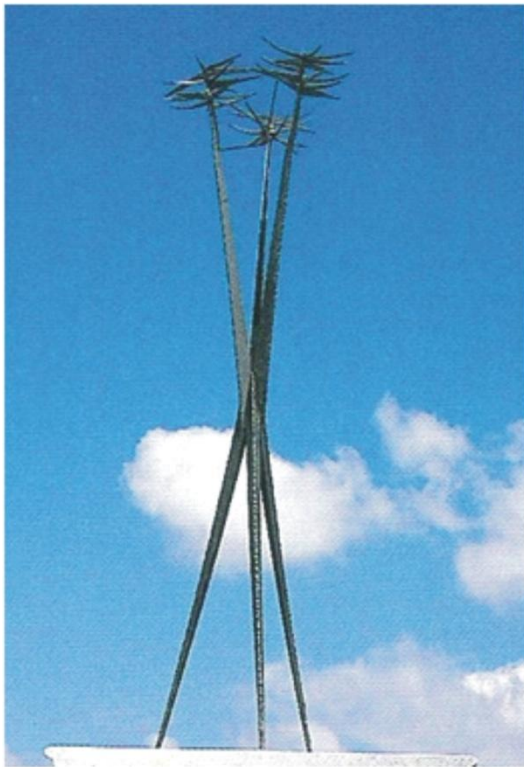
Flor dos Tornos, 1981



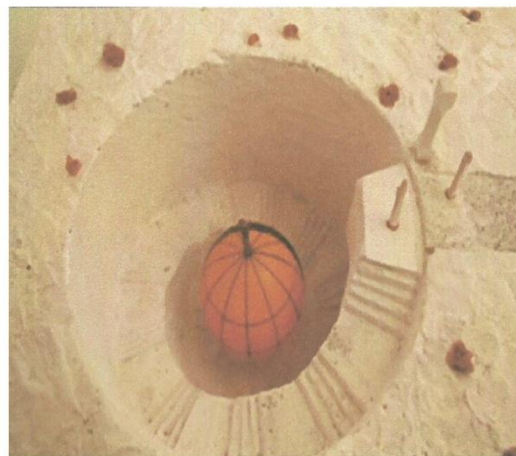
Arco de Cister, 1985



Dobragem, 1987



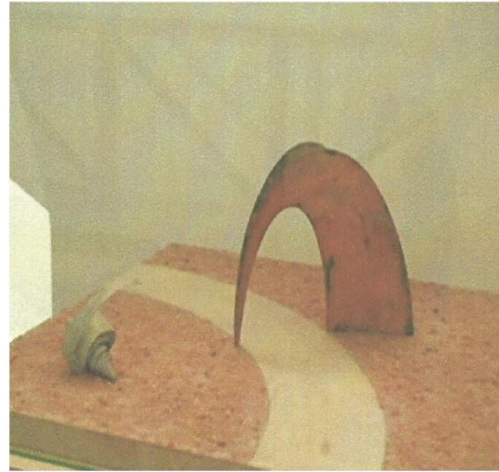
Homenagem à Revolução Francesa, 1989



Estudo para monumento em Sagres, 1994



Couple, 1995



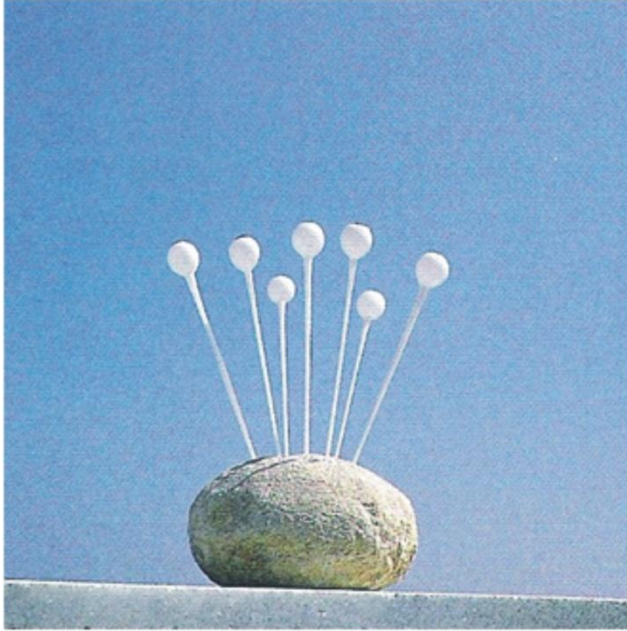
Arco Lunar, 1995



Composição, 1997



Construção, 2000



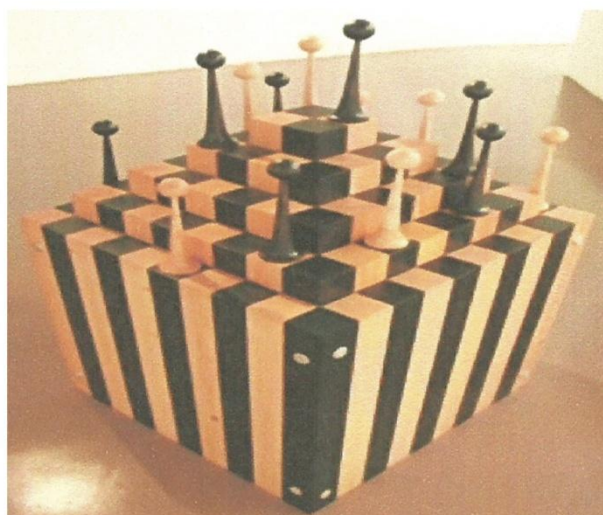
7 olhos de Deus, 2000



Coluna do Tempo, 2000



7 Notas, 2000



Damas Polacas, 2000



Peixes Voadores, 2001



Paisagem quase dramática, 2004

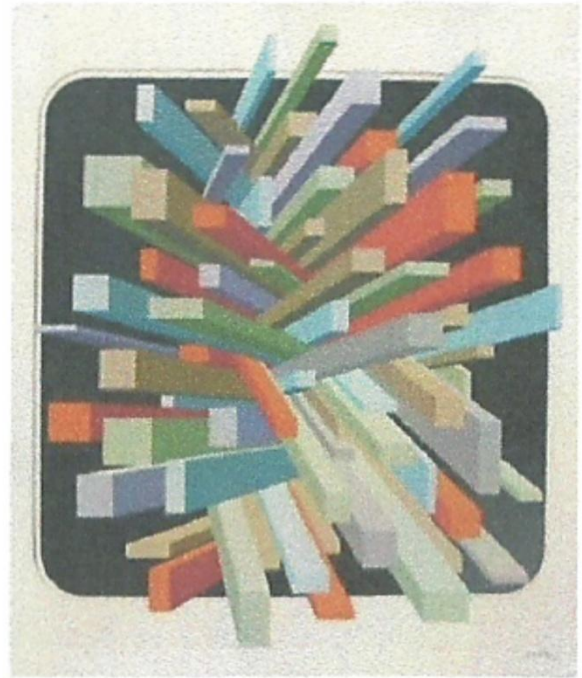
Anexo V

Obras de Arte e Engenho doados por José Aurélio ao Armazém das Artes

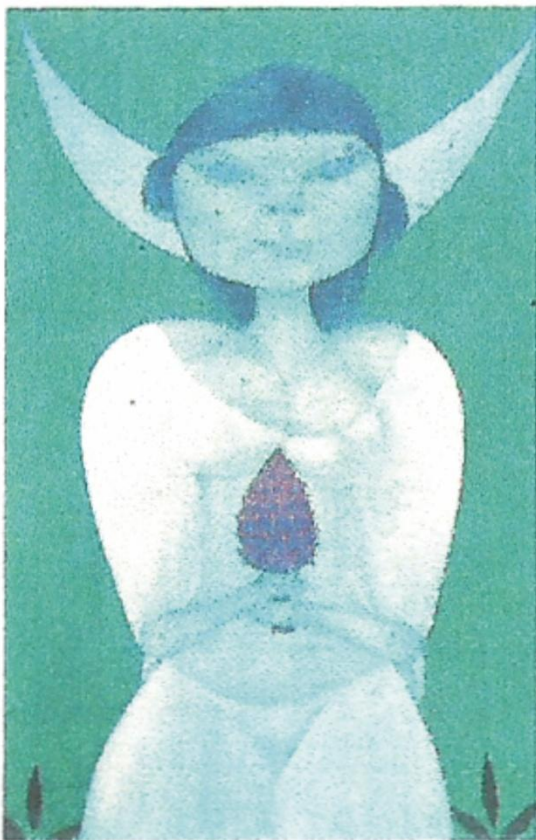
(disponibilizadas pelo AA)



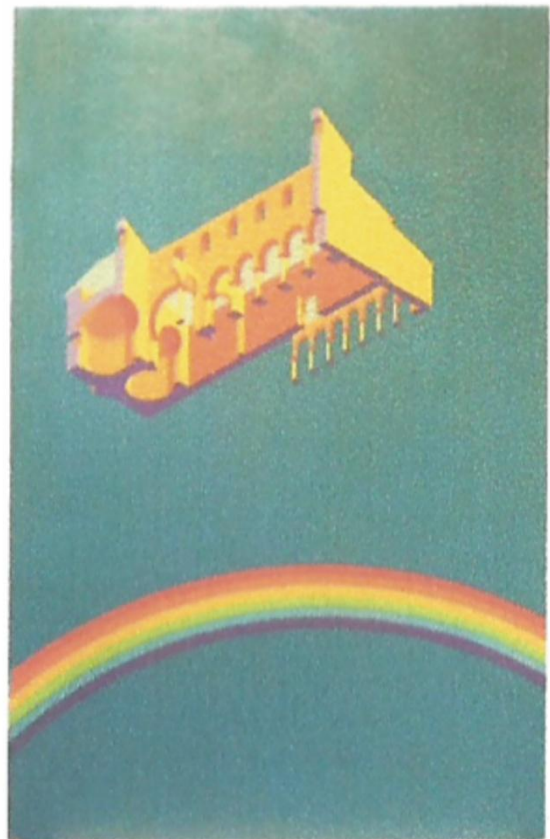
Ângelo de Sousa, 1956, Árvore



António Aurélio, s/data, Parafernália



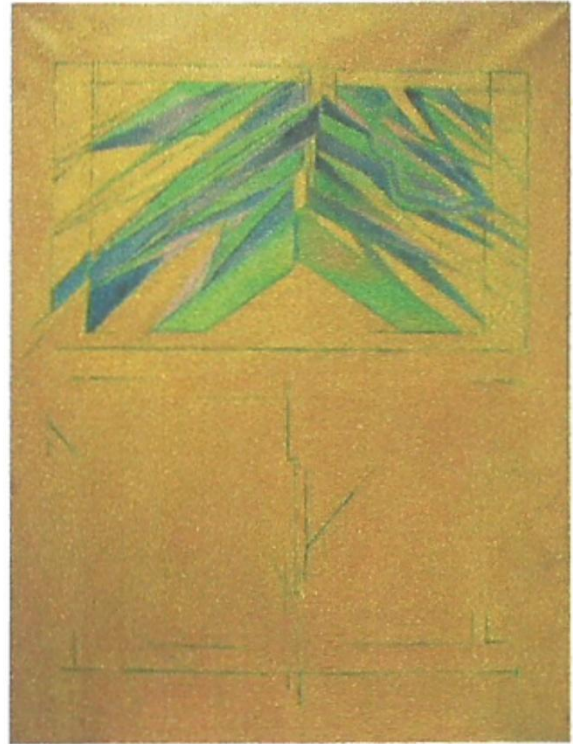
António Quadros, 1958, Retrato de Lídia



Eduardo Nery, 1971, s/título



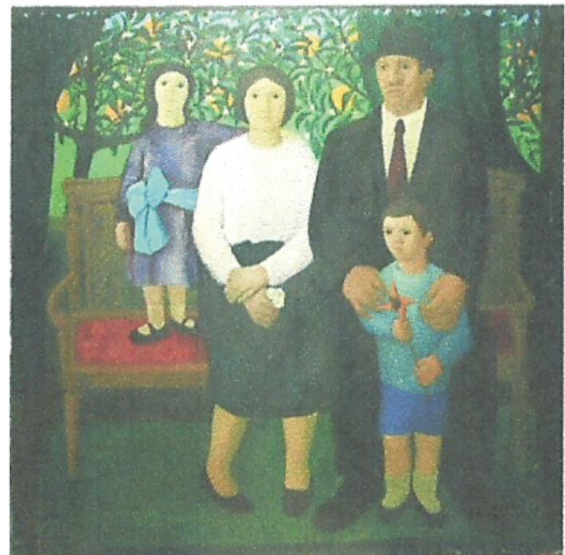
Espiga Pinto, 1959, Menina com Papoilas



Helena Almeida, 1966, s/título



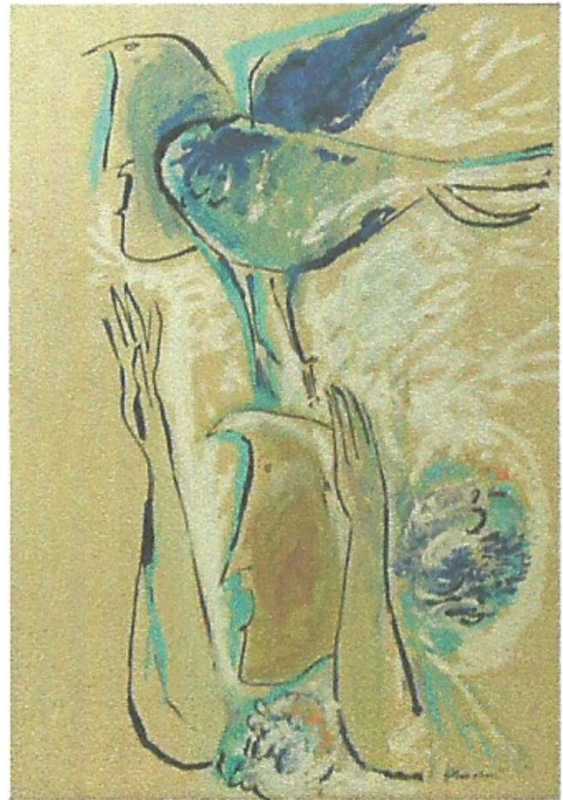
Jorge Pinheiro, 1955, Menino com Flor



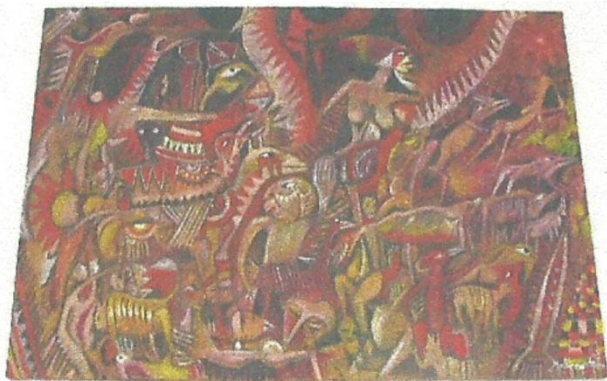
Jorge Pinheiro, s/data, Família



Ilídio Salteiro, s/data, s/título



Querubim Lapa, 1960, s/título



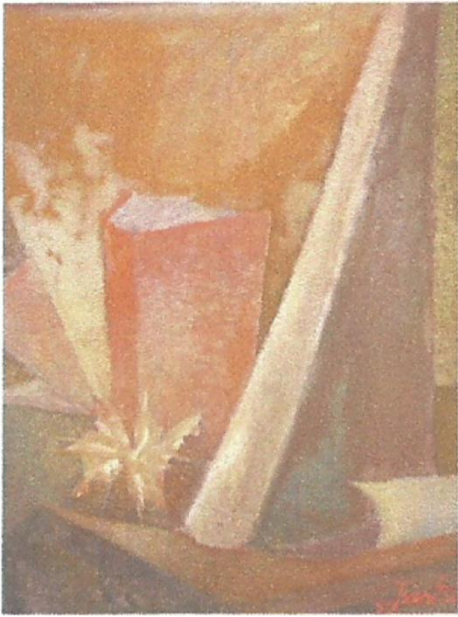
Malangatana, 1997, s/título



Rogério Ribeiro, 1973, Avião



Rogério Ribeiro, 1973, Agressão IV



Manuel Baptista, 1959, s/título



Os Quatro Vintes, 1972, Bolas para Josefa



Alberto Carneiro, 1967, Escultura



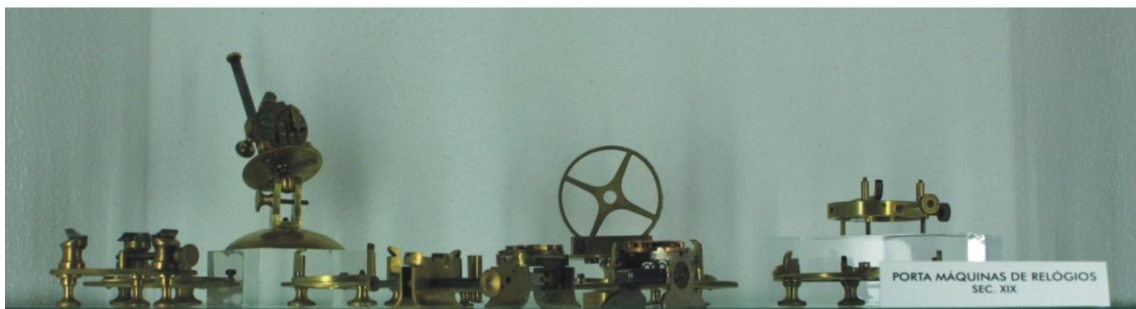
Espiga Pinto, 1962, Escada



Engenhos, materiais e datações diversas



Engenhos, materiais e datações diversas



Engenhos, materiais e datações diversas

Anexo VI

Programação Cultural

Programação 2007		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
24/3	Inauguração do Armazém das Artes Visita acompanhada por Performances	Academia de Música de Alcobaça Alexandre Delgado CêDêCê Manuel Freire Olga Pratts S.A. Marionetas
14/5-16/9	Exposição <i>Escultura com afectos</i>	Concerto pelo Opus Ensemble
30/6	<i>Conferência</i> subordinado ao tema <i>Exposição com afectos</i>	Professora Lúcia Almeida Matos
20/7	<i>Concerto de Jazz</i>	Brass Band – Dixie Land
1-9/9	<i>Festival Internacional de Contos Mágicos</i>	António Fontinha e José Craveiro
15/9	<i>Conferência sobre Escultura Contemporânea</i>	Nuno Crespo e Rui Chafes
16/9	Homenagem a músicos de Alcobaça <i>3 Cartas Brancas a 3 Músicos de Alcobaça</i>	Sérgio Carlonino, António Rosa e Manuel Campos
27/9-24/11	Exposição <i>Escultura com afectos</i>	Sociedade Nacional de Belas Artes – Lisboa
6/10-31/12	<i>Marionetas em Alcobaça 1979/2007</i>	<i>10º Festival Nacional de Teatro de Marionetas</i> Companhia S.A. Marionetas
6/10-31/12	Exposição <i>Costa Pinheiro – Obra Gráfica 1953/2007</i>	Colaboração com a Casa da Cerca
6/10-31/12	Exposição <i>Costa Pinheiro e “Spleen” de Mário Botas</i>	Colaboração com a Fundação Mário Botas

Programação 2008		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
5/4-3/8	1º Aniversário do AA Exposições: <i>50 Fotografias e 1 ateliê</i> <i>Esculturas de José Aurélio</i> <i>Aparelhos de Precisão</i>	Doação do fundador ao AA Núcleo museológico com peças do acervo do AA
19/4	<i>Concerto do Duo de Percussão da Emol</i> – Escola de Música do Orfeão de Leiria	Tomás Rosa e Eduardo Cardinho
Abril	Abertura da loja do AA	
14, 21 e 28/6	<i>Workshop de Teatro</i>	Cláudio Teixeira
Julho	<i>Férias no AA</i> [tema: Vem fazer uma escultura]	
21/8	<i>Apresentação do CD Agreements & Disagreements</i> <i>e Portuguese Massive Low Brass Society</i>	
19, 20, 21/9	<i>Rabiscuits, 3ª edição</i>	Mostra de Arte Experimental de Alcobaça
27/9	<i>Passagem de modelos</i> de apresentação da colecção da loja Lollipop	
10-12/10	<i>Marionetas na Cidade</i>	11º Festival Nacional de Teatro de Marionetas Companhia S.A. Marionetas
25/10-18/11	Exposição <i>Modelar o Espaço</i>	Alberto Carneiro, Álvaro Carneiro, Carlos Barreira, Francisco Tropa, Isabel Garcia, Sara Matos e Virgínia Fróis.
25/10-18/1	Exposição <i>Desenhos de António Soares</i>	
25/10	<i>Concerto de Jazz</i>	Septeto do Hot Clube de Portugal
29/11	<i>Apresentação do Livro A Padeira de Aljubarrota</i>	Autoria de Vanda Furtado Marques e Ilustração de Susanne Estêvão da Silva

Programação 2009		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
31/1-1/3	Exposição <i>Encontros com as Invasões Francesas</i>	
17/4	<i>Concerto</i>	Miguel Sousa
25/4	<i>Apresentação do livro Uma Noite de Insónia</i>	Autor José Alberto Vasco Papiro Editora
11/4-31/5	Exposição <i>O último Porto do Mediterrâneo – Mértola em Alcobaça</i>	
20-21/6	<i>Workshop de Curadoria de Exposições</i>	Colaboração AntiFrame, Cláudia Camacho
27/6-27/9	Exposições: <i>Pintura com Afectos</i> <i>Desenhos de Júlio Resende</i> <i>Memórias</i> <i>Colecções</i>	
Julho	<i>Ateliê de leitura e expressão plástica</i> <i>Viagens d'O Senhor Custódio</i>	
15-17/7	<i>Férias no AA [atelier de pintura]</i>	
5-27/9	<i>1ª Mostra de vídeos</i> <i>Pintura colectiva</i> <i>Gravura: esta mútua aprendizagem</i> <i>Ana Hatherly – a mão inteligente</i> <i>Nikias Skapinakis: o teatro dos outros</i> <i>Ngwenia, o crocodilo</i>	Movimento Democrático dos Artistas Plásticos Jorge Silva Melo Luís Alves de Matos Jorge Silva Melo Isabel Noronha

(continuação) Programação 2009

Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
19-21/09	<i>Rabiscuits</i>	Mostra de Arte Experimental de Alcobaça, 4ª edição
27/6-27/9	Exposições: <i>Pintura com Afectos</i> <i>Desenhos de Júlio Resende</i> <i>Memórias</i> <i>Colecções</i>	
3/10	<i>Espectáculo Musical e Audiovisual</i> Lendas indígenas e Músicas afro-brasileiras	Organização de Missão do Brasil junto à CPLP do centro cultural Malaposta, do Gabinete para os meios de comunicação social e do Armazém das Artes
15/12	<i>Apresentação do livro Escrita de Luz – Ponte de Afectos</i>	Margarida Martins, imagens Rui Rasquilho, historiador
13/12-28/2	Exposição <i>O Guarda, o Pão e o Camponês de Jorge Pinheiro</i>	
18/12-7/1	<i>Exposição organizada pela Santa Casa da Misericórdia</i>	
20/12	<i>Lançamento do livro Metamorfoses</i>	Autor Margarida Soares Cardoso Papiro Editora

Programação 2010		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
27/3-27/6	Exposição <i>O Jorge e Eu, Eu e o José</i>	Desenhos de Jorge Pinheiro, Esculturas de José Aurélio
27/2-27/6	Exposições: <i>Bonecos do Mundo</i> <i>Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Aurélio, Alberto Carneiro</i>	
27/3-27/6	Exposição <i>Sobre o Sentido de Um Trajecto de Armando Alves</i>	
17/4	<i>Concerto com Miguel Sousa</i>	
17/4	<i>Tertúlia de Poesia</i>	
31/7-31/10	Exposição de <i>Pintura Quatro</i> - Sofia Areal, Manuel Casimiro, Jorge Martins, Nikias Skapinakis	Colaboração de Artistas Unidos
31/7-31/10	Exposição de <i>Desenho – Entre o Dia e o Sonho de Carlos Roxo</i>	
31/7-31/10	Exposição <i>Herbário Criativo</i>	Colaboração com a Casa da Cerca
31/7-31/10	<i>Núcleo Museológico – Anemómetros e Outros Engenhos</i>	
25/9	<i>Apresentação do disco Guruka de Nelson Cascais</i>	
16/10-31/1	Exposição <i>Quem fez a República e a República em Alcobaça</i>	Colaboração com a fundação Mário Soares
	<i>Conferências no âmbito da exposição</i> <i>Quem fez a República e a República em Alcobaça</i>	Prof. Isabel Xavier, Prof. Rui Vieira Nery, Prof. Leonor Carvalho e Prof. João Serra
27/11-27/2	Exposição de <i>Rogério Ribeiro</i>	Pintura, Desenho, Gravura
27/11	Exposição <i>As Siglas do Mosteiro</i>	
13/12-28/2	Exposição <i>O Pão</i>	
27/11	Exposição <i>As Siglas do Mosteiro</i>	
27/11-27/2	Exposição de <i>Alberto Carneiro, Escultura e Desenho</i>	
11/12	<i>Conversa sobre as Siglas do Mosteiro</i>	Dr. ^a Maria Augusta e o Escultor José Aurélio

Programação 2011		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
27/3	Celebração do 4º aniversário do AA	Assinatura do protocolo com a C.M. Almada
27/3-26/6	Exposições: <i>Arte Contemporânea</i> <i>Obras da colecção do Município de Almada</i> <i>Desenho, Escultura, Fotografia</i>	Exposição de peças do acervo do museu naval
18-19/3	<i>Espectáculo de Teatro "Brilhantes"</i> de António Tarantino	Actores João de Brito e Tiago Nogueira
27/3-26/6	Exposição <i>3D / 2D – DIMENSÃO TROCADA</i>	Esculturas de José Aurélio, em Almada fotografadas por José L. Guimarães
23/4	<i>Espectáculo Cli-xé</i> <i>Concerto Jazz</i>	Gonçalo Tarquínio Hugo Trindade Trio
16/7-16/10	Exposições: <i>Esculturas de Rui Vasquez</i> <i>Máquinas Fotográficas</i> <i>Fotografias de João Daniel Desenhos de José Paulo Ferro</i>	
1/10	<i>Oficina [É Fácil Aprender Música]</i>	Dia Mundial da Música – Ana Maria Duarte e Cármen Tomás
13, 14/10	<i>14º festival Nacional de Teatro de Marionetas</i>	
15/10	<i>Concerto Rondo da Carpideira</i>	Ana Pereira
22/10 29/10	<i>Conversas abertas com...</i> Rui Vieira Nery sobre discos Pedro Bernardo e José Aurélio sobre Arte Pública	
22/10	<i>Apresentação do álbum Phantoms of Youth</i>	Kai Streier
15/10, 5/11, 10/12	<i>Ciclo de Formações de Fotografia – A Forma</i>	

(continuação) Programação 2011		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
Out., Nov., Dez.	<i>Livros com Arte</i>	
29/10	O Rapaz de Bronze	
12/11	A estrela	
10/12	A noite de Natal	
28-30/10	<i>Exposição Colectiva</i>	No âmbito do Rabiscuits – bienal de arte experimental
29/10	<i>Música experimental e performance</i> Projecto Nome – Cabra-Cega	
6/11	<i>Lançamento do livro As Incríveis Aventuras de Dog Mendonça e Pizzaboy – vol. 2 Apocalipse</i>	Presença de Filipe Melo
12/11	<i>Concerto Stp - Trio</i>	
13/11	<i>Concerto Miguel Sousa – Piano Solo</i>	
19/11	<i>Concerto Saxofónia, Tango, Fandango & Pau Brasil</i>	
19-20/11	<i>Workshop de Iniciação às Técnicas de Interpretação – criatividade e improvisação</i>	David Granada e Tomé Simão Dionísio
26/11	<i>Oficina [Brincar aos Cientistas]</i>	
26/11-26/2	Exposições: <i>Eu Silvino Villa Nova</i> <i>Pratos de Guerra – Pratos de Paz</i> <i>Armando Menezes</i> <i>Da Válvula ao Transitor</i>	Homenagem a Silvino Villa-Nova Pintura Núcleo Museológico
10/9	<i>Lançamento do livro Na palma da língua e algumas respirações</i>	Autor Luís Pedro Ferreir

(continuação) Programação 2011		
Data	Tipo de evento/actividade	Principais intervenientes/ colaborações
17-22/12	<i>Férias de Natal</i>	David Granada e Tomé Simão Dionísio
19-21/12	Oficina Projecto de Cartão A Caixa Mágica de Luz	Ana Pereira
	<i>Cursos livre de Dança</i>	Parceria com a Academia de Dança de Alcobaça

Anexo VII

Inquéritos realizados

(ponto de partida para a concepção do projecto de serviço educativo)

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 29 anos, Curso técnico-profissional, Frequentemente
? para que serve	Para guardar e recordar com o passar do tempo
? parece com alguma coisa	Sim
? conheces outros objectos parecidos	Sim, muitos
? tem quantas partes	Muitas partes e diferentes
? de que material é feito	Variados, os mais predominantes são o metal, a madeira e o plástico
? os materiais têm a ver uns com os outros	Não, cada qual tem uma função diferente
? será que funciona, como	Algumas peças ainda trabalham mas outras não
? de onde poderá ter vindo	Da garagem, do campo, da adega, do mar, entre outros
? sabes quem o fez	O homem para poder trabalhar
? qual será a sua história	Dos ofícios do passado...
? o que é que tem a ver com este sitio	Tudo porque estamos num museu de arte
? podia estar noutra sítio	Sim podia, onde haja arte
? o que é isto	Arte
? o que mais gostas	Do ninho
? o que menos gostas	Do balão experimental
? sentimento/emoção que te transmite	Limalha = trabalho duro
? algo que te identifique/ligue	Tempo antepassado

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 40 anos, Licenciatura, Ocasionalmente
? para que serve	Retractar
? parece com alguma coisa	Ferramentas de trabalho
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	5
? de que material é feito	Ferro/metal
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim
? será que funciona, como	Sim, mostra a evolução, diferentes épocas e profissões
? de onde poderá ter vindo	Dos sítios de onde eram utilizados (os objectos)
? sabes quem o fez	Pensei: um Homem, fui ver: José Aurélio
? qual será a sua história	Tudo indica que colecionou os objectos e que foi construindo esta peça
? o que é que tem a ver com este sitio	Evolução! A exposição aqui à volta das máquinas fotográficas também mostra a sua evolução
? podia estar noutro sítio	Sim, devia estar na rua para se relacionar com o todo, pois ali está a civilização
? o que é isto	É uma montra, uma expressão de evolução da Humanidade
? o que mais gostas	O medidor do tempo – ampulheta
? o que menos gostas	Ossos – simbolizam o FIM
? sentimento/emoção que te transmite	Grandiosidade e complexidade
? algo que te identifique/ligue	Massetta

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 37 anos, Licenciatura, Ocasionalmente
? para que serve	Tornar eterno um momento
? parece com alguma coisa	Memórias de uma vida
? conheces outros objectos parecidos	Conheço
? tem quantas partes	2
? de que material é feito	Vários...
? os materiais têm a ver uns com os outros	Alguns
? será que funciona, como	Funciona: complementam-se
? de onde poderá ter vindo	De uma vida
? sabes quem o fez	Não
? qual será a sua história	Evolução
? o que é que tem a ver com este sitio	Regista momentos no tempo
? podia estar noutra sítio	Não
? o que é isto	Pedaços de uma vida registados no tempo
? o que mais gostas	Do ninho
? o que menos gostas	Do crânio
? sentimento/emoção que te transmite	Saudade
? algo que te identifique/ligue	O ninho

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 63 anos, Ensino básico, Ocasionalmente
? para que serve	Rever peças que não via há muito
? parece com alguma coisa	Com peças que já usei
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	4
? de que material é feito	Ferro, cobre, madeira, plástico
? os materiais têm a ver uns com os outros	Não
? será que funciona, como	Algumas ferramentas sim
? de onde poderá ter vindo	Do mar, da natureza e do Homem
? sabes quem o fez	Não
? qual será a sua história	Coleccionador
? o que é que tem a ver com este sitio	É um museu
? podia estar noutro sítio	Sim, noutro equivalente
? o que é isto	Uma redoma com objectos
? o que mais gostas	Enxada
? o que menos gostas	Nada
? sentimento/emoção que te transmite	Muitas....
? algo que te identifique/ligue	Enxada

? Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 60 anos, Ensino básico, Ocasionalmente
? para que serve	Para decorar
? parece com alguma coisa	Uma montra
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	Muitas
? de que material é feito	Cobre, ferro, madeira, ...
? os materiais têm a ver uns com os outros	Não
? será que funciona, como	Não
? de onde poderá ter vindo	Do mar, da natureza, de um ferreiro
? sabes quem o fez	Um coleccionador
? qual será a sua história	Da antiguidade
? o que é que tem a ver com este sitio	Porque mostra coisas que devem ser guardadas
? podia estar noutra sítio	Sim, noutra museu
? o que é isto	Uma peça de arte feita com muitas ferramentas
? o que mais gostas	Ferradura
? o que menos gostas	Nada
? sentimento/emoção que te transmite	Saudade
algo que te identifique/ligue	Balança

? Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 11 anos, Ensino básico, Ocasionalmente
? para que serve	Enfeitar
? parece com alguma coisa	Lixo
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	6
? de que material é feito	Vários: metal, madeira...
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim
? será que funciona, como	Sim
? de onde poderá ter vindo	Da garagem do dono
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Das antiguidades que o formam
? o que é que tem a ver com este sitio	Com esta sala nada com o museu sim
? podia estar noutro sítio	Sim
? o que é isto	Um conjunto de coisas...
? o que mais gostas	O crânio de cabra
? o que menos gostas	Enxada
? sentimento/emoção que te transmite	Sabedoria
algo que te identifique/ligue	Chip

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 27 anos, Mestrado, Ocasionalmente
? para que serve	Para mostrar vários objectos que eram úteis antigamente
? parece com alguma coisa	Não, são vários objectos, todos diferentes mas com algumas semelhanças
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	4
? de que material é feito	Vários: ferro, madeira, pedra, etc.
? os materiais têm a ver uns com os outros	Não, nada
? será que funciona, como	Não
? de onde poderá ter vindo	Da casa da minha avó! São coisas antigas que vieram de vários sítios e de várias zonas
? sabes quem o fez	Sim, o escultor José Aurélio
? qual será a sua história	As vivências do escultor
? o que é que tem a ver com este sitio	Armazém das Artes = criação, inovação, irreverência
? podia estar noutro sítio	Não
? o que é isto	A junção de vários objectos diferentes que poderão representar a infância do escultor
? o que mais gostas	Do conjunto de todas as peças
? o que menos gostas	A placa de computador está fora do contexto
? sentimento/emoção que te transmite	Confusão
? algo que te identifique/ligue	A arrumação das bijutarias nas gavetas

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 30 anos, Curso técnico-profissional, Ocasionalmente
? para que serve	Observar
? parece com alguma coisa	Não
? conheces outros objectos parecidos	Sim, vários
? tem quantas partes	5
? de que material é feito	Variados: madeira, vidro e ferro
? os materiais têm a ver uns com os outros	Alguns sim
? será que funciona, como	Funciona como um objecto único
? de onde poderá ter vindo	Vários sítios: natureza, casas antigas, adegas, da nossa infância
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Não deve ter só uma história...
? o que é que tem a ver com este sitio	Armazenar recordações
? podia estar noutra sítio	Talvez...
? o que é isto	Um amontoado de objectos antigos com algum significado para quem os juntou e decidiu colocar em exposição para que todos tenhamos a oportunidade de questionar o seu significado
? o que mais gostas	Pião e os berlindes porque me lembram a infância.
? o que menos gostas	Não gosto de pensar o que será aquele crânio
? sentimento/emoção que te transmite	Vejo o tempo a andar para trás quando olho para tudo isto! Sinto que alguns dos objectos que aqui foram colocados têm uma história muito pessoal com o autor
? algo que te identifique/ligue	Pião e os berlindes porque me lembram a infância.

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 27 anos, Mestranda, Frequentemente
? para que serve	Observar, contemplar
? parece com alguma coisa	Aglomerado, oficina, material de trabalho
? conheces outros objectos parecidos	Não
? tem quantas partes	1
? de que material é feito	Variados: madeira, metal, objectos naturais, têxtil, plástico, vidro, cobre
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim
? será que funciona, como	
? de onde poderá ter vindo	De um ateliê
? sabes quem o fez	Sim
? qual será a sua história	Vida
? o que é que tem a ver com este sitio	Tem a ver enquanto representação de um percurso de vida, a sua obra e o espaço que sempre lhe foi familiar e que também acompanhou o seu percurso
? podia estar noutro sítio	Não faria sentido...
? o que é isto	Um conjunto de memórias
? o que mais gostas	Da confusão de objectos
? o que menos gostas	Do vidro que reflecte a minha imagem e não me deixa fotografar
? sentimento/emoção que te transmite	Caixa de memórias, "recortes", pedaços de uma vida
? algo que te identifique/ligue	Caixa de memórias, "recortes", pedaços de uma vida

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 29 anos, Licenciatura, Frequentemente
? para que serve	Explorar, criar
? parece com alguma coisa	Arrecadação de memórias
? conheces outros objectos parecidos	Não
? tem quantas partes	Uma, subdividida
? de que material é feito	Madeira, ferrugem, ideias
? os materiais têm a ver uns com os outros	Maioritariamente sim
? será que funciona, como	
? de onde poderá ter vindo	De locais de criação, oficina de artesãos
? sabes quem o fez	Sim
? qual será a sua história	Várias, pelo menos uma de cada objecto
? o que é que tem a ver com este sitio	Relação com Armazém, criação, arte
? podia estar noutra sítio	Sim
? o que é isto	Uma colecção
? o que mais gostas	Do jogo de cor, dos objectos e a sua disposição anárquica
? o que menos gostas	Da placa do PC, parece deslocado
? sentimento/emoção que te transmite	Confusão
? algo que te identifique/ligue	Esporas, esporins, devido ao meu trabalho

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 31 anos, Licenciatura, Ocasionalmente
? para que serve	Para o que serve toda a arte
? parece com alguma coisa	Com o humano: uma confusão
? conheces outros objectos parecidos	Conheço
? tem quantas partes	Tem uma
? de que material é feito	Vários
? os materiais têm a ver uns com os outros	Uns sim outros não, mas estão interligados
? será que funciona, como	Depende de quem vê
? de onde poderá ter vindo	Da mente do autor
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Sei pouco da sua história
? o que é que tem a ver com este sitio	Evolução
? podia estar noutra sítio	Claro, em todo o sítio
? o que é isto	Depende do dia... mas é sempre arte
? o que mais gostas	De vários objectos
? o que menos gostas	Do excesso de materiais
? sentimento/emoção que te transmite	Confusão
? algo que te identifique/ligue	

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 28 anos, Mestranda, Frequentemente
? para que serve	observar, reflectir, descobrir e comparar
? parece com alguma coisa	cantinho de armazém de alguém sábio (objectos = memórias)
? conheces outros objectos parecidos	faço analogias com as minhas memórias, mas pela pequenez das minhas, logo me reporto às estórias relatadas por pessoas mais velhas como os meus avós; comparo-as ainda a um tesouro
? tem quantas partes	eu diria que tem muitas mas todas convergem numa única, que lhe dá uma identidade própria. (provavelmente se os objectos que a compõem estivessem dispostos doutra forma não teriam a mesma leitura)
? de que material é feito	eu diria em primeira instância que tratando-se de memórias OURO, depois madeiras, metais, materiais bio,...
? os materiais têm a ver uns com os outros	como construi uma narrativa onde o tesouro prevalece, idiossincriticamente presumo que existe uma relação entre eles
? será que funciona, como	mistérios, memórias, sabedoria
? de onde poderá ter vindo	das memórias (como construção escultórica); do armazém de um sábio/mestre
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	tesouros de alguém sábio
? o que é que tem a ver com este sitio	por ser uma escultura de José Aurélio e conseqüentemente ter haver com as suas memórias e construções
? podia estar noutro sítio	Sim
? o que é isto	diria que a parte da vida de uma pessoa
? o que mais gostas	miscelânea de objectos e disposição
? o que menos gostas	não consigo responder
? sentimento/emoção que te transmite	verdades de alguém e trabalho
? algo que te identifique/ligue	miscelânea de objectos

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 33 anos, Licenciatura, Frequentemente
? para que serve	para nos mostrar a existência de diversos objectos
? parece com alguma coisa	A arca de Noé ... mas sem animais e com objectos, ah, ah, ah
? conheces outros objectos parecidos	A arca de Noé, ou sótão dos meus pais (em tamanho reduzido)
? tem quantas partes	não captei
? de que material é feito	Diversos, madeira, ferro, vidro, cobre materiais retirados da natureza, e outros...
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim, tem os objectos que servem para produzir e outros são os objectos produzidos
? será que funciona, como	
? de onde poderá ter vindo	de todos os locais por onde o Escultor passou (natureza e oficinas) , será?
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Um escultor procura e precisa de todos os materiais e instrumentos para realizar a sua obra, e no fundo a obra de um escultor resulta do conhecimento sobre materiais e objectos e vivências do mesmo.
? o que é que tem a ver com este sitio	Ora, se o Armazém pretende divulgar Arte, e sendo todos esses objectos, uns naturais outros produzidos, uma forma de arte, então sim. Está relacionado.
? podia estar noutra sítio	Se pensarmos que a peça está directamente relacionada com o escultor faz sentido que o ambiente onde se insira “transpire” o trabalho e a mensagem que ele quer transmitir.
? o que é isto	No fundo mostra-nos a evolução de tudo, será? Quero dizer, a matéria e o resultado, através do conhecimento e trabalho.
? o que mais gostas	A forma como nos transmite que tudo está relacionado
? o que menos gostas	A minha incapacidade de reconhecer todos os objectos, “incultura” minha ou falta de vivência? (minha culpa, minha tão grande culpa)
? sentimento/emoção que te transmite	É o AH de pasmo pela grandiosidade da peça
? algo que te identifique/ligue	As gavetinhas, dizem que só muito arrumadinha. Existem objectos que me dizem uns mais que outros, por os conhecer ou dar mais valor. Mas eu dou muito valor ao CONHECIMENTO para aplicação à TRANSFORMAÇÃO, levando à EVOLUÇÃO. Será que é esta a mensagem do escultor?

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 33 anos, Licenciatura, Ocasionalmente
? para que serve	Para, maioritariamente, demonstrar utensílios/objectos que a sociedade usou em tempos nas várias profissões e naturezas
? parece com alguma coisa	Uma caixa aberta para a comunidade
? conheces outros objectos parecidos	Uma obra de arte com tantos objectos juntos não!
? tem quantas partes	7
? de que material é feito	Madeira, ferro, osso, pedras, cordel, barro, papel, vidro
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim, estão organizados como se estivessem em gavetas
? será que funciona, como	Sim, para exercitar a memória humana
? de onde poderá ter vindo	De vários espaços, guardados com carinho, sentimento
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Julgo que o autor pretende transmitir aspectos da vida humana como os ofícios, mas também espaços da natureza, a evolução das descobertas
? o que é que tem a ver com este sítio	Arquivar relíquias da antiguidade
? podia estar noutro sítio	Só mesmo noutro museu
? o que é isto	A valorização do tempo
? o que mais gostas	O ninho pois representa a vida
? o que menos gostas	Caveira do animal
? sentimento/emoção que te transmite	Lembrança dos avós, saudade...
? algo que te identifique/ligue	O ninho pois representa para mim a vida, a possibilidade de voar em busca de conhecimento interior e do meio que me rodeia

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 26 anos, Licenciatura, Frequentemente
? para que serve	Para arrumar ferramentas de trabalho de um alquimista.
? parece com alguma coisa	um mini ateliê
? conheces outros objectos parecidos	Não
? tem quantas partes	Essencialmente 2 (as gavetas e a outra parte)
? de que material é feito	Madeira
? os materiais têm a ver uns com os outros	Alguns têm outros acho que não
? será que funciona, como	Sim acho q funciona, como não sei muito bem...
? de onde poderá ter vindo	da imaginação do autor...
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Talvez o autor se imaginasse como um alquimista e então decidiu juntar vários materiais que lhe pudessem ser úteis talvez para criar um determinado objecto ou qualquer coisa.
? o que é que tem a ver com este sitio	é arte e está no armazém das artes
? podia estar noutra sítio	sim podia estar num museu
? o que é isto	uma obra de arte intitulada arca do alquimista
? o que mais gostas	da diversidade de utensílios
? o que menos gostas	da caveira
? sentimento/emoção que te transmite	Criatividade
? algo que te identifique/ligue	Livros

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 28 anos, Pós graduação, Raramente
? para que serve	Penso que não serve... Ou seja, é como que uma colecção de objectos... Apenas isso!
? parece com alguma coisa	Para mim não se parece com nada que conheça.
? conheces outros objectos parecidos	Se for a analisar cada objecto, acredito que encontre muitos objectos actuais semelhantes aos apresentados
? tem quantas partes	5, sendo a de cima e 4 laterais, excluindo obviamente a parte de baixo...
? de que material é feito	madeira e ferro
? os materiais têm a ver uns com os outros	Alguns
? será que funciona, como	Penso que a utilidade de cada objecto está no seu uso individual.
? de onde poderá ter vindo	Veio de vários locais. O autor devia ser coleccionador...
? sabes quem o fez	Segundo a legenda, foi o Sr. José Aurélio
? qual será a sua história	cálculo que seja um misto de histórias e vivências. Cada objecto terá marcado o autor da obra de uma forma muito própria, tendo este decidido guardar cada um deles.
? o que é que tem a ver com este sitio	Arte?!
? podia estar noutro sítio	Talvez em casa de quem o fez, bem guardado
? o que é isto	Uma colecção (Planeta Agostini ??????)
? o que mais gostas	Não sei bem porquê, mas gosto de um objecto cuja utilidade e nome desconheço...
? o que menos gostas	Da carapaça da tartaruga... pobre animal! É a vida... ou a falta dela?!?
? sentimento/emoção que te transmite	Confusão
? algo que te identifique/ligue	Talvez a balança... Penso que é o que cada ser humano procura na vida, o equilíbrio!

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 33 anos, Licenciatura, Frequentemente
? para que serve	Para nos por a pensar e dar asas à imaginação
? parece com alguma coisa	Com a confusão de uma garagem/sótão
? conheces outros objectos parecidos	Não no seu todo, mas individualmente sim
? tem quantas partes	Quantas quisermos ver
? de que material é feito	Lata, ferro, madeira, bronze, pedra
? os materiais têm a ver uns com os outros	Alguns
? será que funciona, como	Depende da perspectiva, funciona pelo menos como estímulo da criatividade
? de onde poderá ter vindo	Do sótão da minha avó poderia vir
? sabes quem o fez	Não
? qual será a sua história	Serão muitas??
? o que é que tem a ver com este sítio	Sendo uma exposição de engenhos, estará no sítio certo
? podia estar noutra sítio	Sim
? o que é isto	Ferramentas/objectos a serem usados e criados pelo Homem
? o que mais gostas	Da mensagem que cada um tira dela
? o que menos gostas	Da confusão
? sentimento/emoção que te transmite	Expectativa
? algo que te identifique/ligue	A capacidade de criar

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 33 anos, Mestrado, Frequentemente
? para que serve	Não tem uma função utilitária, mas uma função simbólica. Serve para me deleitar, para me fazer pensar, para me recordar de outras coisas, outras pessoas, histórias do passado
? parece com alguma coisa	parece-se com os objectos em si que compõem toda a peça; a mim parece-se com muitos objectos que existiam na oficina do meu avô; parece-se com o estúdio de um artista/pintor/escultor cheio de coisas espalhadas prontas a usar para trabalhar; também pode ser a oficina de um artesão
? conheces outros objectos parecidos	sim, lembrei-me de uma instalação que era o estúdio do artista Eduardo Paolozzi e que vi há uns anos na Escócia
? tem quantas partes	não sei, teria que contar uma a uma. Mas são muitas!
? de que material é feito	metal e madeira principalmente, conchas, pele dos livros
? os materiais têm a ver uns com os outros	depende da relação que se faça: mas são todos materiais naturais (a não sei que haja uma liga metálica que é produzida e não natural); em termos subjectivos e estéticos, gosto da relação que estabelecem uns com os outros são harmoniosos
? será que funciona, como	funciona no sentido simbólico da primeira resposta funciona como máquina que desencadeia memórias a quem vê; não sei se funciona como mecanismo.
? de onde poderá ter vindo	de muitas oficinas e laboratórios científicos e depois do estúdio de um artista que juntou tudo
? sabes quem o fez	o escultor José Aurélio
? qual será a sua história	não sei
? o que é que tem a ver com este sitio	é o sítio onde o escultor tem o seu espólio guardado e disponível para apresentar ao público; não sei se este espaço foi em tempos uma oficina...
? podia estar noutro sítio	Sim
? o que é isto	uma obra de arte
? o que mais gostas	do aspecto antigo dos objectos, das cores terra, do facto de me lembrar a minha própria biografia; das gavetas
? o que menos gostas	não há assim nada
? sentimento/emoção que te transmite	curiosidade, vontade de querer saber mais
? algo que te identifique/ligue	objectos antigos, ideia de passar do tempo, ideia de arquivo

	Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 36 anos, Licenciatura, Frequentemente
?	para que serve	Para estar em exposição
?	parece com alguma coisa	Parece-se com um amontoado de velharias
?	conheces outros objectos parecidos	Não
?	tem quantas partes	Cinco
?	de que material é feito	Madeira, vidro, rochas e metais diversos
?	os materiais têm a ver uns com os outros	Sim
?	será que funciona, como	No global não! Talvez objecto a objecto
?	de onde poderá ter vindo	De todo o lado
?	sabes quem o fez	José Aurélio
?	qual será a sua história	Um local onde o Homem possa encontrar todos os objectos que necessite
?	o que é que tem a ver com este sitio	não faço ideia
?	podia estar noutra sítio	Sim
?	o que é isto	a arca do alquimista
?	o que mais gostas	das gavetas com as divisões, organização dentro do caos
?	o que menos gostas	da caveira
?	sentimento/emoção que te transmite	curiosidade pelos pormenores
?	algo que te identifique/ligue	lamparina de vidro

	Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 42 anos, Licenciatura, Frequentemente
?	para que serve	Observar enquanto arte
?	parece com alguma coisa	Cultura africana
?	conheces outros objectos parecidos	Sim
?	tem quantas partes	1
?	de que material é feito	Diversos: madeira, ferro, papel, ossos, cabedal, conchas...
?	os materiais têm a ver uns com os outros	Sim combinam
?	será que funciona, como	
?	de onde poderá ter vindo	Boa pergunta, talvez de lugares longínquos
?	sabes quem o fez	Não
?	qual será a sua história	Bom talvez sobre a antiguidade
?	o que é que tem a ver com este sitio	Enquadra-se no museu
?	podia estar noutro sitio	Sim noutro museu
?	o que é isto	Uma obra de arte no seu conjunto, em que cada elemento compõem um significado acerca do Homem
?	o que mais gostas	Do conjunto, se cada objecto estivesse sozinho não representava uma obra de arte mas antes objectos utilizados pelo Homem e elementos da natureza (primórdios do Homem)
?	o que menos gostas	
?	sentimento/emoção que te transmite	
?	algo que te identifique/ligue	

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 15 anos, Ensino básico, Frequentemente
? para que serve	Para as pessoa verem, para expor
? parece com alguma coisa	Não
? conheces outros objectos parecidos	Não
? tem quantas partes	4
? de que material é feito	Madeira, ferro, plástico, vidro, osso, papel
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim
? será que funciona, como	Os materiais estão todos interligados
? de onde poderá ter vindo	De muitos lugares, pois os materiais utilizados têm origens diferentes
? sabes quem o fez	José Aurélio
? qual será a sua história	Juntaram-se muitos materiais
? o que é que tem a ver com este sitio	Normalmente num armazém arruma-se coisas e esta escultura é uma peça de arte, logo armazém das artes, arrumar uma peça de arte...
? podia estar noutro sítio	Sim, noutra exposição
? o que é isto	Um monte de coisas
? o que mais gostas	O facto de serem coisas velhas, antigas
? o que menos gostas	Das cores
? sentimento/emoção que te transmite	Desorganização
? algo que te identifique/ligue	Os livros

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 10 anos, Ensino básico, Frequentemente.
? para que serve	Para guardar coisas
? parece com alguma coisa	A casa das ferramentas
? conheces outros objectos parecidos	Não
? tem quantas partes	5
? de que material é feito	Madeira, ferro, metal, plástico, cascas de animais, papel, osso, vidro, penas e pedras
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim
? será que funciona, como	Os materiais estão todos ligados uns aos outros
? de onde poderá ter vindo	De muitos lugares
? sabes quem o fez	Sim, José Aurélio
? qual será a sua história	São peças que se juntaram
? o que é que tem a ver com este sitio	Porque este armazém é um sítio de artes e esta é uma obra de arte
? podia estar noutra sítio	Sim, no museu
? o que é isto	É um conjunto de velharias
? o que mais gostas	Da pena e do macaco
? o que menos gostas	Do osso
? sentimento/emoção que te transmite	Uma coisa velha
? algo que te identifique/ligue	O pião porque goste de brincar com ele

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Feminino, 4 anos, - Frequentemente.
? para que serve	<p>Bonito!</p> <p>Tem gavetas, pião, tesoura, bola, senhor, osso, bolinhas, praia: S. Martinho do Porto!</p> <p>Caroço, pilhas, cinto, colares, pregos, olhos, bolas.</p> <p>Parece prateado, dourado, se calhar tem ouro! Tem colares, conchas, coisas para a pesca, moedas, um macaquinho, histórias.</p> <p>Olha um moinho! Penas de pássaros, um ninho com berlindes.</p> <p>Pode ser um robot, não tem ficha mas dá para por pilhas!</p> <p>Não sei porque aqui está...deve ter vindo de muito longe e deve ser muito velho! Se estivesse na rua ninguém a conseguia ver porque estragava-se com o sol, ficava tudo mole...</p> <p>Não tem dono, deve ter sido um senhor que fez as coisas todas e guardou-as aqui para as pessoas verem.</p> <p>A história dele é ser inventor!</p> <p>Tem duas partes, ou quatro... mas lá dentro são milhões!</p> <p>Não sei o que é!</p> <p>Eu gosto mais da bola de ouro.</p> <p>Gosto menos do senhor, do osso e do macaquinho.</p> <p>Uma coisa que tem a ver comigo pode ser os colares!</p>
? parece com alguma coisa	
? conheces outros objectos parecidos	
? tem quantas partes	
? de que material é feito	
? os materiais têm a ver uns com os outros	
? será que funciona, como	
? de onde poderá ter vindo	
? sabes quem o fez	
? qual será a sua história	
? o que é que tem a ver com este sitio	
? podia estar noutro sítio	
? o que é isto	
? o que mais gostas	
? o que menos gostas	
? sentimento/emoção que te transmite	Nota: este inquérito foi gravado. Colocamos as questões e ouvimos a criança enquanto explorava a obra enquanto registámos as suas observações.
? algo que te identifique/ligue	

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 18 anos, Ensino secundário Raramente.
? para que serve	Estar num museu
? parece com alguma coisa	Todas juntas parecem uma bancada de trabalho
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	Dezenas?
? de que material é feito	Vidro, papel, ferro, metal, madeira, plástico, etc.
? os materiais têm a ver uns com os outros	Sim, servem para trabalhar
? será que funciona, como	Não é para funcionar mas para olhar!
? de onde poderá ter vindo	De oficinas... mas também tem coisas da natureza.
? sabes quem o fez	Não
? qual será a sua história	Alguém curioso e engenhocas que juntou todas estas coisas para mostrar que foram importantes
? o que é que tem a ver com este sitio	É um museu e nos museus há coisas antigas e obras de arte, tal como esta
? podia estar noutro sítio	Noutro museu
? o que é isto	Uma obra de arte feita com coisas antigas e algumas menos antigas
? o que mais gostas	De ver tantos objectos diferentes, alguns nem conheço
? o que menos gostas	Não sei, não há nada que me incomode
? sentimento/emoção que te transmite	Imaginação
? algo que te identifique/ligue	As correntes porque uso umas parecidas

Sexo, idade, habilitações, Frequência a espaços/culturais	Masculino, 7 anos, Ensino básico Ocasionalmente
? para que serve	Guardar coisas
? parece com alguma coisa	Com ferramentas e outros utensílios
? conheces outros objectos parecidos	Sim
? tem quantas partes	4
? de que material é feito	Ouro, madeira, ferro, plástico, vidro, conchas, ossos e outros
? os materiais têm a ver uns com os outros	Não, são todos diferentes
? será que funciona, como	Acho que não se mexe
? de onde poderá ter vindo	De um armazém onde havia estas coisas todas
? sabes quem o fez	Não
? qual será a sua história	Pode ser uma experiência, também tem coisas de laboratório
? o que é que tem a ver com este sitio	Não sei mas deve estar guardado para a podermos ver, na rua estragava-se
? podia estar noutra sítio	Acho que sim
? o que é isto	Muitas coisas misturadas
? o que mais gostas	O balão de vidro porque é de fazer experiências
? o que menos gostas	Não gosto do ninho porque pássaros ficaram sem casa
? sentimento/emoção que te transmite	Fico curioso
? algo que te identifique/ligue	Os frascos das experiências